



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOYCE CRISTINA DOS SANTOS AGUIAR

**O PAPEL DO GÊNERO NA EXPERIÊNCIA DO DESEMPREGO DE CASAIS
PORTUGUESES E BRASILEIROS**

SÃO CARLOS – SP

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOYCE CRISTINA DOS SANTOS AGUIAR

**O PAPEL DO GÊNERO NA EXPERIÊNCIA DO DESEMPREGO DE CASAIS
PORTUGUESES E BRASILEIROS**

Tese apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

Orientação: Profa. Dra. Anne Marie Fontaine (UP)
Coorientação: Profa. Dra. Elizabeth Joan Barham (USFCar)
Profa. Dra. Marisa Matias (UP)

Joyce Cristina dos Santos Aguiar
2017



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

COMISSÃO JULGADORA DA TESE DE DOUTORADO

Joyce Cristina dos Santos Aguiar

São Carlos, 27/10/2017

Amâncio da Costa Pinto

Prof. Dr. Amâncio da Costa Pinto (Presidente)
Universidade do Porto/UP

Elizabeth Joan Barham

Prof.ª Dr.ª Elizabeth Joan Barham
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Joaquim Armando Gomes Alves Ferreira

Prof. Dr. Joaquim Armando Gomes Alves Ferreira
Universidade de Coimbra/UC

Prof.ª Dr.ª Zilda Aparecida Pereira Del Prette *Prette*
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Certifico que a sessão de defesa foi realizada com a participação à distância da Prof.ª Dr.ª

Zilda Aparecida Pereira Del Prette

e, depois das arguições e deliberações realizadas, a participante à distância está de acordo com o conteúdo do parecer da comissão examinadora redigido no relatório de defesa da aluna Joyce Cristina dos Santos Aguiar.

Maria Claudia Perdigão Andrade

Prof.ª Dr.ª Maria Claudia Perdigão Andrade
Instituto Politécnico de Coimbra/IPC

José Manuel Almeida de Castro

Prof. Dr. José Manuel Almeida de Castro
Universidade do Porto/UP

Submetida à defesa em sessão pública
realizada às 10:30h no dia 27/10/2017 na Universidade
do Porto.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Amâncio da Costa Pinto
Prof.ª Dr.ª Elizabeth Joan Barham
Prof. Dr. Joaquim Armando Gomes Alves Ferreira
Prof.ª Dr.ª Zilda Aparecida Pereira Del Prette
Prof.ª Dr.ª Maria Claudia Perdigão Andrade
Prof. Dr. José Manuel Almeida de Castro

Homologada pela CPG-PPGpsi na

Reunião no dia ____/____/____

Prof.ª Dr.ª Débora de Hollanda Souza
Coordenadora do PPGpsi

Resumo

Dentre as mais notórias sequelas da atual crise financeira internacional está a elevada taxa de desemprego, tanto no Brasil como em Portugal. Estudos indicam que, em tempos de recessão económica, há um aumento dos problemas psicossociais e que o cenário de incerteza sobre conseguir um outro emprego gera, nas pessoas desempregadas, uma redução do bem-estar. Uma boa parte destes estudos centra-se somente na análise do impacto psicológico do desemprego ao nível individual, sendo poucos os estudos que investigam o modo como o desemprego impacta a família, seja por analisar diferentes tipos de configuração familiar de desemprego (desemprego masculino, desemprego feminino e duplo desemprego), seja pela análise dos efeitos de *crossover* entre os membros do casal. Na presente pesquisa, um primeiro olhar qualitativo sobre a experiência de desemprego permitiu identificar, além dos aspetos negativos, também aspetos positivos, realçando a importância de fatores protetores na situação de desemprego. Considerando a complexidade do sistema familiar, onde o indivíduo participa simultaneamente de pelo menos três subsistemas (individual, conjugal e parental), esta investigação analisou o papel das variáveis individuais e familiares no nível de satisfação com o desempenho de papéis nos três subsistemas (satisfação com a vida, satisfação conjugal e satisfação parental). Para isso, comparamos três diferentes grupos de acordo com a configuração do desemprego na família, dadas as diferenças entre o desempenho de papéis profissionais e familiares, que estão ligadas a questões de género. Nas amostras de ambos os países, observou-se que o grupo em que os dois membros do casal estavam em desemprego mostrou-se o grupo mais vulnerável, com menores indicadores de satisfação. Aferiu-se ainda a importância da empatia conjugal, da autoeficácia e da coesão familiar sobre os níveis de satisfação. As influências de *crossover* entre o casal manifestaram-se nas situações em que a mulher está em desemprego (grupos duplo desemprego e desemprego feminino): quanto mais empáticos os homens são, maior a satisfação conjugal das esposas. Em situação de desemprego unicamente das esposas, a percepção de coesão familiar por parte de ambos os cônjuges impacta tanto na própria satisfação com a vida como na do outro cônjuge. Os resultados ressaltam a intensidade do desemprego sobre as famílias, independentemente do país, evidenciando uma componente transcultural desta experiência.

Abstract

Among the most notorious consequences of the current international financial crisis is the high unemployment rate, in both Brazil and Portugal. Studies indicate that, during periods of economic recession, there is an increase in psychosocial problems, as uncertainty about finding another job causes a decrease in individual well-being. Most studies on the effects of unemployment have been focused on the psychological impacts at the individual level. Few studies have examined how unemployment affects the family, by using different configurations of family unemployment (male unemployment, female unemployment and families in which both members of the couple are unemployed) or by investigating crossover effects, to understand how the condition of the unemployed individual affects other family members. In this study, a first qualitative analysis revealed not only negative aspects but also positive aspects of being unemployed, underscoring the importance of protective factors in this context. Given that families are complex systems, in which individuals participate simultaneously in at least three subsystems (individual, marital and parental), this research aimed to analyze the role of individual and family variables on each subsystem's satisfaction (satisfaction with life, marital satisfaction and parental satisfaction). Given that professional and family involvements is different according to gender, three family configurations related to unemployment were examined (male unemployment, female unemployment and both couple members unemployment). In both the Portuguese and the Brazilian samples, the group in which both partners were unemployed was the most vulnerable group, with lower ratings of satisfaction. Marital empathy, self-efficacy and family cohesion were relevant predictors of parental, marital and life satisfaction. The protective effect of these variables differed according to the family configuration of unemployment and by gender, but not by country. Crossover effects between members of the couple were observed in families in which women were unemployed: the more empathic the men are, the greater the marital satisfaction of the wives. For the female unemployed group, both spouses' perception of family cohesion affected their own satisfaction with life, as well as their spouse's. The results highlight the intensity of unemployment over the family, regardless of the country, evidencing a universal component of the unemployment experience.

Résumé

L'actuelle crise financière internationale, appelée la "Grande récession", a déclenché une série d'événements négatifs dans les pays développés et en développement, y compris le Portugal et le Brésil. Parmi les conséquences les plus notables de cette crise, on identifie les taux élevés de chômage. Des études internationales indiquent qu'en période de récession économique, il y a une augmentation des problèmes psychopathologiques et le scénario d'incertitude quant à l'obtention d'autre emploi engendre, chez les chômeurs, une augmentation du stress, de l'anxiété et de la dépression. Cependant, on a constaté que la plupart des études se concentre uniquement sur l'analyse de l'impact psychologique du chômage au niveau individuel, avec peu d'études portant sur les effets croisés de celui-ci sur les autres membres du ménage. Dans cette programme d'études, une première analyse qualitative de l'expérience du chômage a permis d'identifier, au-delà des aspects négatifs, également des aspects positifs, soulignant ainsi l'importance de l'identification de facteurs protecteurs dans les situations de chômage. Ainsi, compte tenu de la complexité du système familial dans lequel l'individu participe activement au niveau au moins de trois sous-systèmes (individuel, conjugal et parental), cette recherche a analysé le rôle des variables individuelles et familiales pour les niveaux de satisfaction face à l'exercice des rôles dans les trois sous-systèmes (satisfaction face à la vie, satisfaction conjugale et satisfaction parentale). Tenant compte des relations entre rôles familiaux et professionnels et les questions de genre, ont été comparés trois configurations familiales de chômage distinctes (chômage exclusif de l'homme, chômage exclusif de la femme et chômage simultané / double chômage). Tant au Portugal comme au Brésil, on a constaté que le groupe dans lequel les deux partenaires étaient au chômage s'est avéré être le groupe le plus vulnérable, avec la moyenne de satisfaction la plus faible. L'importance de l'empathie conjugale, de l'auto-efficacité et de la cohésion familiale sur les niveaux de satisfaction face à la vie, de satisfaction conjugale et de satisfaction parentale a été observée. Les résultats montrent cependant que l'effet protecteur de telles variables varie plus en fonction du type de configuration familiale et du sexe, qu'en fonction du pays de résidence. Finalement, des effets de cross-over se manifestèrent en situation de double chômage: l'empathie de l'homme est positivement associée à la satisfaction conjugale de son épouse.

*Aos meus pais,
que me ensinaram as coisas mais importantes sobre a vida.*

Agradecimentos

Às minhas orientadoras, Prof. Dr.^a Anne Marie Fontaine, Prof. Dr.^a Elizabeth Barham e Dr.^a Marisa Matias, pelo trabalho cuidadoso e por terem sempre acreditado no meu potencial.

A todos os que voluntariamente aceitaram participar neste estudo e também àqueles que me ajudaram a fazer chegar até a estas pessoas.

Aos colegas de pós-graduação da FPCEUP e da UFSCar, em especial à Thaís, Lígia, Lívia, Fran, Rita, Luciênia e Adriana, por compartilharmos juntas experiências e angústias.

Aos colegas Jorge, Filipa, Daniela, Egídio, Carlos, Cláudia, Cynthia e Susana, companheiros de trabalho, cúmplices de bolos e sorrisos cotidianos.

Ao Eduardo, à Pryscila e à Nahara, que tão bem me acolheram em casa e a quem serei sempre grata pela amizade e gentileza.

Às queridas Isabele e Sayo, amigas de longa data e conselheiras das horas certas.

Ao Pedro, por todo o apoio e por ter dado a mim uma segunda família.

Ao Paulo e à Mónica, por terem sido “a voz da razão e da experiência”.

Ao Jon S., que sem o menor esforço consegue arrancar o meu mais sincero sorriso mesmo nos meus dias mais difíceis

Aos meus pais, que mesmo longe estão sempre por perto e são os que primeiro acreditaram que me fosse possível chegar até aqui.

Aos queridos Sérgio Jr e Jéssica, unidos a mim por laços e meus melhores amigos por escolha.

Ao Davi, à Clara, à Sara e à Jasmine, que me fazem querer ser uma pessoa melhor e fazem os meus dias mais alegres.

Muito obrigada!

Lista de Abreviaturas

AFC – Análise Fatorial Confirmatória

AFE – Análise Fatorial Exploratória

APIM – Actor Partner Interdependence Model

BR – Brasil

HSC – Habilidades Sociais Conjugais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INE – Instituto Nacional de Estatística

PT – Portugal

RLM – Regressão Linear Múltipla

SC – Satisfação Conjugual

SV – Satisfação com a Vida

SP – Satisfação Parental

VD – Variável Dependente

VI – Variável Independente

Índice

Introdução	15
I. Enquadramento teórico.....	19
1.1. Contextualização.....	20
1.2. Brasil e Portugal: aproximações e distanciamentos culturais.....	21
1.3. A experiência de desemprego.....	25
1.4. O mesosistema trabalho-família.....	30
1.5. Género e os papéis profissionais e familiares.....	32
1.6. Desemprego e bem-estar.....	36
1.6.1. Desemprego e satisfação com a vida.....	37
1.6.2. Desemprego e satisfação conjugal.....	37
1.6.3. Desemprego e satisfação parental	38
1.7. Características protetoras e de vulnerabilidade à experiência do desemprego	39
1.7.1. Individuais.....	40
1.7.2. Familiares	42
1.8. Definição do problema	44
II. Metodologia	47
2.1. Questões de investigação e objetivos dos estudos.....	48
2.1.1. Estudo de revisão sistemática	48
2.1.2. Estudo da avaliação da experiência de estar em desemprego	49
2.1.3. Estudo de diferenças de satisfação em função do país, da configuração de desemprego na família e dentre os membros do casal ...	50
2.1.4. Estudo de comparação de diferenças de variáveis individuais e familiares em função do país, da configuração de desemprego e dentre os membros do casal	51
2.1.5. Estudo dos preditores de satisfação conjugal, parental e com a vida	52

2.1.6.	Estudo da interdependência entre os elementos do casal	53
2.2.	Amostras e procedimento de recolha	53
2.2.1.	Critérios	54
2.2.2.	Caracterização das amostras	54
2.2.3.	Procedimento ético	57
2.2.4.	Procedimento de recolha	59
2.3.	Seleção e aferição dos instrumentos que compuseram o protocolo ...	60
2.3.1.	Características individuais	62
2.3.2.	Aspetos familiares	69
2.3.3.	Situação face ao desemprego	74
2.4.	Procedimento de análise dos dados	78
2.4.1.	Estudo de revisão sistemática	78
2.4.2.	Estudo da avaliação da experiência de desemprego	79
2.4.3.	Estudo das diferenças de satisfação em função do país, da configuração de desemprego e dentre os membros do casal	79
2.4.4.	Estudo de comparação de diferenças de variáveis individuais e familiares em função do país, da configuração de desemprego e dentre os membros do casal	80
2.4.5.	Estudo dos preditores de satisfação	80
2.4.6.	Estudo da interdependência entre os elementos do casal	81
III.	Resultados	83
3.1.	Estudo de revisão sistemática	85
3.2.	Estudo da avaliação da experiência de estar em desemprego	89
3.2.1.	Avaliação da última experiência de emprego, comparação com a situação de desemprego e percepção da tensão económica	90
3.2.2.	Avaliação da experiência do desemprego	92
3.3.	Estudo de diferenças de satisfação em função do país, da configuração de desemprego e dentre os membros do casal	96

3.4. Estudo de comparação das diferenças de variáveis individuais e familiares em função do país, da configuração de desemprego e dentre os membros do casal.....	98
3.4.1. Características individuais	98
3.4.2. Variáveis familiares.....	102
3.5. Estudo dos preditores de satisfação conjugal, parental e com a vida	107
3.5.1. Satisfação com a vida.....	107
3.5.2. Satisfação conjugal.....	109
3.5.3. Satisfação parental	111
3.6. Estudo da interdependência entre os elementos do casal	113
3.6.1. Empatia e satisfação conjugal	113
3.6.2. Empatia e satisfação parental	114
3.6.3. Coesão familiar e satisfação com a vida	115
IV. Discussão	117
4.1. Efeitos do desemprego na família	118
4.1.1. Estudo de revisão sistemática	118
4.1.2. Avaliação da experiência do desemprego	121
4.2. O papel do desemprego na satisfação individual, conjugal e parental: estudos de diferenças e predição	126
4.2.1. Estudos das diferenças	126
4.2.2. Estudo dos preditores.....	133
4.3. Efeitos de interdependência entre os elementos do casal	136
4.4. Considerações finais	138
V. Referências.....	144
VI. Anexos	Error! Bookmark not defined.

Índice de Tabelas

Tabela 1. Comparação entre as amostras dos países	56
Tabela 2. Caracterização da amostra do estudo qualitativo.....	58
Tabela 3. Descrição dos Itens e Valores de Saturação nos Respetivos Fatores	67
Tabela 4. Habilidades Avaliadas em cada Item e Carga Fatorial.....	72
Tabela 5. Descrição Sumária dos Instrumentos Utilizados	75
Tabela 6. Índices de Ajustamento dos Instrumentos às Amostras	76
Tabela 7. Coeficientes de Confiabilidade obtidos para as Escalas.	77
Tabela 8. Sumarização dos Objetivos e Análises Realizadas	84
Tabela 9. Caracterização dos Estudos Incluídos na Revisão	87
Tabela 10. Médias dos Grupos por País	91
Tabela 11. Categorias Temáticas, Definições e Exemplos	94
Tabela 12. Resultados das Mixed ANOVAs para Variáveis Individuais	100
Tabela 13. Resultados das Mixed ANOVAs para Variáveis Familiares.....	106
Tabela 14. Preditores da Satisfação com a Vida.....	108
Tabela 15. Preditores da Satisfação Conjugal	110
Tabela 16. Preditores da Satisfação Parental	112
Tabela 17. Coeficientes de Regressão do Modelo APIM entre Empatia e SC nos Grupos G1 e G3	114
Tabela 18. Coeficientes de Regressão do Modelo APIM entre Empatia e SP no Grupo Duplo Desemprego	115
Tabela 19. Coeficientes de Regressão do Modelo APIM entre Coesão Familiar e SV no Grupo Desemprego Masculino	115
Tabela 20. Coeficientes de regressão do modelo APIM entre coesão e SV no grupo desemprego feminino.....	116

Índice de Figuras

Figura 1. Amostra e divisão de acordo com país e configuração familiar	54
Figura 2. Modelo APIM.....	82
Figura 3. Fluxograma das etapas que compuseram o processo de recuperação dos estudos.....	85
Figura 4. Médias de SV para homens e mulheres de cada grupo.....	96
Figura 5. Médias de SC para cônjuges de cada grupo.	97
Figura 6. Médias de AN para cônjuges de cada grupo	99
Figura 7. Médias de empatia para cônjuges de cada grupo.....	103
Figura 8. Médias de eficácia parental em cada grupo em função do país.	104

Introdução

O desemprego enquanto fenómeno psicológico torna-se, em tempos de recessão económica, um objeto de estudo de particular interesse. São diversas as consequências que o desemprego pode acarretar em termos de bem-estar pessoal, conjugal e familiar. O objetivo da presente pesquisa é identificar variáveis suscetíveis de proteger os casais que enfrentam a situação de desemprego, bem como aquelas que seriam de maior risco. Pretende-se ainda verificar em que medida as experiências poderão ser univariantes, comparando-se casais dos contextos português e brasileiro. Finalmente, considera-se que o género é uma dimensão marcante para a articulação dos papéis familiares e profissionais, pelo que se analisam diferentes grupos em função do género da pessoa em desemprego na família.

A Estatística foi a primeira disciplina a se apropriar do conceito de desemprego, incluindo-o nos dados oficiais dos censos, cujos primeiros registos remontam na França a 1896 e, mais tarde, nos Estados Unidos em 1930 (Gautié, 1998). Apesar do fenómeno desemprego ser, em primeira instância, oriundo do mercado económico e financeiro, é possível fazer várias leituras acerca deste fenómeno, sob diferentes prismas, tais como o da Economia, Sociologia, Direito do Trabalho e da Psicologia. Ampla é a literatura acerca das consequências negativas do desemprego sobre o bem-estar das pessoas nesta situação, nomeadamente, diminuição de felicidade, autoestima e satisfação com a vida (Estramiana et al, 2012; Haid & Seiffge-Krenke, 2013), aumento de sintomas como stress, ansiedade e depressão (Procter, Papadopoulos, & McEvoy, 2010), impactando na saúde geral e aumentando o risco de distúrbios psicológicos e cardíacos (Paul & Moser, 2009). No entanto, observa-se que um grande número dos estudos centra-se somente na pessoa em desemprego e em variáveis individuais (idade, sexo, características de personalidade, duração do desemprego etc.). Com menor frequência são os estudos em que se analisam as suas consequências no âmbito da conjugalidade e pouco se sabe quanto à possibilidade de ampliação ou redução dos danos sofridos pela pessoa em desemprego no contexto da família nuclear. Tendo o desemprego tamanhas consequências sobre o indivíduo, é preciso considerar também de que modo tais repercussões se refletem na sua rede próxima de relações interpessoais,

sobretudo nas interações familiares, de modo a melhor sustentar não só as intervenções clínicas decorrentes da consequência psicológica do desemprego mas também fornecer contribuições a políticas públicas face a este fenómeno.

De acordo com Relvas (1996), a família é um sistema composto por indivíduos cujos comportamentos afetam e são afetados quer pelos comportamentos dos outros, quer pelos contextos nos quais estão inseridos, conferindo complexidade e dinamismo ao sistema familiar. A família enquanto microssistema está em constante interação com outros microssistemas, tais como o trabalho, formando os mesosistemas; além disso, cada membro do agregado é, em si, um microssistema e existem, dentro da unidade familiar, vários subsistemas (e.g., individual, conjugal e parental). Nesta complexa teia de relações sistémicas, as interações se dão de forma bidirecional, ou seja, a família e seus diferentes subsistemas são afetados por pressões externas, mas também podem agir proactivamente no sentido de preservar o seu equilíbrio interno de funcionamento. Assim, face a pressão decorrente do desemprego de um ou de ambos os elementos do casal, a família terá de encontrar fatores protetores à sua dinâmica.

Para além da privação de recursos materiais, importa-nos refletir sobre o impacto do desemprego na dinâmica do casal, considerando os três subsistemas familiares. Para tal, serão recolhidas as avaliações que ambos os cônjuges fazem acerca do seu nível de satisfação com a vida, satisfação com a relação conjugal e satisfação parental. Além disso, interessa-nos perceber quais variáveis individuais e familiares que podem ser protetoras dessas dimensões de satisfação, consoante a configuração familiar de desemprego (i.e., quando a pessoa em desemprego é o marido, a esposa ou quando são ambos).

De modo a simplificar a leitura, consideraremos “desemprego” como sinónimo de “perda de emprego”, embora estes tenham diferentes aceções: a perda de emprego seria um evento de vida, enquanto o desemprego seria uma situação geralmente transitória – gerada ou não por uma perda de emprego, uma vez que pode também advir de uma dificuldade em ingressar no mercado de trabalho (o chamado desemprego jovem) ou impedimento por doença incapacitante. Relativamente à perda de emprego, esta pode ser voluntária ou involuntária. No primeiro caso, terá partido de uma decisão do indivíduo; no segundo caso, de um fator externo, a partir de uma situação de despedimento,

extinção do posto de trabalho, não-renovação do contrato de trabalho ou encerramento das atividades da empresa. Trata-se portanto de um situação pontual que pode acometer as pessoas ao longo de suas vidas profissionais, sobretudo nos tempos atuais de instabilidades e precarização.

Por outras palavras, a perda de emprego é um evento, enquanto o desemprego é uma situação que pode ser prolongada por períodos indeterminados (Hanisch, 1999). Dessa forma, por não ser o desemprego um estado ou condição estática, utilizaremos a terminologia “situação de desemprego”, sendo esta compreendida como uma situação não desejada, gerada pela perda e/ou não obtenção de um posto de trabalho formal, seguida pela busca ativa de uma recolocação. Durante esta busca, refletida no comportamento de seleção de anúncios, candidaturas, comparecimento a entrevistas de emprego etc., o indivíduo pode ou não desempenhar trabalhos precários, i.e. pontuais e não-regulamentados contratualmente.

Ao longo das próximas páginas, utilizamos por vezes a expressão “experiência de desemprego”, a fim de designar as significações que os indivíduos atribuem à sua vivência face à privação de emprego. Ora, sendo uma experiência, deve-se ter sempre em consideração idiosincrasias e peculiaridades, não se pretendendo portanto generalizar ou enquadrá-las na mesma ordem. Apesar de ao utilizarmos esta expressão pretendermos ressaltar que o modo de experienciar esta situação será sempre muito específico para cada família, neste estudo tentamos estabelecer aproximações e pontos em comum.

Faz-se importante referir que, ao longo do texto, quando mencionamos “diferenças em função do género”, não se trata de diferenças motivadas por características biológicas associadas ao sexo, mas sim resultantes da configuração dos papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher nas nossas sociedades. Não obstante as mudanças na sociedade contemporânea no que diz respeito a igualdade entre homens e mulheres, ainda é possível reconhecer papéis sociais exclusivos ou largamente específicos ao homem e à mulher. Embora a tradicional divisão do homem como ganha-pão e da mulher como responsável pela vida doméstica e bem-estar dos membros da família esteja a extinguir-se, é fato que existe uma clara diferenciação sexual na percepção das características dos homens e das mulheres, que se reflete no âmbito profissional.

Assim, os homens com mais frequência ocupam cargos que requerem “qualidades masculinas” (Vieira, 2006), geralmente estando em posições hierarquicamente superiores e mais bem remuneradas que aqueles ocupados por mulheres.

Dessa maneira, ao longo deste trabalho são apresentadas e discutidas análises que foram feitas considerando o gênero e a configuração familiar de desemprego, estabelecendo-se a comparação entre Brasil e Portugal. Apesar de um passado histórico de colonização, que impôs a transmissão de maneiras de viver e de pensar, e da existência de várias dimensões culturais que aproximam a cultura brasileira e a portuguesa (Hofstede, Hofstede, & Minkov, 2010), existem especificidades de cada uma destas sociedades. Contudo, assumimos que o desemprego constitui uma experiência ameaçadora ao bem-estar, cujas consequências no casal ultrapassam as diferenças culturais. Pretende-se, assim, evidenciar aspectos univariantes culturalmente, comparando-se os dois países.

A presente tese organiza-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo integra a revisão da literatura e o estado da arte, estabelecendo as bases a partir das quais foi definido o objetivo geral, subdividido em três objetivos específicos. No segundo capítulo, apresenta-se a metodologia adotada na condução de cada um dos seis estudos que integraram a pesquisa, bem como hipóteses e questões que nortearam os estudos. Apresentam-se ainda a caracterização da amostra, os procedimentos adotados na recolha dos dados em ambos os países e as análises preliminares nas quais foi aferida a qualidade psicométrica dos instrumentos utilizados. No terceiro capítulo, são reportados os resultados obtidos em cada um dos estudos. Finalmente, no quarto capítulo desenvolve-se a discussão sumária dos resultados de cada um dos estudos e busca-se estabelecer uma integração entre eles, que reflete sobre o contributo desta investigação e suas limitações.

**I. Enquadramento
teórico**

Este capítulo divide-se em oito secções. Na primeira, apresenta-se uma contextualização acerca dos dados de desemprego dos últimos anos nas sociedades portuguesa e brasileira, justificando-se a pertinência de estudar o desemprego nesses países. Na segunda secção, são apontadas as dimensões da cultura presente em Portugal e no Brasil, estabelecendo-se as aproximações e diferenças que fundamentam a comparação entre os países. As três secções subsequentes evidenciam o estado da arte acerca da experiência psicológica do desemprego, das interações entre os papéis familiares e profissionais e do modo como estão marcados pelo género. A sexta parte deste capítulo apresenta como o desemprego pode afetar a satisfação nos níveis individual, conjugal e parental. Por fim, sétima secção aponta variáveis que poderão moderar tais manifestações de satisfação e que sustentam o nosso objeto de pesquisa, definido na oitava secção.

1.1. Contextualização

A atual crise financeira internacional, iniciada em 2008 com o colapso na “bolha” do mercado imobiliário nos Estados Unidos, desencadeou impactos negativos tanto nos países desenvolvidos como naqueles em desenvolvimento, incluindo Portugal e Brasil. O mercado de trabalho é, talvez, um dos âmbitos mais fortemente atingidos por esta crise, que vem sendo chamada de “Grande Recessão”. Uma das mais notórias sequelas desta crise são as elevadas taxas de desemprego, seja pela extinção de postos de trabalho, seja pelas medidas de austeridade e alterações nas relações contractuais, gerando precarização e sentimento de incerteza nos trabalhadores (Poeschl, Valentim & Silva, 2015).

Considerando-se o período desde o terceiro trimestre de 2008 – marcado pelo início das falências de bancos e seguradoras norte-americanas – até aos dois anos subsequentes, ou seja, o terceiro trimestre de 2010, observa-se um aumento de 40.5% do número de desempregados em Portugal (INE, 2011). A

¹ Em Portugal, os índices oficiais de desemprego são reportados pelo Instituto Nacional de Estatística – INE – e considera o rácio da população desempregada sobre população ativa. (i.e. dos 15 aos 74 anos de idade, inclusive). De acordo com o INE, considera-se desempregada a pessoa em idade ativa que, no período de referência da recolha dos dados, estava simultaneamente a) sem trabalho, remunerado ou não; b) em busca ativa ao longo de um período específico; c) disponível a aceitar trabalho, remunerado ou não (INE, 2017).

região Norte do país foi a mais afetada, chegando a registar nesse período cerca de 263 milhares de pessoas em situação de desemprego ¹ (INE, 2011). De acordo com dados recentes (PORDATA, 2017), Portugal ainda encerrou o ano de 2016 com uma taxa de desemprego de 10,2%. Apesar de ser o menor valor registado desde março de 2009 (10,0%), o número ainda é considerado preocupante para a economia do país.

Por outro lado, o Brasil, que mesmo durante o período mais agudizado da crise económica mundial de 2008 apresentava índices decrescentes de desemprego, teve no final de 2014 uma mudança de direção. Devido ao recente cenário de instabilidade política e seus reflexos na economia do país, as taxas médias de desemprego subiram consideravelmente, atingindo os 11,5% no ano de 2016, o que corresponde a mais de 11,8 milhões de brasileiros sem posto de trabalho ² (IBGE, 2017). Este é o maior patamar registado desde o início da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD), em 2012.

Sendo o presente estudo essencialmente comparativo entre amostras recolhidas em Portugal e no Brasil, faz-se importante, para além da descrição do contexto de desemprego, debruçar-nos também quanto aos aspetos culturais dos referidos países.

1.2. Brasil e Portugal: aproximações e distanciamentos culturais

Para Gilberto Freyre, um dos maiores sociólogos brasileiros, a formação cultural do Brasil deu-se por um equilíbrio de antagonismos de culturas: a europeia, a indígena e a africana. Ao longo de três séculos, o Brasil pertenceu à coroa portuguesa, país do qual foram “herdadas” algumas características: a) o personalismo, b) o patrimonialismo, c) forte regulamentação e burocracia e d) influência da igreja na sociedade (Freyre, 1998).

². No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realiza periodicamente a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) que reporta os dados oficiais das taxas de desemprego mensais do país. A PNAD utiliza o conceito de “taxa de desocupação” ou desemprego aberto, que é calculado pela percentagem das pessoas desocupadas em relação às pessoas economicamente ativas (i.e. dos 10 a 65 anos de idade, inclusive). Os critérios utilizados para considerar uma pessoa “desocupada” são: a pessoa que, no período de referência, encontrava-se sem trabalho (i.e. atividade remunerada ou não-remunerada que gera rendimentos para o domicílio, sejam eles financeiros ou imateriais). que tomou alguma providência efetiva para consegui-lo no período de referência de 30 dias e que estava disponível para assumi-lo na semana de referência.

O personalismo traduz a valorização de um indivíduo por sua rede de relações interpessoais, ou seja, o reconhecimento de uma pessoa não depende das suas realizações, mas da importância social do seu apelido, de quem são os seus parentes e amigos. O patrimonialismo caracteriza-se pela ausência de limites, por parte dos detentores de poder, entre os foros público e privado, pela atribuição ao Estado da responsabilidade da resolução de problemas, considerando seu domínio de atuação política uma extensão de sua atuação familiar, através dos “apadrinhamentos”. A forte regulamentação é uma outra “herança” de Portugal ao Brasil, sendo ambas as sociedades altamente burocráticas. Por fim, embora sejam estados laicos, existe ainda uma forte influência do catolicismo em ambas as sociedades (Freyre, 1998).

Para além de um passado histórico de colonização, que impôs a transmissão de maneiras de viver e de pensar, existem ainda outros aspetos que fazem com que haja mais semelhanças do que diferenças entre as culturas brasileira e portuguesa. De acordo com o olhar da teoria das dimensões culturais, podemos dizer que se trata de culturas parcialmente análogas.

A teoria das dimensões culturais, que partiu de uma pesquisa de Geert Hofstede na década de 70 e que vem sendo aprimorada desde então (Hofstede, Hofstede, & Minkov, 2010), caracteriza-se como um dos maiores estudos empíricos acerca das diferenças entre culturas. Na sua versão mais recente, os pesquisadores avaliaram 93 países e estabeleceram seis dimensões, por meio das quais é possível caracterizar, comparar e contrastar especificidades das culturas nacionais. As dimensões são: a) distância ao poder; b) individualismo vs. coletivismo; c) masculinidade vs. feminilidade; d) orientação a curto prazo vs. orientação a longo prazo; e) aversão à incerteza; f) indulgência vs. restrição.

Distância ao poder

Por distância ao poder entende-se o nível de aceitação que as pessoas apresentam acerca da distribuição desigual de poder dentro de um país. Elevada pontuação nesta dimensão indica uma certa tolerância dentro do país face às desigualdades na distribuição da riqueza, do poder e de privilégios, enquanto pontuações mais baixas indicam sociedades mais igualitárias e menos

conformadas com as desigualdades nessa distribuição (Hofstede, 1980). Portugal e Brasil apresentam índices muito semelhantes nessa dimensão (Hofstede et al, 2010), sendo sociedades hierárquicas em que os símbolos de estatuto do poder são muito importantes para indicar a posição social e é aceitável que as pessoas mais poderosas possuam privilégios.

Individualismo vs. Coletivismo

Esta dimensão diz respeito ao grau de interdependência que os membros de uma sociedade mantêm entre si. Sociedades individualistas são aquelas nas quais as pessoas tendem a construir a sua identidade no que são capazes de fazer em termos individuais, privilegiando a sua autonomia e autodeterminação. Em sociedades coletivistas, pelo contrário, a identidade resulta da pertença aos grupos com os quais cada um se identifica e as pessoas são estimuladas a sentir-se valorizadas em função de um “nós” (Hofstede et al, 2010). São portanto sociedades em que há uma forte dependência e, portanto, comprometimento entre os membros pertencentes a um grupo, acompanhado de um sentimento de lealdade onde as pessoas assumem responsabilidades face aos integrantes do mesmo grupo. Mais uma vez, os países se assemelham nessa dimensão, embora o Brasil seja ligeiramente menos coletivista que Portugal.

Masculinidade vs. Feminilidade

Uma sociedade masculina caracteriza-se pela competitividade e diferenciação de papéis, que permitem a distinção entre os indivíduos. Em outras palavras, o papel de cada um está claramente definido e o sucesso surge pelo destacar-se dentre os outros como “o melhor”. Em sociedade femininas, ao contrário, esse destaque individual não seria objeto de admiração, já que mais importante seria o cuidado de uns para com os outros e o bem-estar e qualidade de vida para todos (Hofstede et al, 2010). Observa-se nesta dimensão mais um ponto em comum entre os países, sendo culturas nas quais a competitividade excessiva não é apreciada. Ambas valorizam mais a solidariedade e a resolução de conflitos por meio da negociação.

Orientação a curto prazo vs. Orientação a longo prazo

Esta dimensão diz respeito à forma como as sociedades lidam com as suas tradições e com o seu passado (normativas) e a forma como encaram as

mudanças necessárias para a sua modernização e avanço (pragmáticas). Aqui, Portugal e Brasil diferem, uma vez que a cultura portuguesa tende a ser mais tradicional e conservadora por comparação à sociedade brasileira, mais pragmática.

Aversão à incerteza

Esta dimensão refere-se à forma como uma sociedade lida com mudanças, incertezas e situações não-previstas. Culturas menos tolerantes à incerteza criam crenças e instituições de forma a evitar algo que “fuja do controle”. Nesta dimensão, Portugal apresenta um elevado índice de evitamento da incerteza e ambiguidade, sendo uma marca muito forte da sua cultura (Hofstede et al, 2010). Assim, há na cultura portuguesa uma necessidade muito forte de regulamentação. No Brasil, embora também exista a necessidade de regulamentação para o bom funcionamento da sociedade, as pessoas mostram-se mais flexíveis e abertas a imprevistos.

Indulgência vs. Restrição

Esta dimensão diz respeito à forma como as crianças são educadas para controlarem mais ou menos os seus desejos e impulsos, em função de imposição de adequação a normas sociais ou permissão de sua livre expressão. Indivíduos pertencentes a sociedades com maior restrição tendem a ser mais pessimistas, enquanto os que pertencem a sociedades mais indulgentes tendem a ter uma maior ênfase no lazer e em “aproveitar a vida”. Este seria um ponto no qual os dois países diferem mais, o que se traduz na cultura brasileira por um maior otimismo e pela valorização das necessidades de lazer e divertimento (Hofstede et al, 2010), sendo a portuguesa mais pessimista.

Com base no exposto acima, consideramos que, embora haja diferenças culturais entre Brasil e Portugal, estas são expressivas na aversão à incerteza e relativamente à indulgência ou à restrição. No presente estudo comparativo, assumimos que as consequências económicas e psicológicas da perda de emprego serão tão intensas sobre os casais que ultrapassarão as diferenças culturais acima referidas. Assim, não prevemos encontrar acentuadas diferenças entre os países, tendo a experiência de desemprego uma componente universal. Considera-se que na vida de casal, o impacto da experiência de desemprego, pela sua intensidade, tornará irrelevante qualquer diferença cultural.

No entanto, diferenças poderão estar marcadas pelo género e pela configuração familiar de desemprego, conforme será abordado no decorrer das próximas secções. Antes, porém, na secção seguinte será apresentado o estado da arte acerca da experiência de desemprego e suas implicações.

1.3. A experiência de desemprego

O fenómeno do desemprego, originalmente abordado numa perspetiva político-económica, foi ao longo das décadas ampliando as suas fronteiras de conhecimento, tornando-se objeto de estudo também de outras disciplinas, dentre elas a Psicologia. De uma forma geral, o desemprego costuma ser categorizado de acordo com duas dimensões: a) normativa-institucional, para explicar o desemprego de modo objetivo e formal, sob o enfoque da estrutura económica; e b) biográfica-subjetiva, que aborda as repercussões psicossociais do fenómeno do desemprego, como, por exemplo, a atribuição de estereótipos ao desempregado ou a instabilidade subjetiva que é refletida nas relações interpessoais (Ribeiro, 2010). Efetivamente, em tempos de recessão económica, a insegurança oriunda do cenário de instabilidade económica, (i.e, incertezas relacionadas com a perda do emprego, nomeadamente incertezas sobre conseguir ou não honrar as despesas mensais familiares) gera um aumento dos problemas psicológicos, bem como um aumento do stress no indivíduo que se estende ao agregado familiar (Heretick, 2013; Procter et al., 2010). São estes impactos de natureza psicossocial do desemprego que se tornam o enfoque das Ciências Sociais (Coelho-Lima, Costa, & Bendassolli, 2013).

Os primeiros estudos com um olhar biográfico-subjetivo acerca dos efeitos psicológicos decorrentes da situação de desemprego tiveram início após a Grande Depressão de 1929, com o clássico trabalho de Jahoda, Lazarsfeld e Zeisel (1933). Este trabalho empírico na pequena comunidade de Marienthal acerca do impacto do encerramento das atividades fabris na vida dos trabalhadores e da comunidade foi o ponto de partida para a elaboração de um modelo teórico. De fato, anos mais tarde, Jahoda desenvolveu o modelo funcionalista ou “teoria da privação”, de modo a dar conta dos efeitos sociopsicológicos do desemprego.

Segundo Jahoda (1982), a situação de desemprego priva o indivíduo de benefícios que são oriundos de um emprego. Tais benefícios podem ser

manifestos ou latentes. Por benefícios manifestos, entende-se aqueles que são tangíveis, no caso, a remuneração que permite o acesso a bens materiais e concretos. Por benefícios latentes, estariam aqueles que não são palpáveis mas contribuem para o pleno funcionamento psicológico do indivíduo. De seguida, serão abordados brevemente cada um dos cinco benefícios apontados por Jahoda (1982) como os mais relevantes.

O primeiro benefício latente do qual a pessoa em desemprego está privada é a *estruturação do tempo*. Nas sociedades pós-industriais, as pessoas estão habituadas a uma rotina, a qual lhes foi inculcada desde criança com os horários da escola, e segue para o âmbito profissional, por meio das jornadas de trabalho. A depender do tipo de trabalho que exerce (desde os mais “braçais”, técnicos ou altamente qualificados), a rotina pode ser mais ou menos flexível. No entanto, esta é uma componente presente em todos os empregos e das quais a pessoa empregada depende para estruturar as demais atividades que fazem parte de sua vida. Quando essa estrutura desaparece, quer seja de um modo planeado (como no caso da reforma) ou mais inesperadamente (perda de emprego por despedimento), a sua ausência geralmente origina sentimento de vazio, inutilidade, aborrecimento e ociosidade. De acordo com o que Jahoda (1982) observou na comunidade de Marienthal, até mesmo os fins-de-semana haviam perdido, para os trabalhadores em desemprego, o seu significado culturalmente imposto.

Uma outra componente limitada pela situação de desemprego seria a da *vinculação de metas individuais a metas coletivas*. De acordo com a autora, para além da família nuclear, é no âmbito das organizações de trabalho que se encontra mais fortemente o contexto da valorização da coletividade, presentes quer na forma em que as tarefas estão divididas entre os empregados, quer no compartilhamento informal das experiências cotidianas (Jahoda, 1982). Esta componente encontra-se bastante interligada ao *contato social*. Mesmo nas pessoas mais tímidas ou nas quais o emprego não exige grande contato social, há uma “ampliação do conhecimento da realidade social ao observar as semelhanças e diferenças entre seus próprios costumes, experiências e opiniões

e os das pessoas que estão ao seu redor” (Jahoda, 1982, p. 45). Afastado desta demonstração cotidiana de coletividade, expressa no contato diário por meio da atividade de trabalho (i.e., com os colegas de trabalho, clientes ou fornecedores), o indivíduo poderá sofrer perda de um sentido de finalidade comum, exclusão de um grupo e isolamento social. No entanto, a intensidade de tais sentimentos poderão depender tanto de características do indivíduo quanto do contexto em que se insere. A autora argumenta que, em alguns casos (e.g., falência da empresa), poderá ainda haver o compartilhamento de experiências e sentimentos entre o grupo, mesmo sem o contato no ambiente de trabalho. De destacar que a redução do contato social é vista como uma privação não porque o indivíduo deixa de ter relações sociais, mas sim porque estas que são derivadas do emprego complementam-se com as demais redes sociais do indivíduo (família extensa e amigos). Além disso, a carga emocional das interações sociais no trabalho é diferente daquela dentro de uma família, que são mais intensas e emocionalmente mais fortes. Em contrapartida, as relações no ambiente laboral geralmente são mais do tipo racional do que emocional, ou seja, são oportunidades para adquirir maior conteúdo informativo, valoração sobre diferentes opiniões dos colegas, conhecimento de costumes e modos de vida das pessoas.

O quarto benefício oriundo do emprego, e de que portanto, a pessoa em desemprego estaria privada, seria *estatuto e identidade*, também este decorrente do modelo impelido nas sociedades industriais. Embora estejam integrados numa mesma categoria, a autora ressalta que se trata de conceitos distintos: o estatuto seria a valoração social que depende do contexto cultural e a identidade seria uma imagem que a pessoa tem de si. Não obstante, é consensual pela cultura atribuir aos diferentes postos de trabalho um estatuto social, que pode constituir como um dos elementos da identidade pessoal. Dessa maneira, a autora presume que para aquelas pessoas que antes ocupavam um posto de trabalho hierarquicamente superior, a situação de desemprego poderá ter um impacto negativo maior devido à perda de estatuto, repercutindo na imagem que a pessoa faz de si mesma.

Um último ponto de privação referido por Jahoda é o da *atividade regular*, sendo este muito relacionado à natureza da atividade de trabalho antes exercida.

Isto porque, para alguns trabalhadores, o desemprego significa muitas vezes o rompimento com as atividades laborais (e.g., um maquinista não consegue continuar a desempenhar a sua atividade laboral após o despedimento, ao passo em que um professor pode, mesmo desempregado, exercer atividades autónomas como dar explicações ou formações).

O modelo funcionalista de Jahoda recebeu, no entanto, algumas críticas. Para Fryer (1986), este modelo não seria suficiente para explicar o impacto negativo do desemprego sobre o indivíduo. Embora reconheça a importância dos benefícios latentes para a saúde mental, a principal crítica apontada seria a de que esta abordagem centra-se sobretudo na privação psicológica, colocando os indivíduos numa condição de passividade face às forças externas. Uma outra crítica apontada ao modelo funcionalista é a de que sua construção foi feita num contexto e período específico, não se podendo generalizar as conclusões para sociedades menos industrializadas ou para os dias atuais. Não obstante, o trabalho de Jahoda foi pioneiro na contribuição da compreensão do impacto psicológico do desemprego e até hoje é referência para muitos estudos nesta área (Price, Friedland, & Vinokur, 1998).

Recorrendo ao modelo da agência pessoal, Fryer (1986) defende, pelo contrário, que o ser humano é um ser ativo e dinâmico e que, durante a situação de desemprego, torna-se limitado nas suas capacidades de tomada de decisão, resolução de problemas e realização de atividades. Em outras palavras, o principal efeito negativo de uma situação de desemprego seria a inibição da agência pessoal que é peculiar ao humano, interferindo em outras áreas da vida adulta (e.g., ter de adiar a decisão de casar ou de ter filhos por não ter um emprego). Tal inibição seria sobretudo devido ao impacto económico do desemprego, que limitaria o acesso a outros recursos importantes, tais como atividades sociais, comida, casa e segurança física (Fryer, 1997). Assim, a queda no rendimento condiciona a agência pessoal, pois limita a capacidade da pessoa de planear e organizar estilos de vida satisfatórios, impactando negativamente o seu bem-estar (Fryer, 1997). No seguimento a este modelo explicativo, vários são os estudos que têm vindo a constatar maior tensão e menor bem-estar em pessoas em desemprego por comparação a pessoas empregadas (Conger et al., 1990; Ferreira, Pedro, & Francisco, 2015; Kinnunen & Feldt, 2004). Aliás, grande parte dos estudos acerca dos efeitos do desemprego a nível individual

centra-se em questões da saúde, física ou mental. Os efeitos mais comumente reportados são, além das doenças gástricas e cardiovasculares (Hanisch, 1999; Mckee-Ryan, Song, Wanberg, & Kinicki, 2005; Paul & Moser, 2009), o decréscimo de autoestima, aumento de ansiedade, de depressão e de uso de substâncias (e.g., álcool e cigarro), indicadores de menor bem-estar.

Enquanto esses efeitos salientam aspetos individuais, o modelo de stress familiar económico, desenvolvido por Conger e colaboradores (Conger et al, 1990; Conger & Donnellan, 2007) alarga ao funcionamento familiar o impacto negativo originado pela pressão económica decorrente de dificuldades financeiras. Tal pressão corresponde ao modo como as famílias experienciam as adversidades financeiras no âmbito familiar, tais como a falta de capacidade de fazer face às despesas mensais, limitação ao aceso de bens materiais essenciais (e.g., vestuário e alimentação) e necessidade de alterar o padrão de vida familiar (e.g., cortes no lazer, saúde, moradia e educação) de modo a ajustar o rácio entre rendimento e despesas (Conger & Donnellan, 2007). Desse modo, de acordo com os autores, a situação de dificuldade financeira adquire um significado psicológico, desencadeando afetos negativos em ambos os elementos do casal e impactando negativamente a relação conjugal, nomeadamente pelo aumento de conflito conjugal (Conger et al, 1990).

Com base no exposto, observa-se que a situação de desemprego tem importante impacto na vivência do indivíduo, tendo sua origem na perda direta do rendimento económico porém adquire um significado psicológico e se estende também sobre aspetos psicossociais. Tal impacto dá-se quer ao nível individual, em termos de bem-estar, identidade e sentido de agência, quer ao nível das interações sociais. Observa-se que os modelos teóricos aqui apresentados acerca do impacto do desemprego centram-se sobretudo nos aspetos individuais ou, no caso do modelo do stress familiar económico, limita-se à ótica do conflito conjugal, não sendo suficientes para dar conta dos fatores que poderão ser protetores da satisfação conjugal diante do risco que o desemprego representa para o bem-estar individual e da família. De seguida, abordaremos como o modelo bioecológico de Bronfenbrenner, que poderá, em conjunto com o racional teórico até aqui apresentado, permitir melhor compreender estas inter-relações.

1.4. O mesosistema trabalho-família

A abordagem bioecológica, desenvolvida e reformulada ao longo dos anos por Bronfenbrenner e seus colaboradores (1979 / 1996), considera que quatro importantes aspetos encontram-se inter-relacionados: pessoa, processo, contexto e tempo. De acordo com Bronfenbrenner e Morris (1998, p.995) o desenvolvimento seria o processo referente à “estabilidade e mudanças nas características biopsicológicas dos seres humanos ao longo do curso de suas vidas e através das gerações”. Os autores ressaltam a importância das relações interpessoais no desenvolvimento e o conceito de reciprocidade, considerando que, numa díade, se um dos elementos passa por um processo de desenvolvimento, automaticamente estará contribuindo para o desenvolvimento do outro elemento, pela via dos processos proximais. Através dos processos proximais, as pessoas estabelecem relações a diferentes níveis e a sua participação ativa em interações permite o desenvolvimento intelectual, emocional, moral e social ³, sendo esta interação fortemente influenciada pelo contexto no qual se manifesta. De acordo com esta teoria, o ambiente no qual se dá o desenvolvimento humano deve ser compreendido topologicamente como “uma organização de estruturas concêntricas, estando cada uma contida na seguinte” (Bronfenbrenner, 1996 p.18). Cada uma das estruturas é chamada pelo autor de: *micro*, *meso*, *exo* e *macrossistema*.

Um microssistema seria o ambiente no qual a pessoa participa ativamente e está envolvida em interações face-a-face, com características físicas e materiais específicas. Assim, a família, o local de trabalho e a escola seriam por exemplo microssistemas, nos quais há um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais que são experienciadas pela pessoa e reforçadas pelo meio.

³. O conceito de processos proximais possui um significado específico, que considera que a) a pessoa está envolvida numa atividade; b) esta atividade acontece numa base relativamente regular, através de períodos estendidos de tempo; c) as atividades são progressivamente mais complexas; d) há reciprocidade nas relações interpessoais; e, e) os objetos e símbolos presentes no ambiente imediato estimulam a atenção, exploração, manipulação e imaginação da pessoa em desenvolvimento. (Bronfenbrenner, 1999)

O mesossistema refere-se às interações entre dois ou mais sistemas nos quais a mesma pessoa participa ativamente e que sobredetermina o tipo de interação que desenvolve (e.g., a relação que uma mãe, que trabalha numa empresa específica, tem com o seu local de trabalho e com a sua família).

O exossistema seria um sistema no qual, embora a pessoa não participe ativamente, interfere imediatamente no seu microssistema (e.g. para uma criança seria o local de trabalho da mãe, pois embora a criança não participe ativamente desse sistema, os horários de trabalho da mãe, por exemplo, interferem na disponibilidade da mesma no seu ambiente familiar). Por fim, o macrossistema seria o sistema que abrange todos os outros sistemas, formando interconexões que se diferenciam de cultura para cultura. Portanto, seria o sistema de valores e crenças que permeiam as diversas culturas e são assimilados pelas pessoas no processo de desenvolvimento.

Em relação ao desemprego de pessoas casadas e com filhos, a família é um microssistema de fundamental importância, no qual cada membro do agregado está em constante interação com outros microssistemas; além disso, está inserida num macrossistema e, portanto, dependente das condições económicas e socioculturais deste. A perspetiva sistémica considera que o sistema familiar é composto por subsistemas que se interrelacionam, a saber: individual, conjugal, parental e fraternal. Cada membro do agregado familiar atua em diferentes subsistemas, desempenhando a cada nível um determinado papel. No subsistema individual, considera-se cada indivíduo como um microssistema, complexificando assim a teia de relações que se estabelecem entre os membros do agregado familiar. No subsistema conjugal, os cônjuges que atuam neste subsistema deverão ser capazes de estabelecer fronteiras entre este e os outros subsistemas, de modo a protegê-lo de interferências externas (a família de origem de cada um dos cônjuges, por exemplo) e manter o bom funcionamento interno. Com a presença de uma primeira criança no seio familiar, deverá também ser capaz de diferenciar o subsistema conjugal do parental, sendo que neste último o papel a desempenhar será de cuidado e educação, além de socialização do novo membro do agregado. Finalmente, com o surgimento de mais um filho, surgirá também mais um subsistema familiar, no

qual os integrantes deverão ser capazes de interagir entre si, desenvolvendo competências de interação entre pares, cooperação e competição (Relvas, 1996). Portanto, a unidade familiar é um sistema composto por indivíduos, cujos comportamentos afetam e são afetados quer pelos comportamentos dos outros, quer pelos subsistemas nos quais estão inseridos, conferindo-lhe complexidade e dinamismo.

Desse modo, o sistema familiar é constantemente desafiado a, ao mesmo tempo em que recebe as pressões externas, encontrar um equilíbrio interno para o seu funcionamento. Para Relvas (1996), o sistema familiar possui limites que atuam como membranas semipermeáveis, permitindo a passagem seletiva de informações em ambas as direções: da família para o meio e do meio para os subsistemas familiares. Quem “controla” o grau de abertura desses limites são os membros da família, nomeadamente o casal, por meio das normas. Em outras palavras, a família não está passivamente sujeita às pressões externas, embora não lhe seja imune. Antes, atua por meio de um dinamismo próprio em busca de consistência e equilíbrio entre as forças internas e externas (Relvas, 1996).

Pelo exposto acima, entende-se que a situação de desemprego vivida por um dos elementos de uma família poderá repercutir nos diferentes elementos por diferentes vias. Por exemplo, interações no próprio microsistema familiar afetarão todos os membros; além disso, considerando que este microsistema está inserido num macrossistema cultural, os valores dessa cultura e em particular as expectativas ligadas aos papéis de género e ao exercício dos papéis profissional e familiar poderão constituir-se ameaças externas à dinâmica familiar, mas também ameaças internas pois estas permeiam as próprias normas familiares (pressões internas). De seguida, será abordado o papel do género e das expectativas sociais face aos papéis profissionais e familiares como potenciais ameaças ao equilíbrio interno do sistema familiar no contexto de desemprego.

1.5. Género e os papéis profissionais e familiares

As teorias acerca das razões da diferenciação entre homens e mulheres face ao trabalho começaram a ganhar força a partir da segunda metade do

século XIX. As primeiras tentaram justificar a posição dos dois sexos por predisposições biológicas (Kroska, 2003). Subjacente a esse pensamento da “natureza feminina”, estava o conceito burguês de família, que alicerçado na ideia da inferioridade e fragilidade da mulher, colocava-a como responsável pela casa e afastava-a do trabalho remunerado (Ferreira, 2002). São solidificadas assim as imagens do homem-operário e da mulher-doméstica, atribuindo ao homem o desempenho do papel instrumental-provedor e, à mulher, o papel expressivo-cuidador (Parsons, 1964).

A partir do movimento feminista, a temática da diferenciação entre os sexos passa a ser estudada também pela psicologia, sendo introduzidos os sentimentos, comportamentos e atitudes que seriam típicos do “ser homem” ou “ser mulher” (Poeschl, Múrias, & Ribeiro, 2003). A partir dos anos 80 do século passado, a perspectiva situacional permite à psicologia social compreender que, em vez da polarização entre o biológico, o social e o psicológico, é a interação entre essas componentes num dado contexto que desenvolve e define o gênero e suas influências sobre o indivíduo. (Poeschl et al, 2003). Dessa forma, é preciso considerar o caráter dinâmico, situacional e relacional do gênero (Vieira, 2006).

Sem desconsiderar as pressões sofridas ao longo do processo de socialização da criança nem os processos biológicos, para Eagly (1987) as diferenças de gênero estão associadas aos diferentes papéis sociais desempenhados por homens e mulheres e às inferências das características psicológicas associadas a cada papel. Tais expectativas, geradas no grupo e pelo grupo aos quais pertencem, são a base dos estereótipos e refletem as diferenças na divisão sexual do trabalho. De acordo com Deaux e Major (1987) a exibição em maior ou menor grau dos comportamentos típicos do homem ou da mulher depende: a) das expectativas dos observadores, ou seja estereótipos, atitudes e representações sobre o que é ser homem e ser mulher; b) de concepções pessoais, que agem como “profecias de realização automática” uma vez que o indivíduo assimila as expectativas dos espectadores como suas e atua conforme o que lhe é esperado; c) de fatores situacionais, ou seja, as crenças

diferenciais sobre homens e mulheres podem ser transmitidas mais claramente ou de modo mais sutil conforme a cultura e normas sociais.

Assim, a classificação dos comportamentos dos indivíduos como “comunal” (*comunal*) ou “agêntico” (*agentic*) varia em função do papel que desempenham. Em outras palavras, as pessoas atuam de modo mais agêntico (i.e., expressão de liderança, determinação e participação social) e menos comunal (i.e., empenhados no cuidado para o bem-estar dos outros, nomeadamente da família e do lar) quando são colocadas em um papel dominante, passando de um tipo de comportamento a outro em função da sua posição na situação de interação. Num estudo realizado por Eagly e Steffen (1986), observou-se, por um lado, que a crença que as pessoas tradicionalmente atribuem à mulher (mais dócil, amável, carinhosa e compreensiva do que o homem) não se mantém quando se pensa numa mulher trabalhadora. Por outro lado, os homens que desempenhavam tarefas domésticas eram vistos como mais sensíveis nas relações interpessoais (Eagly & Steffen, 1986). Nesse sentido, Poeschl et al. (2003) sugeriram que não seriam observadas diferenças entre características predominantes nos homens e mulheres se, a ambos, fosse dada a oportunidade de se distribuírem de modo equivalente pelos diversos papéis sociais.

Não obstante às mudanças na sociedade contemporânea no que diz respeito a igualdade entre homens e mulheres, ainda é possível reconhecer papéis sociais diferenciados ou largamente específicos ao homem e à mulher. Para Vieira (2006) “de todos os papéis que até à atualidade menos mudaram para a mulher, encontram-se o de esposa e de mãe” (p. 77). Embora a tradicional divisão do homem como ganha-pão e da mulher como responsável pela vida doméstica esteja a diminuir, é fato que existe uma segregação sexual a nível das profissões, estando com maior frequência as mulheres a ocupar cargos que requerem “qualidades femininas” e os homens em trabalhos que exigem “qualidades masculinas” (Vieira, 2006), estes geralmente com posições hierarquicamente superiores e mais bem remunerados. Segundo um estudo que avaliou informações obtidas em 108 países, realizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2015), apenas 5% dos cargos de chefia são

ocupados por mulheres. Ressalta-se que as áreas mais ocupadas por elas nos cargos de liderança são os recursos humanos, comunicação e relações públicas.

Também na esfera familiar, esta ocupação de diferentes papéis mantém-se. De acordo com um estudo acerca da igualdade de género em Portugal, que utilizou uma amostra representativa da população, relativamente à execução do trabalho doméstico, o homem permanece como um ajudante secundário da mulher (Wall et al., 2016). O referido estudo reporta que atualmente os homens, independentemente da faixa etária, participam mais do trabalho doméstico, no entanto esta participação traduz-se ainda mais numa decisão de colaborar com a vida familiar do que na assunção plena de um papel familiar.

De fato, alguns estudiosos postulam a divisão tradicional do trabalho profissional e familiar como uma forma de preservar a identidade de género masculina e feminina (Brinnes, 1994; Evertsson & Neramo, 2004). Assim, poderia ser explicado o fato de alguns homens financeiramente dependentes de suas esposas realizarem ainda menos atividades domésticas do que os que não estão sob essa condição. Efetivamente, uma vez que não estavam exercendo sua função de provedor, que confirmaria socialmente a sua identidade masculina, tentariam sobretudo afastar-se da função feminina de cuidadora do lar para não serem considerados “menos masculinos”. Assim, ao executar o trabalho doméstico, as mulheres demonstram a sua feminilidade, a si próprias e aos outros, enquanto ao não executar o trabalho familiar, os homens afirmam a sua masculinidade (Poeschl, 2010; West & Zimmerman, 1987).

Parece assim que, não obstante as várias mudanças na sociedade oriundas do ingresso e permanência feminina no mercado de trabalho, ainda é muito presente a figura do género masculino como provedor da família. Em virtude disso, poderá ser ainda mais difícil para homens com atitudes de género mais tradicionais conseguir lidar com a tensão gerada pela situação de desemprego, que poderá ser encarada como uma ameaça ao seu papel de provedor, potenciando assim o efeito negativo da experiência de desemprego. Para as mulheres com maior adesão aos papéis sociais tradicionais, no entanto, estar responsável pelo bem-estar da família poderá minimizar esse impacto negativo. Embora também experienciem a tensão e as consequências

psicossociais advindas da situação de crise, o investimento no papel tradicional de cuidadora poderá desempenhar um efeito protetor sobre a sua própria experiência de desemprego (Knabe, Schöb, & Weimann, 2015).

Assim, considerando o papel do gênero e das expectativas face ao desempenho profissional e familiar, é importante distinguir a situação de desemprego quando esta é protagonizada pelo homem ou pela mulher, uma vez que estas configurações poderão ter repercussões distintas conforme o modo como os elementos do casal lidam com tais expectativas sociais. Na secção seguinte, abordaremos como a situação de desemprego pode se refletir sobre o bem-estar dos indivíduos mediante a satisfação nos diferentes subsistemas (individual, conjugal e parental).

1.6. Desemprego e bem-estar

Ainda que nos dias atuais as relações de trabalho tenham passado por profundas transformações, que trouxeram novas formas de se pensar a atividade laboral e a progressão de carreira (Ferreira, Freitas, Costa, & Santos, 2010), é inegável a importância do trabalho enquanto categoria social e o papel profissional como parte da identidade do indivíduo (Antunes, 2013; Blustein, 2008). Quando se perde esse papel fundamental, há dois tipos de implicações económicas, a saber, as dificuldades económicas e a pressão económica (Conger & Conger, 2002). Segundo os autores, o primeiro conceito estaria relacionado a problemas externos que interferem na família (e.g., diminuição da renda familiar decorrente da perda de emprego de um dos cônjuges) e o segundo com a vivência de tais dificuldades e que se refletem diretamente num aumento de stress (e.g., medo de perder a casa por não conseguir pagar a renda, pressão sobre o outro cônjuge para manter-se no emprego, preocupação com o bem-estar dos filhos etc.), impactando negativamente no indivíduo e no seu cônjuge.

Deste modo, considerando os vários subsistemas na família (conforme referido anteriormente), o desemprego enquanto stressor externo terá um efeito no desempenho e na satisfação em cada um desses subsistemas, nomeadamente o individual (satisfação com a vida), conjugal (satisfação com a relação) e parental (satisfação parental). De seguida, são revistos estudos que

demonstram como a situação de desemprego poderá afetar cada uma dessas dimensões de satisfação para o próprio elemento do casal e para o seu cônjuge.

1.6.1. Desemprego e satisfação com a vida

Na literatura, estudiosos têm evidenciado que pessoas em situação de desemprego apresentam menor satisfação com a vida do que pessoas empregadas (Kassenboehmer & Haisken-DeNew, 2009; Luhmann, Lucas, Eid, & Diener, 2012; Oesch & Lipps, 2013). Para além disso, em casais, esse decréscimo de satisfação com a vida pode ser observado não só na própria pessoa em desemprego, mas também no seu cônjuge (Knabe et al, 2015; Mendolia, 2014), havendo evidências de que esse efeito secundário estaria mais presente nas mulheres relativamente à situação profissional de seus maridos (Haid & Seiffge-Krenke, 2013).

Em um estudo conduzido por Luhmann, Weiss, Hosoya, e Eid (2014), observou-se que “ter filhos” gerava um maior impacto negativo sobre a satisfação com a vida dos homens do que sobre a das mulheres em desemprego. Esse prejuízo maior para os homens pode ser interpretado à luz das questões de género discutidas anteriormente. De fato, se o papel tradicional do homem implica a provisão da família, quando ele se encontra em desemprego o seu contributo para a família estará comprometido. Se existirem filhos, não só este contributo se torna mais relevante, do ponto de vista prático e económico, como também seria fundamental do ponto de vista do exercício do papel parental. Estudos mostram que, após o nascimento dos filhos, o investimento profissional dos pais tende a aumentar, enquanto as mães aumentam o seu investimento familiar no desempenho de tarefas domésticas e de cuidado aos filhos (Kaufman & Uhlenberg, 2000). Deste modo, homens em situação de desemprego – e em particular aqueles com filhos – poderão percecioner menor satisfação com a vida. No entanto, há outros aspetos (como características individuais e de traços de personalidade) que poderão alterar o efeito do desemprego na satisfação com a vida, atenuando ou exacerbando este impacto.

1.6.2. Desemprego e satisfação conjugal

A perda do emprego pode ter efeitos negativos sobre a satisfação conjugal, dado que a pressão exercida sobre o cônjuge empregado afeta a sua capacidade de oferecer apoio ao cônjuge em desemprego, resultando num aumento da tensão conjugal (Conger & Conger, 2002). Ao analisar casais em situação de desemprego, Vinokur, Price e Caplan (1996) verificaram que o aumento da pressão económica gera, em ambos os parceiros, um aumento de sintomas depressivos. Devido a isso, a capacidade individual de oferecer apoio um ao outro é afetada, prejudicando assim a satisfação conjugal e potenciando o surgimento de sintomas depressivos no cônjuge em desemprego. Numa revisão sistemática de literatura, Fonseca, Cunha, Crespo, e Relvas, (2016) observaram que o aumento da tensão conjugal causada pelo desemprego gera efeitos na comunicação entre os membros do casal, evidenciado em comportamentos mais hostis e falta de suporte oferecido ao cônjuge. O aumento das discussões entre o casal diante da pressão económica resultante da situação de desemprego (Kinnunen & Feldt, 2004) é particularmente relevante, dado que este tipo de discussões são as mais problemáticas e de difícil solução entre os cônjuges (Papp, Cummings, & Goeke-Morey, 2009). Assim, o desemprego estaria associado a uma diminuição da satisfação conjugal e ao aumento da probabilidade de divórcio do casal (Amato & Beattie, 2011; Hansen, 2005; Roy, 2011). No entanto, esse aumento da probabilidade de separação do casal parece ser maior nos casos em que o cônjuge em desemprego é o homem (Jensen & Smith, 1990; Kippen, Chapman, Yu, & Lounkaew, 2013). Alguns fatores parecem ainda potencializar o efeito do desemprego masculino sobre a probabilidade de divórcio, como o tempo de desemprego, baixo rendimento familiar e baixo nível de escolaridade dos cônjuges (Doiron & Mendolia, 2012; Nilsson, 2008).

Com base no exposto, parece que o desemprego dos homens acarreta maior impacto negativo sobre a satisfação conjugal. Contudo, dimensões individuais e conjugais poderão contribuir para explicar esta associação entre o desemprego e a satisfação conjugal, como a capacidade de dar e receber apoio ou a coesão da própria família. Estas dimensões serão exploradas mais à frente.

1.6.3. Desemprego e satisfação parental

No seio da família, o desemprego ameaça aquele que talvez seja um dos principais papéis dos pais, que é o de prover meios necessários para o desenvolvimento dos filhos (Voydanof, 1990). Numa revisão recente, Fonseca et al., (2016) verificaram que a tensão económica experienciada na situação de desemprego por vezes leva os pais a adotarem estilos parentais mais punitivos. Portanto, considera-se que a situação de desemprego pode colocar em risco também o desempenho do papel parental e, conseqüentemente, poderá levar a uma alteração na perceção quer da competência quer da satisfação parental. Estudos prévios salientam efeitos diferentes em homens e mulheres (Luhmann et al. 2014; Nilsson, 2008). De acordo com os resultados de um estudo realizado por Schmitt (2008), enquanto nos homens o papel familiar estaria afetado negativamente pelo impacto da tensão financeira resultante do desemprego, nas mulheres observou-se que o investimento no papel parental teria um efeito positivo sobre a satisfação parental e satisfação com a vida, sobretudo em mulheres com baixos índices de escolaridade.

Conforme referido anteriormente, dado o carácter de interdependência entre os subsistemas que compõem a família, torna-se relevante analisar a satisfação dos homens e das mulheres nos três principais subsistemas (individual, conjugal e parental), considerando que essas três dimensões integram-se no bem-estar do indivíduo e no equilíbrio da dinâmica familiar. Não obstante, as relações entre a situação de desemprego e a satisfação não se darão de modo linear, podendo existir alguns fatores que, manifestados em cada um dos subsistemas, amortecem ou agudizam a experiência negativa do desemprego, conforme será abordado na próxima secção.

1.7. Características protetoras e de vulnerabilidade à experiência do desemprego

Nesta secção, serão abordadas algumas características identificadas na literatura como potencialmente de proteção ou de vulnerabilidade às dimensões de satisfação (com a vida, conjugal e parental) face à situação de risco que o desemprego representa.

1.7.1. Individuais

O impacto de desemprego como um stressor do bem-estar individual e da família dá-se de forma distinta nos indivíduos, de modo que nem todas as pessoas e suas famílias lidam com este evento de igual forma. Em recentes estudos, pesquisadores têm investigado a relação entre os traços de personalidade e o decréscimo dos níveis de satisfação, nomeadamente satisfação com a vida, a curto e a médio prazo, após eventos de vida tais como a situação de desemprego (Anusic, Yap, & Lucas, 2014; Yap, Anusic, & Lucas, 2012). Cole, Daly e Mak (2009) propuseram um modelo segundo o qual algumas características individuais – dentre as quais autoestima, autoeficácia, esperança e otimismo – seriam preditores de bem-estar e estariam associadas a competências valorizadas no ambiente de trabalho. Segundo os autores, face à situação de desemprego, pessoas com estas características teriam uma maior propensão a encontrar um novo emprego; no entanto, também se observou que longos períodos de desemprego acarretavam uma diminuição dos níveis de manifestação de tais características. Também Kanfer, Wanberg e Kantrowitz (2001) e McKee-Ryan et al. (2005) com base em metanálises, observaram a importância de tais características pessoais, nomeadamente o otimismo, crenças de autoeficácia (i.e., a convicção que serão capazes de lidar eficazmente com as exigências e mudanças associadas a perda de emprego) e a autoestima para a busca por um novo emprego e nas respostas mais adaptativas face ao desemprego. De fato, uma pessoa otimista está mais sensível aos aspetos positivos da situação e àqueles que podem-na melhorar, antecipando com mais frequência um desfecho positivo do que uma pessoa pessimista (Carver & Scheier, 2002). Desse modo, indivíduos que demonstram uma atitude mais otimista apresentam maior probabilidade de ser bem-sucedidos em entrevistas de trabalho e processos de seleção de novos funcionários (Lang & Lee, 2005; McKee-Ryan et al, 2005).

O otimismo é considerado classicamente como um fator de proteção quando uma pessoa tem de enfrentar desafios, ultrapassar obstáculos e superar dificuldades (Diener, Suh, Lucas, & Smith, 1999). Pelo contrário, pessoas com elevados índices de neuroticismo e afetos negativos têm maior dificuldade no

enfrentamento de adversidades, tal como o desemprego, uma vez que tais variáveis implicam também uma maior insatisfação com a rede de relações interpessoais (suporte social), impactando na saúde mental e gerando maior dificuldade em encontrar uma recolocação profissional (Hahn, Specht, Gottschling, & Spinath, 2015). Assim, considera-se que uma pessoa tendencialmente otimista ou que não se sinta emocionalmente debilitada diante de situações difíceis poderá apresentar, face à situação de desemprego, um comportamento diferente de outra pessoa que seja mais tendencialmente pessimista ou vulnerável.

Para além da orientação de vida (i.e., modo mais pessimista ou mais otimista de encarar as situações), uma outra característica individual identificada na literatura por que poderá ter um efeito protetor sobre a experiência negativa de desemprego são as crenças de autoeficácia. Tais crenças, que são os julgamentos que as pessoas fazem acerca das suas capacidades em lidar com determinadas demandas, podem definir o investimento, o esforço e o envolvimento face à situação de desemprego (Lang & Lee, 2005).

Os “processos de coping” (Folkman & Lazarus, 1980) ou “estratégias de enfrentamento” desempenham um importante papel no bem-estar, sendo um mediador do efeito da personalidade sobre as consequências do fator stressor (Carver & Connor-Smith, 2010). A operacionalização do coping dá-se através de estratégias, sejam elas cognitivas, afetivas ou comportamentais, voltadas ao enfrentamento de situações stressoras. A literatura sobre o coping distingue duas classes de estratégias: as com foco no problema e as com foco nas emoções. Para McKee-Ryan et al. (2005), o coping focado no problema envolve a busca ativa de um novo emprego, enquanto o coping focado nas emoções abrange distanciamento emocional face à situação, ativação da rede de suporte social e reinterpretação da situação. Os autores afirmam que qualquer uma das estratégias poderá ser promotora de bem-estar, no entanto ressaltam que as estratégias cognitivas ou focadas no problema geralmente estão associadas a sentimentos de maior frustração e insucesso, que pode gerar um efeito negativo sobre o bem-estar de pessoas que com maior frequência lidam pior com a rejeição.

Com base no exposto acima, verifica-se que algumas características de personalidade ou orientação de vida, tais como o otimismo, a autoeficácia e o neuroticismo, parecem estar relacionados ao modo como, tendencialmente, a pessoa reage face a situações de risco e portanto a escolha das estratégias adaptativas de coping. No entanto, poucos são os estudos que trazem evidências a esse respeito. Além disso, será importante também verificar se estas respostas face ao desemprego seriam iguais para ambos os géneros e para casais em diferentes configurações de desemprego na família, o que parece ainda ter sido pouco explorado em investigações. Considera-se que um maior otimismo e menor neuroticismo, bem como o fortalecimento da confiança geral do indivíduo poderão ter um efeito protetor sobre a satisfação nos diferentes domínios, nomeadamente a satisfação com a vida, fazendo com que o indivíduo possa reagir de modo adaptativo ao risco que a situação de desemprego poderá representar para os subsistemas do ambiente familiar.

1.7.2. Familiares

A meta-análise suprarreferida de McKee Ryan et al., (2005) evidenciou, para além de aspetos individuais, o papel do suporte familiar na promoção de respostas adaptativas ao desemprego. A coesão familiar refere-se ao sentimento de compromisso que os membros do agregado têm uns para com os outros, refletindo-se na oferta de ajuda e apoio (Matos & Fontaine, 1993). O enfraquecimento da coesão pode dar-se por razões internas (e.g., discussões e desavenças) ou externas, como seria o caso de uma situação de desemprego. Diante da crise no sistema familiar gerada pela perda de emprego, alguns estudos apontam uma diminuição da coesão familiar (Hanish, 1999) sendo esta mediada pela diminuição do bem-estar e aumento do stress dos pais (Song et al., 2001). No entanto, em algumas famílias observou-se uma associação negativa entre a perceção de coesão e ansiedade (Dimas, Pereira, & Canavarro, 2013), sugerindo assim que o suporte emocional recebido pelos membros da família poderá desempenhar um efeito protetor para a pessoa em desemprego. Assim, a perceção de um ambiente familiar coeso pode auxiliar no enfrentamento

da situação de desemprego, uma vez que o investimento no papel familiar pode influenciar positivamente o bem-estar individual e a satisfação conjugal.

Sendo a relação conjugal uma relação de grande intimidade e emocionalmente intensa, há aspectos específicos desta relação que poderão influir no modo como o desemprego é vivido pelo indivíduo e pela família. Efetivamente, a avaliação da qualidade do relacionamento conjugal implica aspectos como a frequência de conflitos, a adequação da comunicação entre os membros e a satisfação com o grau de união familiar (Magagnin et al, 2003; Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004). Dependerá, dentre outros aspectos, das habilidades sociais conjugais dos parceiros. Entende-se por “habilidades sociais conjugais” um conjunto de comportamentos necessários para lidar de modo socialmente competente face às questões interpessoais no âmbito da conjugalidade, que possui demandas próprias seja para a resolução de conflitos, seja para a expressão de sentimentos (Del Prette & Del Prette, 2014). Em função da centralidade do vínculo emocional para a qualidade desta relação, a empatia, que é uma importante característica em todas as relações sociais, é fundamental nas relações de casal. De acordo com Gottman (1998), casais com elevados níveis de empatia apresentam menos tensão e conflitos conjugais. As habilidades sociais conjugais empáticas estão positivamente associadas à satisfação conjugal (Sardinha, Falcone, & Ferreira, 2009) e abrangem expressão de compreensão, oferecimento de apoio e validação dos sentimentos do cônjuge, promovendo o bem-estar psicológico de ambos (Villa & Del Prette, 2013). No contexto de desemprego, alguns pesquisadores indicam que a transmissão do stress de um para o outro cônjuge dá-se por meio da empatia (Song, Foo, Uy, & Sun., 2011). Assim, parece que pessoas mais empáticas, embora tenham maior satisfação conjugal, também tendem a ser mais afetadas pela tensão gerada pela situação de desemprego do outro, impactando negativamente a saúde mental de ambos (Vinokur & van Rym, 1993). Em outras palavras, se diante de outras diferenças entre os membros do casal, muitas vezes um cônjuge pode alterar seu próprio comportamento para tentar solucionar o problema do parceiro, no caso do desemprego isto raramente será possível, uma vez que está fora de seu alcance. Consequentemente,

enquanto o problema persiste, resta ao membro do casal somente a prestação de apoio emocional ao outro membro.

Além da relação conjugal, um outro subsistema dentro da unidade familiar que pode também exercer uma influência na vivência do desemprego é o subsistema parental. Embora sejam poucos estudos nos quais a influência deste fator foi analisada, grande parte das evidências aponta implicações negativas neste âmbito (Ström, 2003). Alguns pesquisadores sugerem que o bem-estar dos pais e eficácia parental são mediadores do efeito do desemprego sobre o bem-estar dos filhos (Kloep & Tarifa, 1993; Perrucci, 1994; Ström, 2003). A eficácia parental é produto de crenças de autoeficácia que um indivíduo possui relativamente ao desempenho de seu papel paterno ou materno. No geral, elevados índices de eficácia parental estão associados ao bem-estar tanto das crianças quanto do pai/mãe (Teti & Gelfand, 1991). Além disso, parece que pais e mães com elevada percepção de eficácia parental apresentam menor percepção de conflitos entre trabalho-família (Gali, Weisel & Tzuk, 2007; Lau, 2009). Assim, diante da situação de desemprego, quanto mais eficaz um adulto se sente, maior será o investimento no papel parental, o que poderá gerar benefícios para a relação com os filhos e o bem-estar em ambos (Erdwins, Buffardi, Casper & O'Brien, 2001). Por outro lado, o impacto negativo financeiro advindo da situação de desemprego poderá afetar o bem-estar dos pais, desencadeando insegurança e uma possível alteração na apreciação subjetiva dos pais quanto à sua capacidade de cuidar de e educar os filhos (Coleman & Karraker, 1997). Diante da reduzida literatura acerca destes efeitos, ainda não existe um consenso relativamente ao impacto do desemprego na eficácia e satisfação parental.

1.8. Definição do problema

A atual crise económica afetou grande parte das famílias de duplo-emprego de Portugal e do Brasil, sendo o desemprego de um ou de ambos os cônjuges uma realidade em muitos lares. A perda de emprego traz consequências negativas não só sobre o bem-estar da pessoa em desemprego, mas também sobre o cônjuge e o desempenho de papéis familiares. Ora, a

ampla literatura acerca dos impactos psicossociais do desemprego tende a centrar-se em variáveis individuais, uma vez que os participantes costumam ser somente a própria pessoa em desemprego, elencando a partir daí os agravos no bem-estar e prejuízos a nível social. Assim, observa-se que os efeitos de *crossover* (i.e., dimensões de um cônjuge que afetam o outro cônjuge, como por exemplo o nível de otimismo de um membro do casal influenciar no nível de satisfação com a vida do outro) não têm sido considerados na maioria dos estudos com pessoas em situação de desemprego.

Considerando a unidade familiar sob a perspectiva sistêmica, o indivíduo participa ativamente e em simultâneo, de pelo menos três subsistemas (individual, conjugal e parental). Assim, pretendemos no presente trabalho recolher informações que permitam compreender melhor o impacto da experiência do desemprego em cada um dos três subsistemas. Entendemos que os efeitos de crise podem variar de pessoa para pessoa conforme os seus recursos e fragilidades. Neste sentido, interessa-nos identificar fatores que podem proteger o bem-estar das pessoas relativamente aos três subsistemas (satisfação com a vida, satisfação conjugal e satisfação parental). Adicionalmente, perceber tais aspetos em diferentes configurações (desemprego do homem, desemprego da mulher e desemprego de ambos os cônjuges) poderá permitir um conhecimento mais aprofundado sobre o fenómeno. Sabe-se que esta característica do macrosistema em que o indivíduo se insere poderá ter uma influência importante na moldagem da experiência de desemprego, uma vez que as responsabilidades familiares e profissionais são ainda muito marcadas pelos papéis de género socialmente prescritos.

O objetivo geral do trabalho foi, portanto, o de analisar a variação do bem-estar – a partir dos níveis de satisfação conjugal, parental e com a vida – na experiência dos casais em situação de desemprego, em função da configuração familiar de desemprego, evidenciando a invariância cultural desta experiência psicológica a partir da comparação entre Brasil e Portugal. A partir deste objetivo geral, os objetivos específicos foram:

- a) Compreender como as famílias percebem a experiência do desemprego e seus efeitos no âmbito familiar, a partir da integração dos principais resultados presentes na literatura internacional e da aferição de aspectos positivos e negativos acerca desta experiência;
- b) Compreender qual o papel das variáveis de risco (vulnerabilidade e afetos negativos) e de proteção (autoeficácia, afetos positivos, estratégias de coping, atitudes tradicionais vs. igualitárias, empatia conjugal, coesão familiar e eficácia parental) na satisfação com a vida, conjugal e parental de ambos os membros do casal, nas diferentes configurações familiares de desemprego, em Portugal e no Brasil. Para este fim, buscou-se verificar semelhanças e diferenças nas manifestações das variáveis e aferir o papel preditor destas nos indicadores de bem-estar;
- c) Identificar influências recíprocas dos preditores manifestados por um dos membros do casal na satisfação conjugal, parental e com a vida do outro membro.

No sentido de atingir cada um dos objetivos específicos, delineou-se uma pesquisa de metodologia mista, subdividida em diversas etapas, cada uma operacionalizada por estudos específicos. De seguida, apresenta-se a metodologia adotada na condução desta pesquisa.

II. Metodologia

Neste capítulo, são descritos os procedimentos metodológicos e éticos adotados no delineamento do estudo geral e na operacionalização da recolha dos dados junto à amostra. Este trabalho é, portanto, formado por diferentes estudos que foram operacionalizados para atender aos objetivos específicos. Neste capítulo, são apresentadas as questões de investigação, os objetivos específicos, os instrumentos e a aferição de suas qualidades psicométricas para as amostras, procedimentos de recolha, descrição das amostras e das metodologias de análise de dados utilizadas.

2.1. Questões de investigação e objetivos dos estudos

O presente trabalho articulou-se em diversas etapas, cada uma com objetivos específicos que foram operacionalizados por seis estudos distintos. Pretendeu-se, deste modo, melhor compreender certos elementos da dinâmica das famílias em diferentes configurações de desemprego. A seguir, apresentam-se os objetivos, as questões orientadoras e o modo como foram operacionalizados e interligados.

❖ Objetivo 1

Compreender como as famílias percecionam a experiência do desemprego e seus efeitos no âmbito familiar, a partir da integração dos principais resultados presentes na literatura internacional e da aferição de aspetos positivos e negativos acerca desta experiência.

De modo a atender este objetivo, foram efetuados dois estudos. No primeiro, um estudo de revisão de literatura, pretendeu-se confirmar os nossos pressupostos acerca da importância do género na problemática do desemprego, mas também colmatar lacunas observadas no estado da arte, nomeadamente a escassez de estudos que abordassem o fenómeno de desemprego na lógica do impacto sobre o desempenho de papéis familiares e sobre os outros elementos do sistema familiar.

2.1.1. Estudo de revisão sistemática

❖ Questão de investigação:

Quais as implicações do desemprego, enquanto fenómeno sociopsicológico, sobre o relacionamento conjugal e sobre cada um dos cônjuges?

❖ Hipóteses:

H1a: A situação de desemprego está associada a uma diminuição da saúde e bem-estar subjetivo, em homens e mulheres.

H1b: O desemprego gera um desequilíbrio no microsistema familiar, impactando negativamente ambos os elementos do casal e o relacionamento entre eles.

H1c: Existem fatores de proteção que poderão amortecer os efeitos negativos do desemprego no sistema familiar.

Na tentativa de construir uma compreensão holística sobre o fenómeno, procurou-se, num segundo estudo, analisar quais os aspetos negativos e positivos da situação de desemprego que os participantes portugueses e brasileiros espontaneamente identificariam. Para isso, usou-se uma abordagem essencialmente qualitativa, aferindo, pelas próprias palavras dos participantes desempregados, quais os potenciais aspetos positivos e negativos da situação de desemprego, visando identificar potenciais aspetos ameaçadores e protetores ao bem-estar de cada membro da família diante da situação de desemprego. A opção pela abordagem qualitativa deveu-se ao fato desta metodologia permitir aceder a outros significados que abordagens mais quantitativas – pelo fechamento das suas questões – não permitem.

2.1.2. Estudo da avaliação da experiência de estar em desemprego

❖ Questões de investigação:

Como as pessoas em situação de desemprego avaliam esta experiência em termos positivos e negativos? Haverá diferenças entre os dois países

relativamente aos pontos mais referenciados como negativos e como positivos?

❖ Objetivo 2

Compreender o papel das variáveis de risco e de proteção na manifestação de satisfação com a vida, conjugal e parental, verificando seus efeitos e variações nas diferentes configurações familiares de desemprego, em Portugal e no Brasil.

Com este objetivo, pretendeu-se observar o efeito do género, analisado em diferentes configurações de desemprego, na repercussão do desemprego sobre o bem-estar. Conforme referido no capítulo anterior, a construção social do género atribui aos homens e às mulheres papéis sociais distintos, que influenciarão a forma como interpretam os acontecimentos de vida, o que consequentemente afetará os seus níveis de satisfação. Comparar as perceções do casal em diversas configurações de desemprego e comparar a perceção de homens e mulheres dentro de cada casal (comparação intracasal) poderá pôr em evidência esta influência. Para além disso, existem também características individuais e familiares que poderão, na situação de desemprego, proteger ou ameaçar tais níveis de satisfação. Assim, operacionalizou-se este objetivo em três estudos. No primeiro, buscou-se verificar a variação dos níveis de satisfação em função da configuração de desemprego, do país e entre os membros do casal; no segundo, analisou-se a variação das características individuais e familiares que seriam protetoras e ameaçadoras dos níveis de satisfação, em função da configuração de desemprego, do país e dentre os membros do casal; e, no terceiro, verificou-se o papel preditor destas variáveis sobre os indicadores de satisfação, comparando as diferentes configurações de desemprego.

2.1.3. Estudo de diferenças de satisfação em função do país, da configuração de desemprego na família e dentre os membros do casal

❖ Questões de investigação:

Existem diferenças entre as configurações do desemprego na família relativamente à satisfação ao nível individual (satisfação com a vida) e familiar (satisfação conjugal e satisfação parental)? Estas diferenças entre as configurações estarão presentes para ambos os países e em ambos os membros do casal?

❖ Hipóteses:

H2a: Não existem diferenças significativas entre os países sobre os níveis de satisfação.

H2b: O grupo de casais em duplo-desemprego será o mais vulnerável (menores níveis de satisfação parental, conjugal e com a vida), em ambos os países.

H2c: O grupo de desemprego masculino apresentará menor satisfação conjugal do que o grupo de desemprego feminino, em ambos os países.

H2d: Dentre os casais do grupo de desemprego masculino, os homens apresentarão menor satisfação parental e com a vida do que as mulheres.

No sentido de melhor compreender as variações observadas nos níveis de satisfação, o segundo estudo buscou verificar a variação das características individuais e familiares em função da configuração de desemprego, do país e dentre os membros do casal.

2.1.4. Estudo das diferenças de variáveis individuais e familiares em função do país, da configuração de desemprego e dentre os membros do casal

❖ Questões de investigação:

Manifestarão os casais na situação de duplo desemprego maiores médias de vulnerabilidade e afetos negativos do que aqueles que estão em situação de desemprego único, qualquer que seja o país? E relativamente

às variáveis protetoras, haverá diferenças entre grupos e dentre os membros do casal?

❖ Hipóteses

H3a: Não há diferenças significativas entre os países.

H3b: O grupo duplo desemprego apresentará maiores médias das variáveis potencialmente ameaçadoras, em ambos os países.

H3c: No grupo de desemprego masculino, os homens manifestarão mais vulnerabilidade e afetos negativos e menos eficácia parental, em ambos os países.

No sentido de aprofundar os estudos anteriores, que permitiram verificar as variações nas manifestações das variáveis protetoras ou de vulnerabilidade, pretendeu-se aferir o peso de tais variáveis sobre os níveis de satisfação, em função da configuração de desemprego.

2.1.5. Estudo dos preditores de satisfação conjugal, parental e com a vida

❖ Questões de investigação

Quais as variáveis que melhor explicam a variação da satisfação (conjugal, parental e com a vida) dos casais? Seria esta associação de variáveis iguais em todas as configurações de desemprego, em ambos os países?

❖ Hipóteses:

H4a: Não se espera que o país seja um preditor de satisfação.

H4b: Os fatores de risco (vulnerabilidade e afetos negativos) estarão negativamente associados à satisfação, em todas as configurações de desemprego nas famílias de ambos os países.

H4c: Os fatores protetores (ambiente familiar, habilidades sociais conjugais e competência parental) estarão positivamente associados à satisfação, em todas as configurações de desemprego e em ambos os países.

❖ Objetivo 3

Verificar a influência, recíproca ou não, de preditores de um dos elementos do casal nos níveis de satisfação conjugal, parental e com a vida do outro elemento.

Finalmente, a partir dos passos anteriores, pareceu-nos pertinente aprofundar os possíveis efeitos de interdependência entre os elementos do casal relativamente às variáveis familiares que eram preditores dos três tipos de satisfação, testando-se esses efeitos intracasal e em função das diferentes configurações de desemprego.

2.1.6. Estudo da interdependência entre os elementos do casal

❖ Questões de investigação:

Em que medida uma variável familiar manifestada por parte de um dos elementos do casal afeta a percepção de satisfação do outro elemento? Será esse efeito recíproco e semelhante em ambas as direções (do homem para mulher e da mulher para o homem)?

2.2. Amostras e procedimento de recolha

Foram recrutados casais em que pelo menos um dos elementos estivesse, no período da recolha dos dados, em situação de desemprego. Assim, em função da situação de desemprego, havia três configurações familiares possíveis: maridos em desemprego e esposas a trabalhar (i.e., desemprego masculino), esposas em desemprego e maridos a trabalhar (i.e., desemprego feminino) e ambos os cônjuges em desemprego (i.e., duplo desemprego). Dado que o objetivo era realizar um estudo comparativo dessas três configurações em Portugal e no Brasil, os participantes foram selecionados segundo um plano fatorial 3x2.

A dimensão da amostra foi estimada de modo a ter grupos equilibrados em termos numéricos e a garantir o tamanho mínimo necessário para a prossecução das análises estatísticas planeadas em função dos objetivos de estudo, nomeadamente análise de variância (50 participantes por estrato),

regressões lineares múltiplas (15 participantes por VI) e análises diádicas (respostas de ambos os cônjuges e emparelhamento da díade). Considerando os países e as possíveis configurações familiares, a amostra total estimada foi de 600 participantes, divididos conforme ilustrado na Figura 1.

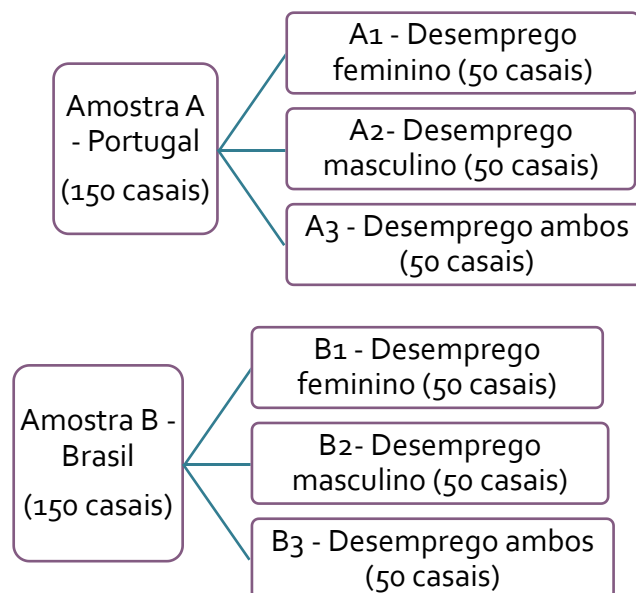


Figura 1. Amostra e divisão de acordo com país e configuração familiar

2.2.1. Critérios

Os critérios de inclusão adotados para a seleção dos participantes foram: (1) casais a viver juntos, (2) pelo menos um dos membros em situação de desemprego, isto é, sem emprego formal e em busca ativa de um posto de trabalho, (3) ambos afirmassem saber ler e escrever. Foram adotados como critério de exclusão: (1) os casos em que somente um dos elementos respondesse ao questionário, o que impossibilitaria a prossecução das análises diádicas; e (2) questionários incompletos, cujas secções tivessem menos de 80% de preenchimento.

2.2.2. Caracterização das amostras

Amostra total. De acordo com os critérios anteriormente descritos, obteve-se uma amostra de conveniência de 159 casais brasileiros e 186 casais portugueses, totalizando 690 participantes. Embora a orientação sexual não tenha sido um critério, todos os casais da amostra afirmaram possuir uma orientação heterossexual.

Como não se adotou como critério de inclusão o fato do casal ter um filho, alguns casais (11.0%) não eram pais. De ressaltar que, por esse motivo, tais participantes não foram incluídos nas análises relativas à parentalidade. A idade dos participantes variou de 18 a 70 anos ($M = 41.63$; $DP = 10.35$) e a média do tempo de relação foi de 16 anos ($DP = 10.47$). Os participantes possuíam diferentes níveis de habilitações literárias, sendo o nível de escolaridade mais comum (36.2%) o 12º ano escolar, equivalente no Brasil ao ensino médio. Relativamente ao rendimento médio líquido mensal familiar, a maioria dos participantes (36.5%) relatou possuir entre um e dois salários mínimos, fazendo-se a correspondência ao valor estipulado conforme o país de origem dos participantes. Cerca de metade das famílias (40.6%) estava a receber algum tipo de subsídio-desemprego.

Foram feitos testes de comparação de médias relativamente à distribuição das variáveis sociodemográficas, a fim de verificar os aspetos em que as amostras eram homogéneas e em quais diferiam. Nos casos em que a frequência observada era inferior aos pressupostos, aplicou-se a correção de Monte Carlo, conforme Marôco (2014). A Tabela 1 indica os testes de comparação entre as amostras. Observou-se que as amostras eram semelhantes entre si em relação à idade dos participantes, tempo de relação conjugal e número de filhos. As diferenças indicam que os casais portugueses tinham menor rendimento mensal, menor nível de escolaridade e maior tempo de desemprego do que os casais brasileiros.

Os casais foram classificados em três grupos em função da situação de desemprego na configuração familiar: o primeiro grupo (G1) foi formado por mulheres em situação de desemprego e seus cônjuges a trabalhar, sendo 74 casais brasileiros e 87 casais portugueses; no segundo grupo (G2), composto por 40 casais brasileiros e 38 casais portugueses, estavam as famílias em que

Tabela 1. Comparação entre as amostras dos países

	Portugal		Brasil		Teste
	n	%	n	%	
Escolaridade ^a					$\chi^2(5) = 85.964;$ $p = .001$
Até 4º ano	80	21.6	27	8.5	
Até 6º ano	77	20.8	27	8.5	
Até 9º ano	79	21.4	37	11.7	
Até 12º ano	91	24.6	159	50.3	
Licenciatura	35	9.5	58	18.4	
Mestrado/ Doutoramento	8	2.2	8	2.5	
Idade	$M = 42.22$ $(DP = 10.03)$		$M = 40.94$ $(DP = 10.70)$		$t(675) = - 1.607;$ $p = .109$
Rendimento mensal médio ^a					$\chi^2(6) = 101.934;$ $p = .001$
Menos de 1 SM	106	32.1	22	7.5	
Entre 1 e 2 SM	147	44.5	105	36.0	
Entre 2 e 3 SM	48	14.5	78	26.7	
Entre 3 e 4 SM	17	29.3	41	14.0	
Entre 4 e 5 SM	9	2.7	15	5.1	
Entre 5 e 6 SM	1	0.3	16	5.5	
Mais de 6 SM	2	0.6	15	5.1	
Tempo de desemprego	$M = 51.54$ $(DP = 63.99)$		$M = 36.41$ $(DP = 47.85)$		$t(387) = - 2.620;$ $p = .009$
Tempo de relação	$M = 16.42$ $(DP = 10.38)$		$M = 16.48$ $(DP = 10.61)$		$t(641) = 0.077;$ $p = .938.$
Número de filhos	$M = 1.87$ $(DP = 1.13)$		$M = 1.93$ $(DP = 1.36)$		$t(616,472) = 0.676;$ $p = .500$

Nota. ^a Nos casos em que mais de 20% das células continham um valor esperado menor do que 5 observações, efetuou-se a correção de Monte Carlo, conforme Marôco (2014); SM = salário mínimo no país de residência do participante

os maridos estavam em desemprego e as esposas a trabalhar; e, num terceiro grupo (G3) ficaram os casais em que ambos estavam em desemprego, sendo 45 díades brasileiras e 61 portuguesas.

Amostra do estudo qualitativo. Para o estudo qualitativo, fez-se um recorte da amostra total, uma vez que a) não foram considerados os casais, mas somente a pessoa que estava em desemprego; b) nem todos os participantes preencheram esta parte qualitativa do protocolo. Portanto, a amostra deste estudo foi constituída considerando somente o elemento do casal que estava em situação de desemprego (no caso dos casais em duplo desemprego, ambos poderiam responder, individualmente). Participaram no estudo 151 portugueses e 108 brasileiros, totalizando 259 participantes.

A idade dos participantes desta amostra variou entre 18 e 64 anos ($M = 41.52$; $DP = 9.88$), sendo a maioria do sexo feminino. Todos os participantes estavam numa relação conjugal (o tempo médio de coabitação, em anos, foi $M = 16.51$; $DP = 10.24$) e a maioria dos casais possuía pelo menos um filho. O tempo médio de desemprego, em meses, foi de 44.36 ($DP = 50.37$), estando portanto a maioria dos participantes em situação de desemprego de longa duração. A Tabela 2 apresenta as características da amostra em função dos países.

2.2.1. Procedimento ético

A metodologia, os questionários utilizados e o procedimento de recolha de dados do presente estudo foram autorizados pela Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e, no Brasil, pelo Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos, da Universidade Federal de São Carlos, conforme cópias anexadas (ver Anexo 5).

Tabela 2. *Caracterização da amostra do estudo qualitativo*

Características	Portugal (n = 151) %	Brasil (n = 108) %
Género		
Masculino	37.7	37.0
Feminino	62.3	63.0
Idade		
18 – 27	5.9	10.1
28– 37	25.8	39.8
38 – 47	33.7	22.2
48 – 57	32.4	19.4
58 – 64	1.9	8.3
Escolaridade		
Até 4º ano	19.2	8.3
Até 6º ano	21.2	3.7
Até 12º ano	21.9	65.7
Licenciatura	8.6	19.4
Mestrado/ Doutoramento	3.3	2.8
Tempo de desemprego		
Até 6 meses	17.9	26.9
7 a 12 meses	10.0	16.3
13 a 24 meses	14.2	14.4
25 a 36 meses	9.2	12.5
37 a 48 meses	11.4	5.8
49 a 60 meses	10.3	4.9
Acima de 60 meses	27.0	18.6
Recebe subsídio?		
Sim	53.0	75.0
Não	41.0	23.0
Não respondeu	6.0	2.0
Estatuto profissional do cônjuge		
Empregado(a)	53.6	61.1
Desempregado(a)	46.4	38.8
Tem filhos?		
Sim	92.7	82.4
Não	7.3	17.6

Participaram do estudo aqueles que, após esclarecimento fornecido pela pesquisadora, manifestaram voluntariamente interesse, tendo recebido orientações quanto aos seus direitos e garantias, descritos no Termo de Consentimento (Anexo 6). Todos os cuidados foram assegurados a fim de minimizar possíveis constrangimentos ou desconforto durante a participação no estudo, sendo facultado aos participantes os contactos (telefónico e por email) da pesquisadora caso desejassem colocar alguma questão.

2.2.2. Procedimento de recolha

A recolha dos dados em Portugal foi feita no período entre novembro de 2014 e junho de 2015. O contato com os participantes foi feito inicialmente através da colaboração de gabinetes de inserção profissional e centros de formação profissional. A partir destes participantes, utilizou-se a técnica *snowball*. Foram contactadas instituições localizadas na região Norte, abrangendo a zona do Grande Porto (Gondomar, Maia, Matosinhos, Porto, Póvoa de Varzim, Santo Tirso, Trofa, Valongo, Vila do Conde, Vila Nova de Gaia), Aveiro (Espinho, Santa Maria da Feira e Castelo de Paiva) e Braga (Barcelos e Vila Nova de Famalicão).

No Brasil, a recolha ocorreu no período de agosto de 2015 a junho de 2016, concentrando-se em duas regiões: (a) Fortaleza e região metropolitana, situada no nordeste do país, utilizando a técnica *snowball* através da rede de amigos, familiares e comunidade; (b) em São Carlos, situada na região Sudeste, através da colaboração com a Secretaria Municipal da Educação – SME, e a Secretaria Municipal do Trabalho, Emprego e Renda – SMTER, bem como centros de formação mantidos por estas instituições.

Pelo menos um dos membros do casal recebia as instruções diretamente da pesquisadora e levava para casa um envelope com dois questionários, sendo um para si e outro para o cônjuge, bem como o termo de consentimento para o cônjuge, com a orientação de preencherem individualmente o questionário, sem a interferência do outro. As instruções de preenchimento do questionário

estavam contidas no envelope. Os questionários possuíam a designação “versão masculina” e “versão feminina” para que os cônjuges distinguíssem a qual cada um deveria responder. Todos os questionários continham os mesmos itens, variando apenas a flexão do género (masculino e feminino) e a ordem de apresentação das subsecções, de modo a contrabalançar a administração das escalas.

A taxa de adesão dos participantes foi de aproximadamente 30%, tendo-se obtido no total 334 questionários preenchidos no Brasil e 424 em Portugal. Destes, foram excluídos 39 pela impossibilidade de emparelhamento (ausência do questionário preenchido pelo cônjuge), dois por respostas de baixa confiabilidade (os participantes deram a mesma resposta a todos os itens), 21 por estarem muito incompletos (percentagem de dados omissos superior a 20% em alguma secção) e seis na prossecução das análises estatísticas (*outliers* multivariados).

2.3. Seleção e aferição dos instrumentos que compuseram o protocolo

A escolha dos instrumentos que integraram a parte quantitativa do estudo foi feita levando-se em conta a confiabilidade psicométrica reportada em trabalhos prévios junto de amostras brasileiras e portuguesas. Desta forma, todos os instrumentos utilizados no protocolo já haviam sido validados anteriormente em ambos os países, exceto a escala de avaliação das habilidades sociais conjugais, que não havia ainda sido estudada junto a casais portugueses.

A versão final do questionário foi formada por seis secções, para além de um bloco com perguntas sociodemográficas. As secções foram formadas com itens relativamente à avaliação de (a) características individuais; (b) aspetos conjugais; (c) competência parental; (d) avaliação do ambiente familiar; (e) avaliação da experiência de desemprego, classificando-a em pontos positivos e negativos. À exceção da última secção – que integra a parte qualitativa do estudo e na qual não foram utilizados instrumentos mas sim questões semiestruturadas desenvolvidas especificamente para o protocolo (ver Anexo 7) – as escalas de resposta foram padronizadas em seis pontos de modo a uniformizar o espaço destinado ao preenchimento e diminuir a probabilidade de erros por parte dos

respondentes. A descrição sumária dos instrumentos que compuseram as demais secções encontra-se na Tabela 5, ao final desta secção.

Após a finalização da elaboração do protocolo, procedeu-se a uma aplicação piloto, com a participação de oito pessoas de diferentes níveis de escolaridade e faixas etárias, escolhidas por conveniência. O objetivo deste processo era garantir a compreensão unívoca dos itens, detetando e corrigindo algumas palavras de dúvida ou difícil interpretação, para além de permitir a verificação do tempo médio de resposta (50 minutos). Na sequência desta aplicação piloto, foram introduzidas pequenas alterações em alguns itens de modo a diminuir a ambiguidade na interpretação do conteúdo.

Para a aferição das qualidades psicométricas dos instrumentos, procedeu-se a análise fatorial confirmatória (AFC) com recurso ao programa *Amos Graphics v.24*. Inicialmente, a partir dos dados inseridos no programa estatístico IBM SPSS v.24, foram criadas duas bases, sendo uma com a amostra brasileira e a outra com a amostra portuguesa. A fim de observar a normalidade da distribuição dos dados, foram analisados os índices de assimetria $|sk|$ e curtose $|ku|$ dos itens, de acordo com os critérios de Kline (2011). Utilizou-se o cálculo da distância quadrada de Mahalanobis (D^2) para excluir os casos com elevada discrepância (*outliers*). A substituição dos valores omissos foi feita utilizando-se o método *Expectation-maximization* (E.M.).

De seguida, foram realizadas as AFC de cada instrumento considerando-se em separado as respostas dos participantes portugueses e brasileiros. Depois, em caso de discrepância, foram feitos os ajustes necessários de modo a definir um modelo único que funcionasse para ambas as amostras. Os parâmetros foram estimados com base na matriz de correlações, utilizando-se o método da máxima verosimilhança. A qualidade do ajustamento do modelo foi avaliada em consonância com as indicações de Marôco (2014), considerando-se os seguintes valores: qui-quadrado ajustado $\chi^2/g.l. < 5$; *Comparative Fit Index* - CFI > 0.90 , *Goodness-of-fit-index* – GFI > 0.90 , *Root Mean Square Error of Approximation* - RMSEA < 0.08 . A fim de garantir a validade fatorial do modelo, foram considerados somente itens com peso fatorial $|\lambda| > .30$. Quando

necessário e conceptualmente adequado, foram introduzidas as correlações entre erros sugeridas pelo *software*, tendo por base um $M.I > 10$ e considerando a pertinência conceptual (ver Marôco, 2014). Na Tabela 6 encontram-se os índices de ajustamento fatorial das escalas às amostras brasileira e portuguesa.

Após estas análises, procedeu-se à avaliação da consistência interna, considerando-se desejável um alfa de Cronbach igual ou superior a .70. A Tabela 7 mostra os coeficientes obtidos, bem como os instrumentos que tiveram de ser eliminados por não atenderem ao valor mínimo aceitável. De seguida, os instrumentos e as análises de aferição dos mesmos serão descritos pormenorizadamente, em função dos blocos (secções) que compuseram o protocolo.

2.3.1. Características individuais

Esta secção foi formada por itens que avaliam características individuais, quer da pessoa em desemprego, quer do seu cônjuge. Assim, foram avaliadas características de personalidade, atitudes e estratégias de enfrentamento face ao desemprego. Os constructos avaliados foram: vulnerabilidade, otimismo, autoeficácia generalizada, bem-estar subjetivo, coping e atitudes face aos papéis de género.

Vulnerabilidade

Para avaliação do neuroticismo, utilizou-se a versão revista do Inventário de Personalidade Neo (NEO PI-R), de Costa e McCrae (1992). Trata-se de um instrumento amplamente utilizado em diversos países e culturas, que tem como base o Modelo dos Cinco Fatores (*Five Factor Model*). O NEO PI-R é composto por cinco dimensões (neuroticismo, extroversão, abertura à experiência, amabilidade e conscienciosidade), cada uma delas formada por seis subescalas. A versão adaptada ao português europeu por Lima e Simões (1997) apresenta um total de 21% de variância explicada, valor semelhante ao modelo original americano, que apresenta 23%. No Brasil, a adaptação foi feita por Flores-Mendonza (2007), utilizando a versão portuguesa e o original americano para comparação.

No presente estudo, utilizamos apenas a subescala Vulnerabilidade, que faz parte da dimensão Neuroticismo. Na condução da AFC, foram eliminados dois itens, um por apresentar um p -valor não significativo junto à amostra brasileira e outro por ter peso fatorial inferior a .30. Desta maneira, restaram seis itens e o modelo apresentou um ajustamento aceitável (ver Tabela 6) e consistência interna adequada (ver Tabela 7).

Otimismo

Para avaliação do otimismo, utilizou-se o LOT-R (Scheier, Carver, & Bridges, 1994), uma versão revisada do Teste de Orientação de Vida (LOT) desenvolvido por Scheier e Carver (1985). A escala é composta por dez itens, sendo que quatro são itens distratores (*filler items*), ou seja, não entram na classificação da dimensão e, por isso, optou-se por não os incluir no protocolo.

Estudos de validação do LOT-R junto a amostras portuguesas e brasileiras têm demonstrado ser possível quer uma estrutura bifatorial (dimensão otimismo e dimensão pessimismo), quer uma estrutura unifatorial com a inversão dos três itens que avaliam o pessimismo (Bandeira, Bekou, Lott, Teixeira, & Rocha, 2002; Bastianello, Pacico, & Hutz, 2014; Ribeiro, Pedro & Marques, 2012). Com base nas AFC realizadas no presente estudo, a solução de um único fator não apresentou um ajustamento aceitável quer junto à amostra portuguesa ($\chi^2/g.l. = 11.527$; CFI = 0.78; GFI = 0.93; RMSEA = 0.16) quer à amostra brasileira ($\chi^2/g.l. = 2.900$; CFI = 0.75; GFI = 0.87; RMSEA = 0.07). Procedeu-se então à AFC no modelo bifatorial, que apresentou melhor ajustamento em ambas as amostras (ver Tabela 6). No entanto, os valores de consistência interna foram muito baixos (ver Tabela 7) para ambos os fatores, pelo que tivemos que descartar a avaliação do otimismo/pessimismo na prossecução das análises do estudo.

Autoeficácia generalizada

Utilizou-se o instrumento de Schwarzer e Jerusalem (1995), adaptado por Coimbra e Fontaine (1999). O instrumento tem sido utilizado em estudos tanto em amostras portuguesas como brasileiras, com boas qualidades psicométricas (Leme, Coimbra, Gato, Fontaine, & Del Prette, 2013). Trata-se de uma escala

com dez itens distribuídos em um único fator e apresenta índices satisfatórios de consistência interna em ambas as amostras ($\alpha = .75$ para a amostra portuguesa e $\alpha = .83$ na amostra brasileira; Leme et al, 2013).

Durante a AFC, foram eliminados dois itens da escala por apresentarem baixo peso fatorial em ambas as amostras. Mesmo após exclusão desses itens, o modelo apresentou ajustamento sofrível, sendo por isso introduzida uma correlação entre erros, obtendo-se assim ajustamento adequado (ver tabela 6). Na prossecução da análise de confiabilidade, eliminou-se mais um item de modo a aumentar a consistência interna da escala (ver Tabela 7).

Afetos Positivos e Negativos

Para avaliar a dimensão afetiva do bem-estar subjetivo, utilizou-se a Escala de Afetos Positivos e de Afetos Negativos (Watson, Clark, & Tellegen, 1988). A escala avalia a componente afetiva do bem-estar subjetivo através de um modelo de duas dimensões, afetos positivos (AP) e afetos negativos (AN), cada uma com dez itens. Os dois fatores explicam 70% da variância e apresentam fraca correlação entre si, variando de $-.12$ a $-.23$ (Watson, Clark, e Tellegen, 1988). Há evidências de que haja uma independência entre os fatores (Bradburn, 1969; Diener et al., 1985), permitindo que sejam feitas análises em separado.

Em amostras brasileiras, a escala foi traduzida por Giacomoni e Hutz (1997), que em estudos posteriores alteraram os itens de modo a inseri-los no contexto de uma frase (ex. “Tenho me sentido triste ultimamente”). De modo a manter a coerência com a escala original, optamos no nosso estudo por utilizar o descritor-palavra (ex. “Triste”). Em Portugal, a versão traduzida por Simões (1993) para o português europeu inclui mais dois itens que a versão original, sendo um item agregado à subescala AN e outro à subescala AP. No entanto, para o nosso estudo, optamos por não utilizar esses itens adicionais, mantendo assim os dez itens originais em cada subescala.

Os itens descrevem emoções, relacionadas aos afetos positivos ou negativos, e os participantes respondem o quanto experienciaram cada uma delas “nos últimos dias” ou “nas últimas semanas”, em uma escala de resposta de cinco pontos desde “nada ou muito ligeiramente” a “extremamente”. No nosso

estudo, a orientação de tempo foi feita de um modo mais amplo (“Indique o quanto experienciou, em média, nas últimas semanas, esses sentimentos e emoções”) e a escala de resposta variando desde “1- nada” a “6- muitíssimo”.

Na AFC, um item pertencente ao fator AP foi eliminado por apresentar baixo peso fatorial na amostra brasileira. Apesar disso, o ajustamento do modelo era sofrível ($\chi^2/g.l. = 2.633$; CFI = 0.85; GFI = 0.88; RMSEA = 0.07), pelo que foram introduzidas correlações entre erros sugeridas pelo *M.I.*, de modo a melhorar o ajustamento do modelo (ver Tabela 6). A análise de confiabilidade estimada pelo valor alfa revelou uma consistência interna satisfatória (ver Tabela 7).

Satisfação com a Vida

Para avaliar a dimensão cognitiva do bem-estar subjetivo, utilizou-se a Escala de Satisfação com a Vida, de Diener et al. (1985), posteriormente revisada por Pavot e Diener (1993). A escala possui cinco itens e tem sido utilizada em várias populações, com adequadas consistência interna e estabilidade temporal (Blais, Vallerand, Pelletier, & Briere, 1989; Gouveia, Milfont, Fonseca, & Coelho, 2009; Zanon, Bardagi, Layous, & Hutz, 2013). O instrumento, de estrutura unifatorial, foi traduzido e validado numa amostra portuguesa por Neto, Barros e Barros (1990) e depois por Simões (1992), em que foram feitas algumas alterações na tradução de itens, de modo a torná-los mais inteligíveis; esta última, num estudo com adultos portugueses de diferentes idades e habilitações literárias, apresentou consistência interna $\alpha = .77$ e um total de 53.1% de variância explicada (Simões, 1992). No Brasil, a escala foi adaptada por Gouveia et al (2003) e tem sido utilizada junto a adultos, apresentando boas propriedades psicométricas e consistência interna (Bedin & Sarriera, 2014).

No presente estudo, a estrutura unifatorial foi testada na AFC, obtendo-se um bom ajustamento do modelo segundo os parâmetros estimados; a análise da confiabilidade por meio do valor alfa de Cronbach mostrou-se satisfatória, para ambas as amostras.

Estratégias de coping

Para mensuração das estratégias de coping, optou-se pelo uso de alguns itens da *Brief COPE* (Carver, 1997). Trata-se de uma versão breve da escala de Carver et al (1989), originalmente com 60 itens, que foi reduzida a 28 itens. Estudos de análise psicométrica desta versão junto a amostras portuguesas e brasileiras têm indicado um bom ajustamento e consistência interna adequada, considerando-se que os fatores contêm poucos itens. Em uma adaptação transcultural ao português (Marôco, Campos, Bonafé, Vinagre, & Pais-Ribeiro, 2014), a versão breve apresentou bons indicadores de ajustamento e boa consistência interna em uma amostra composta por brasileiros e portugueses.

De acordo com Carver (1997), é possível utilizar apenas alguns dos fatores, que estejam mais relacionados ao contexto que se pretende investigar. Assim, para compor o protocolo utilizado no presente estudo, foram selecionados alguns dos itens da escala breve, nomeadamente de coping ativo, planeamento, busca de suporte, reinterpretação positiva e de expressão de sentimentos, totalizando 11 itens. A pergunta foi feita de modo mais abrangente, de modo que ambos os cônjuges, em situação de desemprego ou não, pudessem responder (“Pense na sua situação profissional e nas vezes em que se sentiu stressado, sobrecarregado, aborrecido ou deprimido. De modo a lidar com esta situação, com que frequência apresentou esses comportamentos?”).

Na aferição, procedeu-se inicialmente a uma análise fatorial exploratória – AFE – para testar o modelo conceptual quanto à organização dos itens em três fatores: (a) estratégias cognitivas, (b) estratégias de busca de suporte e (c) estratégias de regulação de emoções. Para isso, os participantes de cada país foram divididos em duas amostras, uma de calibração ($n_{BR} = 166$; $n_{PT} = 194$) e outra de validação ($n_{BR} = 165$; $n_{PT} = 195$).

A partir da análise de componentes principais por meio do método de rotação *varimax*, foram retidos os fatores com *eigenvalue* superior a 1, em consonância com o *scree plot* (ver Marôco, 2014). Para a seleção dos itens, mantiveram-se os que apresentaram carga fatorial acima de .40, com diferença mínima de saturação de .15. Com base nesses critérios, três itens foram eliminados (“Lamentei-me para dar a conhecer os meus sentimentos”, “Estava constantemente a pensar na minha situação desagradável” e “Tentei obter a

compreensão de outras pessoas”). Após a exclusão dos itens, obteve-se uma estrutura fatorial de oito itens distribuídos em duas dimensões. A Tabela 3 indica os valores de saturação em cada fator. O percentual de variância explicada foi de 56% no Brasil (F1 = 30.3%; F2 = 25.6%) e 66% em Portugal (F1 = 39.3%; F2 = 26.8%).

De seguida, procedeu-se à AFC para verificar o modelo bidimensional, obtendo-se um ajustamento aceitável. O primeiro fator foi denominado “Estratégias cognitivas” e o segundo de “Busca de suporte”. Os valores alfa de Cronbach encontram-se na Tabela 7 e os indicadores de ajustamento da AFC na Tabela 6.

Tabela 3. *Descrição dos Itens e Valores de Saturação nos Respetivos Fatores*

	F1		F2	
	PT (n=194)	BR (n=166)	PT (n=194)	BR (n=166)
Procurei ver as coisas de um outro ponto de vista para que a situação parecesse melhor.	.770	.784	.110	.045
Procurei traçar uma estratégia para melhorar a situação.	.870	.767	.060	.110
Pensei sobre o que poderia ser feito a seguir.	.663	.708	.332	.144
Procurei ver o lado bom e os aspetos positivos da situação.	.796	.622	.151	.001
Procurei fazer alguma coisa para melhorar a situação.	.749	.555	.256	.389

Pedi ajuda a alguém.	.084	.102	.845	.842
Procurei obter apoio moral ou emocional dos outros.	.126	.040	.860	.815
Pedi conselho a outras pessoas.	.381	.131	.693	.703

Atitudes face aos papéis de género

Selecionamos alguns itens pertencentes à *Escala de Atitudes de Género*, que foi desenvolvida pela *International Social Survey Programme* (ISSP), uma rede de investigadores sociais que utiliza metodologias longitudinais e comparativas de modo a retratar valores e atitudes de determinadas sociedades. A referida escala foi utilizada pela instituição em questionários intitulados “Family and changing gender roles”, aplicados em diversos países, dentre os quais Portugal, nos anos de 1988, 1994, 2002 e 2012. Para o presente estudo, selecionamos 12 itens que se distribuem em dois fatores, sendo seis itens pertencentes ao fator atitudes tradicionais e seis ao fator atitudes igualitárias. Como o Brasil não faz parte da ISSP, não temos conhecimento da utilização da referida escala em amostras brasileiras. Assim, fizemos em alguns itens pequenas adaptações ao português brasileiro, de modo a tornar a compreensão mais inteligível (ex. “*Compete ao homem ganhar dinheiro e à mulher cuidar da casa e dos filhos*” passou a ser, no Brasil, “*Cabe ao homem ganhar dinheiro e à mulher cuidar do lar e dos filhos*”).

Na prossecução da AFC junto à amostra brasileira, o modelo com dois fatores não apresentou um ajustamento aceitável ($\chi^2/g.l. = 4.341$; CFI = 0.85; GFI = 0.96; RMSEA = 0.10) mesmo com a eliminação de dois itens pertencentes ao fator “atitudes tradicionais”, que apresentavam $\lambda < .30$ e a introdução de correlações entre erros. Desta forma, optou-se por manter somente a dimensão “atitudes igualitárias”; no entanto, foram eliminados dois itens que apresentavam $\lambda < .30$. O ajustamento da solução final e os indicadores de consistência interna podem ser encontrados nas Tabelas 6 e 7, respetivamente

2.3.2. *Aspetos familiares*

Conforme referido anteriormente, sendo o fenómeno do desemprego algo que ultrapassa o domínio individual, consideramos importante incluir no estudo a perceção que as pessoas têm acerca das suas relações interpessoais, nomeadamente a relação romântica e a relação parental, para além da avaliação global do ambiente familiar. Assim, no protocolo foram utilizados dois instrumentos relativos ao subsistema conjugal (sendo um deles para avaliar a

satisfação conjugal e, o outro, as habilidades sociais conjugais), um relativo ao subsistema parental (avaliação da percepção de competência parental) e um relativamente à avaliação global do ambiente familiar (coesão familiar).

Conjugalidade

Relativamente à mensuração da satisfação conjugal, utilizou-se a versão breve da *Relationship Assessment Scale* (Hendrick, Dicke, & Hendrick, 1998), formada por quatro itens. A versão completa do instrumento é formada por sete itens em estrutura unifatorial, tendo sido adaptada a diferentes culturas (Cramer, 2006; Dinkel & Balck, 2005). Apesar de ter poucos itens, a escala costuma apresentar um adequado nível de confiabilidade. Num estudo com uma amostra portuguesa, Santos, Feijão e Mesquita (2000) reportaram um valor $\alpha = .90$; por sua vez, Cassepp-Borges e Pasquali (2011) encontraram numa amostra brasileira um valor $\alpha = .85$, muito semelhante ao encontrado pelos autores da escala ($\alpha = .86$, Hendrick et al., 1998). No presente estudo, apesar do número reduzido de itens, o modelo apresentou um bom ajustamento (ver Tabela 6) e boa confiabilidade (ver Tabela 7), consistente com os valores reportados em outros estudos.

Para avaliar as habilidades sociais específicas do contexto conjugal, utilizamos no protocolo o Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (Villa & Del Prette, 2012). O instrumento, desenvolvido e validado junto de uma amostra brasileira, é formado por 28 itens distribuídos em cinco dimensões. A escala de resposta, de tipo Likert, possui cinco intervalos que indicam a frequência com que um determinado comportamento é emitido, variando desde *0 a 2 (nula ou até duas vezes em 10 situações similares aquela descrita no item)* até *9 a 10 (nove vezes em 10 ocorrências, ou sempre)*. No presente estudo, optamos por utilizar somente 12 itens, pertencentes às dimensões “Expressividade/empatia” (que avalia habilidades de expressão de sentimentos positivos e de empatia) e “Conversação Assertiva” (que avalia habilidades de comunicação e assertividade entre o casal). A escala de resposta foi adaptada para uma valoração qualitativa de cinco pontos, variando desde “*nunca ou raramente*” até “*sempre ou quase sempre*”.

Inicialmente, procedeu-se à AFC do modelo hipotetizado pelas autoras da escala (Villa & Del Prette, 2012), usando uma estrutura de dois fatores, nomeadamente Conversação Assertiva (quatro itens) e Expressividade/Empatia (oito itens). A organização bifatorial não se confirmou e alguns itens não apresentaram relações significativas com os respetivos fatores. Diante disso, realizou-se uma exploração aos dados, de modo semelhante ao descrito anteriormente para a escala de avaliação do *coping* (extração por componentes principais por meio do método de rotação *varimax*, sendo mantidos os itens de carga fatorial acima de .40, com diferença mínima de saturação de .15). O item “se não concordo com meu cônjuge, digo-lhe” foi eliminado quer na amostra de calibração portuguesa (n = 192) quer na brasileira (n = 163) por carregar em ambos os fatores; além deste, na amostra brasileira também foi eliminado mais um item pelo mesmo motivo. O item “No dia-a-dia, converso naturalmente sobre qualquer assunto com meu cônjuge”, pertencente originalmente ao fator Conversação, apresentou maior carga no fator Expressividade/ Empatia. A Tabela 4 apresenta as habilidades avaliadas em cada item e a carga fatorial, em ambas as amostras. A variância total explicada foi de 54.5% em Portugal (F1 = 38.5%; F2 = 15.9%) e 56.7% no Brasil (F1 = 39.7%; F2 = 17.0%).

De seguida, a estrutura fatorial foi analisada de modo a confirmar a adequação do modelo (Tabela 6). Por fim, na análise da consistência interna, o fator Conversação Assertiva (com apenas dois itens) foi excluído por apresentar um coeficiente alfa inadmissível. Assim, optou-se por permanecer somente com o fator “Expressividade/Empatia”.

Na sequência dessas análises fatoriais, considerou-se pertinente e necessário verificar a adequação do IHSC na aferição de habilidades sociais de casais portugueses, dado que este instrumento ainda não havia sido testado nessa população. Assim, conduziu-se um estudo inicial de validação do referido instrumento junto a casais portugueses, tendo sido recolhidos os dados junto a uma amostra paralela (n = 540). Trata-se portanto de um estudo original, complementar à investigação apresentada nesta tese e que pode ser consultado no Anexo 2.

Tabela 4. Habilidades Avaliadas em cada Item e Carga Fatorial

	F1		F2	
	PT (n =192)	BR (n = 163)	PT (n = 192)	BR (n =163)
Elogiar	.751	.825	.090	.098
Desculpar-se	.601	.775	.324	.026
Agradecer elogio	.749	.741	.150	.003
Expressar apoio	.756	.727	-.004	.175
Expressar bem-estar	.751	.678	.090	.439
Fazer perguntas	.644	.642	.206	.414
Conversar normalmente	.742	.604	-.025	.167
Expressar satisfação sexual	.721	.551	.004	.115
Solicitar que o cônjuge aguarde fala	.236	-.037	.775	.795
Lembrar ao cônjuge de acordos	.228	.267	.713	.789

Parentalidade

Utilizou-se a Escala de Sentimento de Competência Parental, originalmente desenvolvida por Gibaud-Wallston e Wandersman (1978), uma das escalas mais amplamente utilizadas para avaliar a percepção de competência parental (Gilmore & Cuskelly, 2009). A escala possui um modelo de medida de duas dimensões (Johnston & Mash, 1989), nomeadamente satisfação parental e eficácia parental. Segundo análises fatoriais realizadas pelos autores, os dois fatores explicavam um total de 36% da variância e apresentavam consistência interna $\alpha = .76$ e $\alpha = .75$, respetivamente.

A escala foi adaptada a vários idiomas e culturas (Ngai, Wai-Chi, & Holroyd, 2007; Ohan et al., 2000; Suwansujarid, Vatanasomboon, Gaylord, & Lapvongwatana, 2013; Terrise & Trudelle, 1988), com valores de consistência interna moderados ($\alpha = .70$ e $\alpha = .80$ para Satisfação e Eficácia, respetivamente). No Brasil, a escala foi traduzida como Escala de Senso de Competência Parental

(Silva & Aiello, 2009). Em estudos conduzidos junto a amostras portuguesas (Ferreira, Veríssimo, Santos, Fernandes, & Cardoso, 2011; Seabra-Santos et al, 2015) tem sido evidenciado um terceiro fator, relativo ao envolvimento no papel parental e denominado “Interesse”. Os valores de consistência interna reportados para este fator costumam ser baixos (em torno de $\alpha = .60$), pelo que sua pertinência tem suscitado algumas críticas.

No presente estudo, o modelo com dois fatores mostrou-se mais adequado (Tabela 6). Foram eliminados dois itens, um de cada fator, que apresentavam um baixo peso fatorial. No procedimento de aferição da confiabilidade, a dimensão Satisfação apresentou na amostra brasileira um valor ligeiramente abaixo do limiar aceitável ($\alpha = .68$). No entanto, optou-se por mantê-la, uma vez que, de acordo com outros estudos realizados (Combs-Orme & Thomas, 1997), esta é uma dimensão que costuma apresentar valores de confiabilidade mais discretos.

Ambiente familiar

Para avaliar o ambiente familiar, utilizamos a *Family Environment Scale* (Moos & Moos, 1986), adaptada ao português por Matos e Fontaine (1996). A escala é formada por três dimensões, englobando um total de dez subescalas. A primeira dimensão, que avalia o relacionamento familiar, possui três subescalas, nomeadamente Coesão, Expressividade e Conflito. Para compor o nosso protocolo, somente a subescala Coesão foi utilizada. Trata-se, portanto, de nove itens que avaliam o grau de compromisso, ajuda e suporte que os membros da família oferecem uns aos outros. Num estudo de validação realizado por Matos e Fontaine (1996) junto a amostras portuguesas, esta subescala apresentou um valor de consistência interna de $\alpha = .69$. Em outro estudo, de adaptação a amostras brasileiras (Viana, Silva, & Souza-Formigoni, 2007), a referida subescala apresentou um valor de $\alpha = .87$.

Durante a AFC junto à nossa amostra, a estrutura de um único fator foi confirmada, no entanto eliminou-se um item que apresentou $\lambda < .30$ na amostra brasileira (ver Tabela 6). A avaliação da consistência interna por meio do coeficiente alfa indicou um valor adequado (ver Tabela 7).

2.3.3. Situação face ao desemprego

Nesta secção, destinada somente ao cônjuge em situação de desemprego (ou a ambos, no caso de casais de duplo-desemprego), não se utilizaram escalas já testadas em outras amostras, mas antes foram construídas perguntas específicas para o presente estudo. Foram feitas três perguntas para as quais havia uma escala de resposta tipo likert, a saber: a) “No geral, como classifica sua última experiência de emprego? 1- *Muito má*, 2- *Má*, 3- *Insatisfatória*, 4- *Satisfatória*, 5- *Boa* e 6- *Muito boa*”; b) “Comparando a situação anterior de emprego formal e a situação atual de desemprego, consideraria que está: 1- *Muito pior*, 2- *Um pouco pior*, 3- *Igual*, 4- *Um pouco melhor*, 5- *Muito melhor*”; c) “*Considera que o seu rendimento familiar é suficiente para fazer face às despesas mensais da família?* 1- *Muito insuficiente*, 2- *Insuficiente*, 3- *Suficiente*, 4- *Mais do que suficiente*”.

Além destas perguntas, foi solicitado ao participante que fizesse uma listagem de aspetos que considerasse ser positivos ou negativos da sua experiência de desemprego (ver Anexo 7). Esta listagem poderia ser feita pelo participante sem uma ordem hierárquica definida e sem um limite de quantidade, podendo-se referir o número de aspetos que entendesse, inclusivamente nenhum, se assim preferisse.

Tabela 5. Descrição Sumária dos Instrumentos Utilizados

Instrumento e autores	Fatores/ número de itens / Exemplo	Escala de resposta
NEO PI-R (Costa & McCrae, 1992; Lima & Simões, 1997)	1. Vulnerabilidade/ 8 itens / Quando estou estressada ou pressionada por algum motivo, sinto que não vou conseguir aguentar.	1 – Discordo totalmente 6 – Concordo totalmente
Escala de Autoeficácia Generalizada (Coimbra & Fontaine, 1999; Schwarzer & Jerusalém, 1995)	1. Autoeficácia / 10 itens / Se tentar o suficiente, consigo resolver até os problemas mais difíceis.	
Escala de Afetos Positivos e Afetos Negativos, (Galinha & Ribeiro, 2005; Watson et al., 1988)	1. Afetos positivos / 10 itens / Forte 2. Afetos negativos/ 10 itens/ Rude	1 – Nada 6 – Muitíssimo
Escala de Satisfação com a Vida (Diener et al., 1985; Simões, 1992)	1. Satisfação com a vida/ 5 itens / Se pudesse recomeçar a minha vida, não mudaria quase nada.	
Brief COPE (Carver, 1997; Marôco et al, 2014)	1. Orientação face ao problema/ 4 itens/ Pensei sobre o que poderia ser feito a seguir. 2. Busca de apoio/ 4 itens/ Pedi ajuda a alguém. 3. Regulação das emoções/ 3 itens / Reclamei para poder expressar meus sentimentos	1 – Discordo totalmente 6 – Concordo totalmente
Escala de Atitudes de Género (ISSP, 2002)	1. Tradicional/ 6 itens/ A vida familiar é prejudicada quando a mulher trabalha fora de casa o dia todo. 2. Igualitária/ 6 itens/ Num casal, o homem e a mulher devem dividir de forma igualitária todas as tarefas domésticas.	1 – Discordo totalmente 6 – Concordo totalmente
Escala de Avaliação da Relação (Hendrick et al., 1998; Santos et al., 2000)	1. Satisfação conjugal/ 4 itens/ A vida a dois corresponde àquilo que eu esperava.	1 – Discordo totalmente 6 – Concordo totalmente
Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (Villa & Del Prette, 2012)	1. Habilidades sociais conjugais/ 12 itens/ Se cometi alguma falha com minha companheira, procuro pedir desculpas.	1 – Nunca ou raramente 5 – Sempre ou quase sempre
Sentimento de Competência Parental (Guibaud-Wallston & Wandersman, 1978; Seabra-Santos et al., 2015)	1. Satisfação parental/ 8 itens/ Ser pai (mãe) deixa-me tenso(a) e ansioso(a) 2. Eficácia parental/ 6 itens/ Acredito que tenho todas as competências necessárias para ser um bom pai (uma boa mãe)	1 – Discordo totalmente 6 – Concordo totalmente
Escala do Ambiente Familiar (Matos & Fontaine, 1996; Moos & Moos, 1986)	1. Coesão/ 9 itens/ Sentimos que somos muito unidos na minha família	

Tabela 6. Índices de Ajustamento dos Instrumentos às Amostras

	Número de itens	Portugal						Brasil					
		N	X ² /g.l	CFI	GFI	RMSEA	λ >	N	X ² /g.l	CFI	GFI	RMSEA	λ >
Vulnerabilidade	6	393	0.946	1.000	.996	.000	.546	323	2.301	.988	.992	.064	.398
Otimismo/Pessimismo	6	394	2.018	.979	.987	.051	.547	324	1.347	.977	.989	.033	.355
Autoeficácia	7	393	2.482	.970	.977	.061	.515	326	1.738	.976	.980	.048	.388
Afetos Positivos e Afetos Negativos	19	388	2.905	.895	.900	.070	.316	327	2.085	.906	.912	.058	.390
Satisfação com a vida	5	395	1.403	.997	.994	.032	.524	327	1.595	.994	.992	.043	.580
Coping – Estratégias cognitivas e busca de suporte	8	192	2.270	.968	.956	.075	.676	165	1.876	.973	.955	.073	.605
Atitudes igualitárias face aos papéis de género	4	388	0.179	1.000	1.000	.000	.563	322	0.309	1.000	.999	.000	.537
Satisfação conjugal	4	390	2.718	.998	.997	.066	.560	326	0.974	1.000	.999	.000	.610
Habilidades Sociais Conjugais - HSC	10	196	2.096	.965	.937	.075	.615	167	1.956	.933	.932	.076	.458
Coesão familiar	8	396	2.369	.989	.982	.059	.538	327	1.899	.988	.979	.053	.588
Sentimento de Competência parental	14	359	2.218	.915	.938	.058	.345	280	1.847	.899	.937	.055	.309

Tabela 7. Coeficientes de Confiabilidade (Alfa de Cronbach) obtidos para as Escalas.

	Portugal		Brasil	
	n	α	n	α
Vulnerabilidade	393	.72	323	.73
Otimismo *	394	.66	324	.54
Autoeficácia	393	.80	326	.74
Afetos Positivos	388	.81	327	.84
Afetos Negativos	388	.81	327	.81
Satisfação com a vida	395	.77	327	.78
Coping – Estratégias cognitivas	194	.85	165	.81
Coping – Busca de suporte	194	.77	165	.80
Atitudes igualitárias face aos papéis de género	388	.73	322	.67
Satisfação conjugal	390	.88	326	.85
HSC – Conversação Assertiva *	196	.58	167	.48
HSC – Empatia	196	.89	167	.81
Satisfação parental	359	.76	280	.68
Eficácia parental	359	.75	278	.71
Coesão familiar	396	.87	327	.81

* Escalas ou subescalas excluídas das análises subsequentes

2.4. Procedimento de análise dos dados

De seguida, será reportado o procedimento metodológico utilizado na condução de cada um dos seis estudos operacionalizados.

2.4.1. Estudo de revisão sistemática

Buscou-se traçar uma estratégia de busca abrangente, não sendo impostas restrições em relação ao ano de publicação ou origem geográfica dos estudos. Além disso, a busca foi realizada em mais de uma base de dados, nomeadamente nas bases *Academic Search Complete*, *PsycArticles*, *PsycInfo*, *Scopus* e *SocIndex*. Desta forma, buscou-se recuperar não somente estudos específicos do âmbito da Psicologia, mas também de outras disciplinas das Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas. A fim de minimizar os vieses durante o processo de seleção dos dados, foram tomadas duas medidas: a) os revisores estavam cegos quanto aos autores dos estudos, bem como em relação aos periódicos em que foram publicados e b) os critérios de elegibilidade foram definidos *a priori*.

Utilizou-se o *string* “couple” OR “partner support” AND “job loss” OR “unemployment”, para buscas nos resumos e títulos. Os critérios de inclusão adotados foram: a) artigos indexados, b) redigidos em inglês, francês, espanhol ou português, c) disponíveis em formato integral na sua versão digital, d) com metodologia quantitativa ou mista. A fim de auxiliar a gestão das referências bibliográficas, fez-se recurso ao programa *Endnote*. Seguindo as orientações de Moher et al. (2015), fez-se uma seleção inicial do *corpus* a partir da leitura dos títulos e resumos, com base em critérios previamente definidos. Para isso, foram aplicados os seguintes critérios de exclusão: a) estudos que abordavam tangencialmente a temática do desemprego, colocando-o como consequência de outros fatores (por exemplo, doenças, vulnerabilidade social e uso de drogas), b) estudos com informações exclusivamente econômicas, demográficas e estatísticas; c) estudos que avaliassem somente variáveis individuais, e não do casal ou do relacionamento conjugal; e d) desemprego voluntário, consequência de opção própria, mudança de carreira ou acordo mútuo entre os membros do casal.

Três juízes analisaram de forma independente e cegada os abstracts dos textos e indicaram se deveriam ser incluídos ou excluídos. Utilizou-se a percentagem de concordância absoluta (*percentage of absolute agreement*) para o cálculo da concordância entre os juízes.

2.4.2. Estudo da avaliação da experiência de desemprego

Os dados foram inseridos no programa NVivo 11 e o material foi submetido a uma análise de conteúdo. Esse processo de análise foi dividido em três grandes etapas: a) pré-análise do material, em que foi feita uma leitura flutuante dos dados; b) exploração do conteúdo, em que os dados foram codificados e agrupados em grandes categorias e c) interpretação dos resultados, em que foram definidas as categorias com base na organização do material codificado. A unidade de análise foi a frase referindo-se a aspetos positivos ou negativos. Foram realizadas análises de frequência e por categoria temática.

Fez-se de início a análise dos dados da amostra portuguesa e, de seguida, da brasileira. Dessa forma, o processo de codificação foi, num primeiro momento, mais exploratório, no sentido em que não se utilizou um quadro de análises *a priori*, de modo a permitir “fazer falar o material” (Bardin, 2011, p. 124). No entanto, após a definição das categorias temáticas que emergiram dos conteúdos dos participantes portugueses, adotou-se uma outra estratégia para a organização do material da base brasileira. Assim, dois investigadores de forma cegada utilizaram uma grelha com as categorias encontradas inicialmente e buscaram, individualmente, codificar o material. Caso achasse adequado, o investigador poderia criar uma nova categoria temática.

Após esta etapa, os investigadores reuniram-se de modo a identificar os acordos, discordâncias e definição de novas categorias para além da grelha. Um juiz independente analisou os casos em que não houve consenso. Utilizou-se a percentagem de concordância absoluta (*percentage of absolute agreement*) para o cálculo da concordância entre os investigadores.

2.4.3. Estudo das diferenças de satisfação em função do país, da configuração de desemprego e dentre os membros do casal

Na análise das diferenças dos níveis de satisfação, para verificar possíveis interações entre o país e a configuração de desemprego sobre a satisfação, e ainda para considerar o efeito intracasal sobre as dimensões de satisfação, efetuou-se uma Análise de variância mista (*Mixed Model ANOVA*), em que o país e a configuração de desemprego foram considerados variáveis independentes *entre* grupos e o casal como variável independente *intra* grupo. Deste modo considera-se a natureza diádica dos dados e a sua interdependência, isto é, o fato das observações de cada elemento do casal não são independentes entre si (Kenny, Kashy, & Cook, 2006). A normalidade da distribuição dos dados foi observada por meio da análise dos valores de assimetria e curtose (inferiores a 3 e 7, respetivamente), conforme Kline (2011).

2.4.4. Estudo das diferenças de variáveis individuais e familiares em função do país, da configuração de desemprego e dentre os membros do casal

Para comparar as médias das variáveis individuais (i.e., vulnerabilidade, autoeficácia, afetos positivos, afetos negativos, estratégias de coping, atitudes igualitárias de género) e familiares (i.e, coesão familiar, empatia conjuga e eficácia parental), em função do país e da configuração familiar de desemprego, e para considerar ainda o efeito intracasal, procedeu-se a ANOVAS mistas, assim como descrito anteriormente para o estudo das diferenças de satisfação.

2.4.5. Estudo dos preditores de satisfação

Para averiguar o papel das variáveis sociodemográficas, individuais e familiares (VIs) na manifestação dos níveis de satisfação conjugal, parental e com a vida (VDs) e sua variação em função da configuração de desemprego na família, procedeu-se a sucessivas análises de regressão linear múltipla (RLM) para cada um dos grupos. Foram respeitados os pressupostos da normalidade da distribuição e da independência dos erros, conforme Marôco (2014). Igualmente, fez-se o diagnóstico de multicolinearidade e de *outliers*, tendo-se excluído oito casos.

Considerando a quantidade de participantes em cada grupo e a quantidade de variáveis independentes (VIs), o procedimento de análise foi feito em etapas

de modo a respeitar a proporção mínima de 15 observações por cada VI. Assim, as RLM foram feitas separadamente para cada bloco de VIs (sociodemográficas, individuais e familiares). No bloco das variáveis sociodemográficas, foram criadas variáveis dummy para “país” (1 – Brasil), “género” (1 – masculino) e “ter filhos” (1 – sim). As demais variáveis que compuseram esse bloco foram: tempo de coabitação do casal e tempo de desemprego de um ou de ambos os cônjuges. O bloco de variáveis individuais incluía a vulnerabilidade, os afetos positivos e negativos, estratégias de coping, autoeficácia parental e as atitudes de género. Finalmente, o bloco de variáveis familiares incluía empatia conjugal, eficácia parental e coesão familiar. Para a RLM sobre a satisfação parental, uma vez que esta análise só se aplica aos casais com filhos, utilizou-se no bloco sociodemográfico a variável “número de filhos” em vez de “ter filhos”.

Após as primeiras análises de RLM, as variáveis que se mostraram significativas e com coeficiente de regressão estandardizados (β) superiores a .15 foram inseridas pelo método *enter* numa RLM final, de modo a testar um modelo que incluísse simultaneamente as VIs sociodemográficas, individuais e familiares e que assim permitisse aferir o peso relativo de cada uma.

2.4.6. Estudo da interdependência entre os elementos do casal

No sentido de atender ao Objetivo 3, foram conduzidas análises diádicas utilizando o modelo APIM - *Actor-Partner Interdependence Model* (Cook & Kenny, 2005). Trata-se de uma abordagem que considera a díade como unidade de análise, assumindo a influência de um parceiro sobre o outro e controlando os efeitos de não-independência das VIs e dos resíduos. Esta abordagem permite-nos perceber o impacto não só da variável independente sobre a VD do próprio (efeito de ator) mas também sobre a VD do cônjuge (efeito de parceiro). A Figura 2 representa a assunção de um modelo APIM. Para a testagem deste modelo, recorreu-se ao programa de análise de equações estruturais, *Amos Graphics*, versão 24. Os modelos propostos foram testados usando o método da máxima verosimilhança (Arbuckle, 2016).

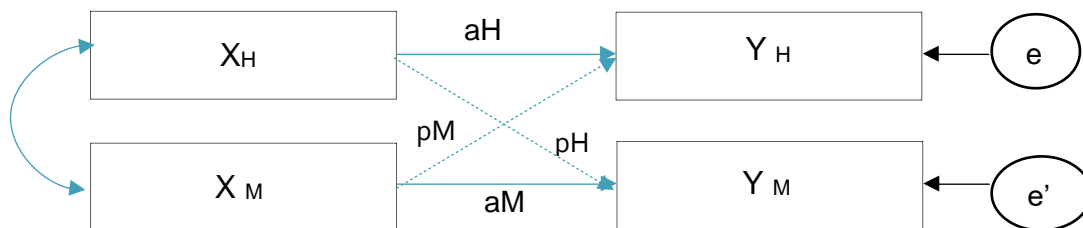


Figura 2. Modelo APIM, onde X_H = VI do homem; X_M = VI da mulher; Y_H = VD do homem; Y_M = VD da mulher; a_H = efeito de ator do homem; a_M = efeito de ator da mulher; p_H = efeito de parceiro do homem; p_M = efeito de parceiro da mulher; e = erro

Num primeiro momento, procedeu-se à estimação de todos os efeitos livremente e, num segundo momento, de modo a observar variações de género intracasal, a invariância de género entre as trajetórias foi testada através da comparação de modelos aninhados, nos quais as trajetórias equivalentes são constrangidas à igualdade (i.e., as trajetórias de ator foram forçadas à igualdade e as trajetórias de parceiro foram igualmente constrangidas). Modelos com e sem esta constrição são comparados através da análise do teste de diferença de qui-quadrado, onde um teste de diferença não significativo é evidência de equivalência entre os modelos, pelo que se podem assumir as equivalências nas trajetórias (Gonzalez & Griffin, 2001).

III. Resultados

Neste capítulo, serão reportados os resultados das análises realizadas no sentido de atender aos objetivos e testar as hipóteses formuladas. De seguida, a Tabela 8 apresenta a descrição de cada um dos estudos conduzidos na direção dos objetivos. Alguns estudos deram origem a manuscritos, que podem ser encontrados em teor integral nos Anexos.

Tabela 8. *Sumarização dos Objetivos e Análises Realizadas em Cada Estudo*

Objetivo	Análise	Apresentação
Compreender como as famílias percecionam a experiência do desemprego e seus efeitos no âmbito familiar, a partir da integração dos principais resultados presentes na literatura internacional e da aferição de aspetos positivos e negativos acerca desta experiência.	Revisão sistemática	3.1 Estudo de revisão sistemática + Anexo 1
	Análise de conteúdo	3.2 Estudo da avaliação da experiência de estar em desemprego + Anexo 4
Compreender o papel das variáveis de risco e de proteção na manifestação de satisfação com a vida, conjugal e parental, verificando seus efeitos e variações nas diferentes configurações familiares de desemprego, em Portugal e no Brasil.	Mixed model ANOVA	3.3. Estudo das diferenças de satisfação em função do país, da configuração de desemprego e dentre os membros do casal + Anexo 3
		3.4 Estudo das diferenças de variáveis individuais e familiares em função do país, da configuração desemprego e dentre os membros do casal
	RLM	3.5 Estudo dos preditores de satisfação
Verificar a influência, recíproca ou não, de preditores de um dos elementos do casal nos níveis de satisfação conjugal, parental e com a vida do outro elemento.	APIM	3.6. Estudo da interdependência entre os elementos do casal

3.1. Estudo de revisão sistemática

O estudo foi conduzido com o objetivo de integrar os principais resultados presentes na literatura internacional acerca dos efeitos da situação de desemprego sobre a conjugalidade, a fim de melhor compreender a experiência de desemprego nas famílias. Após a inserção das palavras-chave na busca bibliográfica, com o auxílio do gestor de referências foram exportados todos os resultados da ferramenta Scopus (n = 147) e da EBSCOhost (n = 375). Após, foi feita a retirada dos textos que estavam duplicados e foram excluídos os textos não-indexados (e.g. notícias de jornais, monografias e capítulos de livro), restando 269 artigos. A Figura 3 apresenta o fluxograma com as etapas que envolveram a identificação, seleção, elegibilidade e inclusão dos estudos para a revisão.

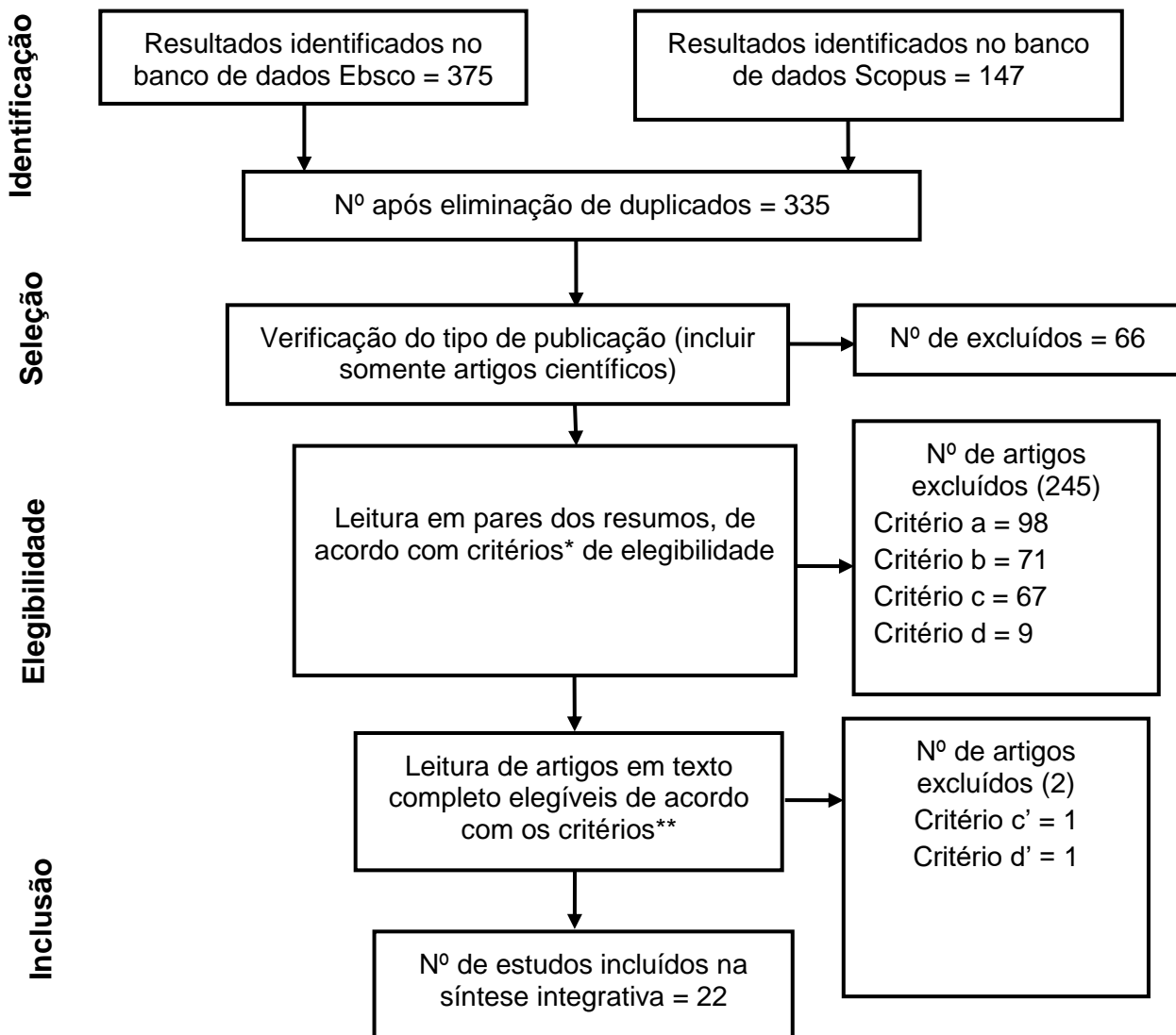


Figura 3. Fluxograma das etapas que compuseram o processo de recuperação dos estudos.

*Critérios: (a) desemprego como consequência de outros fatores (doenças, vulnerabilidade social e uso de drogas, por exemplo); (b) estudos com informações exclusivamente econômicas, demográficas e estatísticas; e (c) estudos que avaliassem somente variáveis individuais, e não do casal ou do relacionamento conjugal; e (d) perda de emprego voluntária, consequência de opção própria, mudança de carreira ou acordo mútuo entre os membros do casal. ** Critérios: (a') artigos indexados; (b') redigidos em inglês, francês, espanhol ou português; (c') disponíveis completos em versão digital; (d') com metodologia quantitativa ou mista.

Três juízes analisaram de forma independente e cegada os *abstracts* dos textos e indicaram se os estudos deveriam ser incluídos ou excluídos, obtendo-se o valor de 95% de concordância entre os juízes. Restaram assim 22 artigos, cuja análise detalhada deu origem a cinco categorias temáticas, que permitiram analisar todos os estudos com pertinência para a revisão. Apesar de não ter sido feita nenhuma restrição cronológica, a maioria dos estudos identificados pela revisão era relativamente recente, estando mais da metade (12) compreendida entre o período de 2008 a 2015. A publicação mais antiga datava de 1988. Mais da metade dos estudos (12) foi realizada com participantes do continente europeu; dois estudos utilizaram amostras do continente asiático e apenas um estudo com participantes da Oceania. Os Estados Unidos, país com maior número absoluto de estudos (5), juntamente com o Canadá (1) foram representativos do continente americano, não havendo portanto nenhum estudo com amostras de países da América do Sul ou Central. Também não se encontraram estudos com amostras africanas. A Tabela 9 indica os estudos incluídos na revisão e as categorias temáticas nas quais foram agrupados, bem como a caracterização de cada um deles (autoria, desenho utilizado e nacionalidade dos participantes).

Grande parte (16) dos estudos adotou um período de seguimento do tipo longitudinal e seis utilizaram um delineamento transversal ou *cross-sectional*. Para a coleta dos dados, o método mais utilizado foi o de questionários de autorresposta (20) e em dois estudos utilizou-se o método experimental de comparação entre um grupo de intervenção e um grupo controle. Os dois estudos de metodologia mista utilizaram a entrevista semiestruturada como recurso qualitativo de coleta dos dados.

Tabela 9. *Caracterização dos Estudos Incluídos na Revisão*

Autoria (ano)	País de origem da amostra	Desenho do estudo	Categoria temática
Arkes & Shen (2014)	US	Longitudinal	Divórcio e separação
Doiron & Mendolia (2012)	UK	Longitudinal	
Hansen (2005)	Noruega	Longitudinal	
Jensen & Smith (1990)	Dinamarca	Longitudinal	
Kippen, Chapman, Yu, & Lounkaew (2013)	Austrália	Longitudinal	
Kraft (2001)	Alemanha	Longitudinal	
Nilsson (2008)	Suécia	Longitudinal	
Haid & Seiffge-Krenke (2013)	Alemanha	Transversal	Saúde mental, bem-estar e satisfação com a vida
Knabe, Schöb e Weimann (2015)	Alemanha	Transversal	
Luhmann, Weiss, Hosoya, & Eid (2014)	Alemanha	Longitudinal	
Mendolia (2012)	UK	Longitudinal	
Siegel, Bradley, Gallo, & Kasl (2003)	US	Longitudinal	
Song, Foo, Uy, & Sun (2011)	China	Longitudinal	Stress e coping
Walsh & Jackson (1995)	UK	Transversal/ quanti-quali	
Westman, Etzion, & Horovitz (2004)	Israel	Longitudinal	
Wilhelm & Ridley (1988)	US	Longitudinal	
Aubry, Teft, & Kingsbury (1990)	Canadá	Experimental	Satisfação conjugal e ajustamento diádico
Dimas, Pereira, & Canavarro (2013)	Portugal	Transversal	
Vinokur, Price, & Caplan (1996)	US	Experimental	
Zhang, Fan, & Yip (2015)	China	Longitudinal	
Gough & Killewald (2011)	US	Longitudinal	Trabalho doméstico
Gush, Scott & Laurie (2015)	UK	Longitudinal /quanti-quali	

Sete artigos analisaram a relação entre o desemprego e a probabilidade de divórcio ou separação do casal. Com base na revisão destes estudos, observou-se que o desemprego está positivamente associado a uma maior probabilidade de divórcio e separação do casal. Embora este risco seja mais intenso nos primeiros anos após a perda de emprego, pode-se manifestar também nos anos subsequentes, sobretudo se houver uma drástica diminuição do rendimento familiar, o que poderá ocasionar uma maior tensão e maior instabilidade para o relacionamento conjugal. A situação de desemprego masculino parece também ser de maior risco para a dissolução da relação do que o desemprego feminino.

Cinco estudos avaliaram os índices de sintomas depressivos, bem-estar e/ou satisfação com a vida – quer da pessoa em desemprego, quer do cônjuge. Observou-se com base nestes estudos que a situação de desemprego impacta negativamente a saúde mental, a satisfação com a vida e o bem-estar, provavelmente devido à tensão gerada no ambiente familiar. Em casos de desemprego masculino, as evidências sugerem que a tensão poderá ser ainda maior devido à ameaça ao papel tradicional de provedor, o que poderia explicar o mais acentuado impacto negativo quer sobre a saúde mental quer sobre a satisfação com a vida. Assim, face à perda de emprego, estar em uma relação e ser responsável socialmente por prover a família pode constituir um risco para o bem-estar do homem. Em contrapartida, devido ao seu papel social de cuidadora, as mulheres tendem a investir mais na família e, portanto, estar responsável pelo cuidado familiar poderá desempenhar um efeito protetor sobre sua saúde mental.

Os quatro estudos incluídos na categoria *stress e coping* tiveram como objetivo avaliar os níveis de stress e estratégias de enfrentamento (*coping*) em casais desempregados. Observou-se que a situação de desemprego aumenta o stress em ambos os cônjuges, no entanto os estudos encontraram resultados diferenciados em função do gênero dos participantes. Nomeadamente, os homens tendem a tentar proteger a família, afastando-a das tensões que ele experimenta no trabalho, enquanto as mulheres tendem a estabelecer uma ligação mais próxima entre as esferas trabalho e família. De acordo com os resultados dos estudos revisados, esta menor delimitação das fronteiras entre uma esfera e outra ocasionam um efeito mais negativo sobre a mulher.

Foram recuperados quatro estudos acerca da satisfação conjugal, cujas conclusões indicaram que casais em situação de desemprego apresentam menor

satisfação conjugal do que casais em que ambos estão a trabalhar. Verificou-se com base nestes estudos que, diante da situação de desemprego, as pessoas tendem a investir mais em seu papel familiar e buscam no cônjuge uma fonte de apoio. Na medida em que a pessoa em desemprego faz um maior investimento emocional e espera receber um maior suporte do cônjuge, este poderá sentir comprometida a sua capacidade de oferecer apoio, face às demandas do companheiro e as alterações no âmbito familiar. Isto poderá gerar um desequilíbrio no ajustamento conjugal, propiciando o surgimento de sintomas depressivos e impactando negativamente a satisfação com a relação.

Por fim, três dos estudos revistos trouxeram como temática principal a divisão familiar de tarefas domésticos e cuidados com os filhos. Verificou-se que os papéis de género são uma importante variável a se ter em conta quando se avalia as alterações na dinâmica do casal no contexto do desemprego. Embora os estudos tenham observado que, independente do sexo do cônjuge em desemprego, há um aumento da quantidade de horas dedicadas às tarefas domésticas, este aumento chegava a ser duas vezes maior em casos de desemprego feminino. A revisão evidenciou ainda que o aumento de horas de trabalho doméstico para os homens em desemprego variava consoante a jornada de trabalho das esposas, isto é, era maior quando a esposa trabalhava a tempo integral e menor se ela trabalhasse a meio período, abalizando as questões de género imbricadas ao envolvimento do homem no desempenho de tarefas estereotipicamente designadas às mulheres.

Este primeiro estudo foi complementado por um segundo, que incluiu somente as pessoas em desemprego dentre as amostras portuguesas e brasileiras, com o objetivo de apreender um pouco melhor acerca da experiência do desemprego relatado pelo próprio ator.

3.2. Estudo da avaliação da experiência de estar em desemprego

Neste estudo, foram analisados e interpretados os modos de significação que pessoas em situação de desemprego apresentam sobre a sua experiência. A primeira análise a ser apresentada refere-se às três perguntas feitas aos participantes, com escalas de resposta do tipo likert, sendo a primeira sobre a avaliação da última experiência de emprego, a segunda sobre a comparação com a

situação atual de desemprego e a terceira sobre a percepção de tensão económica enfrentada pela família.

A segunda parte da análise debruçou-se sobre os dados coletados através da parte qualitativa do questionário (Anexo 7), nomeadamente uma avaliação por meio de uma listagem feita pelo participante acerca de aspetos que ele próprio considerasse ser positivos e/ou negativos da situação atual de desemprego.

3.2.1. Avaliação da última experiência de emprego, comparação com a situação de desemprego e percepção da tensão económica

Assim como nos demais estudos que integram este trabalho, os participantes foram divididos em função da configuração de desemprego. No entanto, neste estudo em específico, os grupos não estão constituídos por casais, mas somente pelo cônjuge que estava em desemprego. Assim, o grupo G1 foi formado somente por mulheres, o grupo G2 somente por homens e o grupo G3 integrou participantes de ambos os sexos. Embora no grupo G3 pudessem estar incluídos ambos os elementos do casal, esta não é a regra, uma vez que nem todos os participantes responderam a esta parte do questionário – provavelmente por ser a última secção do questionário, que era relativamente longo. A Tabela 10 indica as médias obtidas para cada grupo.

Na avaliação da experiência anterior de desemprego, a média geral foi de 4.50 ($DP = 1.25$). Este resultado indica uma apreciação da experiência anterior de emprego como sendo satisfatória a muito boa. Verificou-se um efeito de interação entre grupo e país, sinalizando que as diferenças entre portugueses e brasileiros do grupo duplo desemprego eram significativas [$F(2, 205) = 6.175; p = .002; \eta^2_p = 0.057; \pi = .888$], no sentido de, neste grupo, os participantes brasileiros considerarem a sua experiência anterior de emprego como mais satisfatória que os participantes portugueses.

Relativamente à comparação entre a situação anterior e a situação atual, a média dos brasileiros foi um pouco maior que a dos portugueses [$F(1, 244) = 4.524; p = .034; \eta^2_p = 0.018; \pi = .563$]. Apesar da diferença de países, ambas as médias se situam numa avaliação da situação atual como sendo um pouco pior que a situação anterior. Observam-se também diferenças significativas entre os grupos duplo desemprego e desemprego feminino [$F(2, 244) = 3.635; p = .028; \eta^2_p = 0.029; \pi =$

.667], sendo a comparação mais negativa para o grupo que está numa situação de duplo desemprego.

Por fim, observou-se que os portugueses apresentaram médias mais baixas, correspondendo a uma maior percepção de tensão económica no ambiente familiar do que os brasileiros [$F(1, 246) = 12.966$; $p < .001$; $\eta^2_p = 0.050$; $\pi = .948$]. Em ambos os países, os participantes do grupo de duplo desemprego apresentaram médias maiores e distintas de tensão económica, no entanto observou-se ainda um efeito de interação neste grupo entre os portugueses e brasileiros [$F(2, 246) = 5.308$; $p = .006$; $\eta^2_p = 0.041$; $\pi = .834$], sendo a tensão económica sentida pelos portugueses superior à dos brasileiros.

Tabela 10. Médias dos Grupos por País

	PT			BR		
	G1 _(n=57) (M, DP)	G2 _(n=24) (M, DP)	G3 _(n=70) (M, DP)	G1 _(n=44) (M, DP)	G2 _(n=23) (M, DP)	G3 _(n=41) (M, DP)
Avaliação da experiência anterior	4.77 (1.02)	3.76 (1.71)	H = 3.56 (1.42) M = 4.21 (1.08)	4.68 (1.09)	4.18 (1.56)	H = 4.94 (0.92) M = 5.04 (1.06)
Comparação entre as situações	2.19 (1.13)	2.00 (1.34)	H = 1.44 (0.66) M = 2.00 (0.93)	2.56 (1.26)	2.22 (1.08)	H = 2.29 (1.04) M = 2.08 (1.06)
Percepção da tensão económica	2.27 (0.72)	2.09 (0.73)	H = 1.44 (0.70) M = 1.54 (0.65)	2.35 (0.72)	2.35 (0.58)	H = 2.29 (0.68) M = 2.17 (0.86)

Nota. PT = Portugal; BR = Brasil; G1 = mulheres cujos cônjuges estão empregados; G2 = homens cujas esposas estão empregadas; G3 = casais de duplo desemprego; H = homens; M = mulheres.

3.2.2. Avaliação da experiência do desemprego

Todos os participantes listaram pelo menos um ponto que consideravam ser negativo na sua experiência de desemprego. Houve alguns participantes que não conseguiram identificar algo que considerassem como sendo positivo, deixando este espaço em branco, ou escreveram, no campo de respostas, não haver aspectos positivos nas suas experiências. Para ambos os casos, criou-se uma categoria (“não há”).

A frequência absoluta de aspectos listados variou de zero a quatro para os positivos e de um a cinco para os negativos. Alguns participantes listaram, dentro dos mesmos aspectos, dois ou mais pontos pertencentes à mesma categoria, pelo que, neste caso, apenas uma referência foi contabilizada. Por exemplo, dentre os aspectos negativos, um participante referiu “stress” e “ansiedade”. Neste caso, como as duas unidades de análise diziam respeito a uma mesma categoria, contabilizou-se a referência apenas uma vez. O percentual de concordância entre os juizes para a elaboração das categorias temáticas foi de 90%.

Da análise dos dados da amostra portuguesa, foram constituídas treze categorias temáticas, sendo sete concernentes aos aspectos negativos e seis aos positivos (ver Anexo 4). Da análise dos conteúdos da amostra brasileira, para além destas categorias, foram constituídas mais duas, sendo uma dos aspectos positivos e outra dos aspectos negativos. Em ambas as amostras, as categorias mais referidas como negativas e positivas, respetivamente, foram *Finanças* (PT = 58.21%; BR = 50.91%) e *Tempo* (PT = 61.37%; BR = 52.99%). Dentre as de menor referência, estão, de um lado, a categoria *Limitações na vida social* (PT = 6.47%; BR = 20.00%) e, do lado das positivas, apareceram *Indicadores de saúde* para a amostra portuguesa (6.21%) e *Paliativos* para a amostra brasileira (5.97%). A Tabela 11 apresenta as categorias com a respetiva definição de cada uma delas, bem como exemplos retirados das respostas dos participantes. São apresentadas também as percentagens calculadas sobre a frequência total referida em cada uma das amostras.

Em ambas as amostras, a percentagem de referências a aspectos negativos é ligeiramente superior que a dos aspectos positivos, no entanto observa-se que esta diferença é ligeiramente maior nos portugueses (58% vs. 42%) que nos brasileiros (55% vs. 45%). As amostras apresentaram percentuais de referências semelhantes

nas categorias *diminuição da autorrealização* (PT = 5.97%; BR = 4.84%), *investimento em qualificação* (PT = 8.97%; BR = 8.96%), *impacto psicológico negativo* (PT = 12.44%; BR = 10.30%) e *indicadores de saúde* (PT = 6.21%; BR = 8.96%). As diferenças mais acentuadas encontram-se nas categorias *alterações no estilo de vida* (PT = 6.47%; BR = 20.00%); *não há* (PT = 16.67%; BR = 8.22%), e *tempo* (PT = 61.37%; BR = 52.99%).

Tabela 11. Categorias Temáticas, Definições e Exemplos

	Categorias	+F_{PT}	+F_{BR}	Definição	Exemplos
Aspetos Negativos	Finanças	58.21%	50.91%	Abrange questões de ordem financeira, nomeadamente dificuldade em conseguir fazer face às dívidas mensais, diminuição do poder de compra e restrição do orçamento familiar	“Perda do poder aquisitivo”; “Difícil conciliar as contas no final do mês”
	Impacto psicológico negativo	12.44%	10.30%	Referência a sintomas psicopatológicos que surgiram após a perda de emprego, como ansiedade, depressão, esgotamento mental; diminuição de bem-estar e de autoestima.	“Sinto-me ansiosa e depressiva”; “Ansiedade, desânimo e baixa estima”
	(Des)Organização do tempo	9.95%	4.24%	Dificuldade em organizar o dia-a-dia e lidar com a falta da rotina que antes era proporcionada pelo emprego; sentimento de ociosidade, de não estar a fazer algo de produtivo ou não conseguir gerir o tempo.	“Estar todo tempo em casa traz pensamentos que esgotam”; “Fico aborrecida e sinto-me passiva”
	Alterações no estilo de vida	6.47%	20.00%	Insatisfação face às mudanças e ajustes que precisaram de ser feitos no padrão de vida familiar relativamente ao período anterior à situação de desemprego.	“Temos de andar de transportes públicos”; “Não podemos mais tirar férias em família”
	Diminuição da Autorrealização	5.97%	4.84%	Efeitos negativos da insatisfação com o papel profissional face o desemprego, gerando diminuição da motivação para realizar atividades diárias e do sentimento de autoeficácia	“Sinto-me desvalorizada profissionalmente”; “Tenho vergonha e não sei o que dizer ao meu filho”
	Perturbações no ambiente familiar	5.47%	2.42%	Problemas nas relações dentro da família (conjugais e/ou parentais), aumento da tensão no ambiente familiar, sentimento de cobrança ou falta de apoio do cônjuge	“Brigas e discussões com minha companheira”; “Cobrança familiar”
	Incerteza *	-	6.06%	Insegurança e baixas expectativas com relação ao futuro; impedimento ou adiamento de tomadas de decisões	“Não posso planejar ter um filho”; “Penso no dia de amanhã”
	Limitações na vida social	4.49%	1.21%	Diminuição do círculo de amigos e do convívio diário com outras pessoas (proporcionado pela atividade laboral), sentimento de isolamento social	“Já não saio e tenho um lazer precário”; “Não estou com as pessoas”

	Total	201	165		
Aspetos positivos	Tempo	61.37%	52.99%	Ter mais tempo (para realizar atividades ou investir mais em papéis que antes, quando as demandas do emprego não permitiam)	“Mais tempo para ir à igreja”; “Posso acompanhar mais de perto a escola do meu filho”
	“Não há”	16.67%	8.22%	Não existem aspetos positivos por comparação à situação anterior (com emprego vs. sem emprego)	“Não vejo nada de positivo”
	Apoio familiar	15.86%	11.94%	Fazem referência a família como rede de apoio; sentimento de maior união e coesão entre os membros da família; referem-se à empatia e ao suporte recebido/oferecido por parte do cônjuge e/ou filhos	“Estamos mais juntos e unidos”; “Força e motivação inspirada pelo meu companheiro”
	Investimento em qualificação	8.97%	8.96%	Oportunidade para adquirir novas competências, requalificar-se, investir em formações e cursos para se especializar e ter um emprego melhor ou maiores oportunidades de conseguir um novo emprego	“Adquiri novas competências”; “Oportunidade de voltar a estudar e repensar minha carreira”
	Reinterpretação positiva	7.59%	11.19%	Significados atribuídos à experiência de desemprego como se fosse uma oportunidade de desenvolvimento, de autodescoberta; relatos como “lições de vida” e aprendizagens	“Aprendi a viver com o pouco e a reclamar menos”; “Agora sei com quem realmente posso contar”
	Indicadores de saúde	6.21%	8.96%	Sentimento de maior bem-estar em comparação à situação anterior, menos stress, alívio e maior disposição	“Melhor agora, pois adoeci no meu último emprego”; “Sinto-me aliviada e mais descansada”
	Paliativos *	-	5.97%	Abrange elementos ou fatores que foram referidos não propriamente por ser positivos, mas por atenuar ou amortecer as consequências negativas da situação de desemprego	“Moramos em uma casa própria”; “Meus filhos já são adultos e independentes”
		Total	145	134	

Nota. *categorias que emergiram dos dados da amostra brasileira; %_{PT} = percentagem sobre a frequência total referida pelos portugueses; F_{BR} = percentagem sobre a frequência total referida pelos portugueses.

3.3. Estudo de diferenças de satisfação em função do país, da configuração de desemprego e dentre os membros do casal

A Tabela 12 apresenta os resultados das *mixed model ANOVAS* no que concerne a diferenças por país, configuração de desemprego e entre os membros do casal nos diferentes indicadores de satisfação. Relativamente à *satisfação com a vida*, observou-se um efeito principal da configuração de desemprego [$F(2, 338) = 5.833$; $p = .003$; $\eta^2_p = 0.033$], sendo a média do grupo G3 ($M = 3.54$; $DP = 0.94$) inferior a dos grupos G1 ($M = 3.93$; $DP = 0.76$) e G2 ($M = 3.90$; $DP = 1.08$). Observou-se ainda um efeito de interação entre a configuração de desemprego e dentre os membros do casal [$F(2,338) = 3.975$; $p = .020$; $\eta^2_p = 0.023$], tendo as mulheres do grupo G3 menos satisfação com a vida ($M = 3.38$; $DP = 1.18$) do que os seus maridos ($M = 3.63$; $DP = 1.22$). Não houve diferenças em função do país. A Figura 4 indica as diferenças das médias entre maridos e esposas para cada um dos grupos.

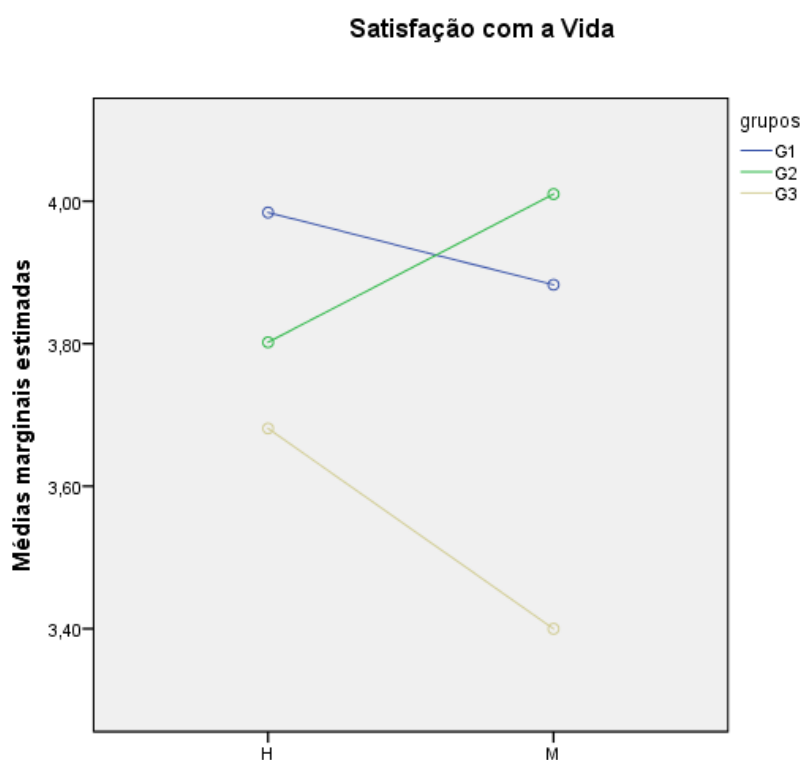


Figura 4. Médias marginais estimadas de SV para homens e mulheres de cada grupo

Na satisfação conjugal, observou-se um efeito principal significativo do país [$F(1,338) = 6.720$; $p = .010$], de magnitude pequena ($\eta^2_p = 0.019$), tendo os portugueses uma maior média global ($M = 4.95$; $DP = 0.74$) do que os brasileiros ($M = 4.66$; $DP = 0.79$). As diferenças em função da configuração de desemprego não foram significativas. No entanto, verificou-se um efeito de interação entre a configuração de desemprego e os membros do casal [$F(2,338) = 3.912$; $p = .021$; $\eta^2_p = 0.023$], tendo as mulheres do grupo G3 menos satisfação conjugal ($M = 4.49$; $DP = 1.35$) do que os seus cônjuges ($M = 4.89$; $DP = 1.13$). A Figura 5 indica as médias de satisfação conjugal aferida para ambos os elementos do casal em cada um dos grupos.

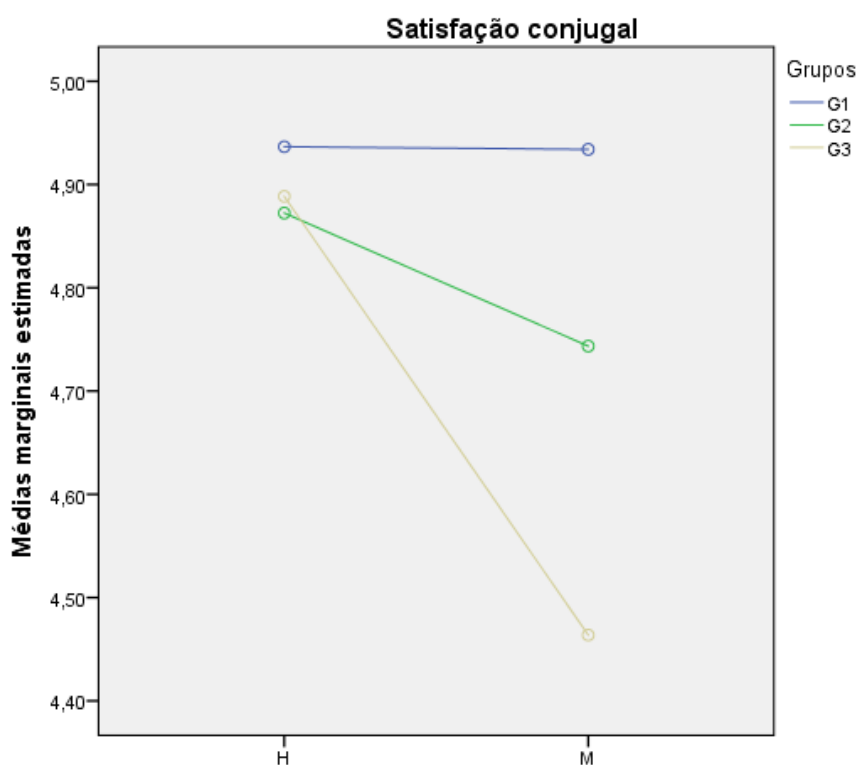


Figura 5. Médias marginais estimadas de SC para cônjuges de cada grupo.

Relativamente à satisfação parental, os resultados permitiram observar diferenças dentro do casal [$F(1,298) = 8.038$; $p = .005$; $\eta^2_p = 0.026$], no sentido das médias apresentadas pelas esposas ($M = 4.42$; $DP = 0.94$) serem maiores que as de seus maridos ($M = 4.27$; $DP = 1.00$). Verificou-se ainda um efeito

principal da configuração de desemprego [$F(2,298) = 7.101; p = .001; \eta^2_p = 0.045$], tendo o grupo G3 menores médias ($M = 4.08; DP = 0.85$) que os grupos G2 ($M = 4.52; DP = 1.02$) e G1 ($M = 4.43; DP = 0.70$).

3.4. Estudo das diferenças de variáveis individuais e familiares em função do país, da configuração de desemprego e dentre os membros do casal

De seguida, serão apresentados inicialmente os resultados das análises da variação relativamente às avaliações de características individuais e, posteriormente das variáveis familiares.

3.4.1. Características individuais

Relativamente à *vulnerabilidade*, observou-se um efeito principal da configuração de desemprego [$F(2, 339) = 3.814; p = .023; \eta^2_p = 0.022$], sendo as diferenças entre o grupo de duplo desemprego ($M = 2.87; DP = 0.73$) e o grupo desemprego masculino ($M = 2.56; DP = 0.84$) estatisticamente significativas ($p = .019$). Verificou-se ainda um efeito intracasal [$F(1, 339) = 7.969; p = .005; \eta^2_p = 0.023$], sendo as médias das esposas ($M = 2.86; DP = 0.95$) estatisticamente maiores que as médias dos maridos ($M = 2.64; DP = 0.94$). Não se observaram diferenças em função do país nem efeitos de interação.

Em relação à *autoeficácia generalizada*, observou-se um efeito principal quase significativo do país [$F(1, 339) = 3.792; p = .052; \eta^2_p = 0.011$], tendo os brasileiros maior média ($M = 4.40; DP = 0.91$) do que os portugueses ($M = 4.24; DP = 0.83$). Ressalta-se no entanto que o poder observado do teste foi apenas de $\pi = .493$. Não houve diferenças intracasal nem em função da configuração de desemprego. Também não se observaram efeitos de interação entre os fatores.

Quanto aos *afetos positivos*, não foram encontradas diferenças em função do país nem da configuração de desemprego. Também não se observaram diferenças intracasal nem efeitos de interação. Nos *afetos negativos*, observou-se um efeito principal do grupo [$F(2, 339) = 8.354; p < .001; \eta^2_p = 0.047$], tendo o grupo de duplo desemprego maior média ($M = 3.17; DP = 0.72$) do que os demais ($M_{G1} = 2.95; DP_{G1} = 0.58; M_{G2} = 2.72; DP_{G2} = 0.84$). As diferenças de país não foram significativas. Verificou-se ainda um efeito de interação entre a configuração de desemprego e o casal [$F(1, 337) = 3.126; p = .045; \eta^2_p = 0.018$],

tendo as mulheres do grupo desemprego feminino médias superiores ($M = 3.09$; $DP = 0.96$) às de seus maridos ($M = 2.80$; $DP = 0.85$), conforme ilustrado na Figura 6.

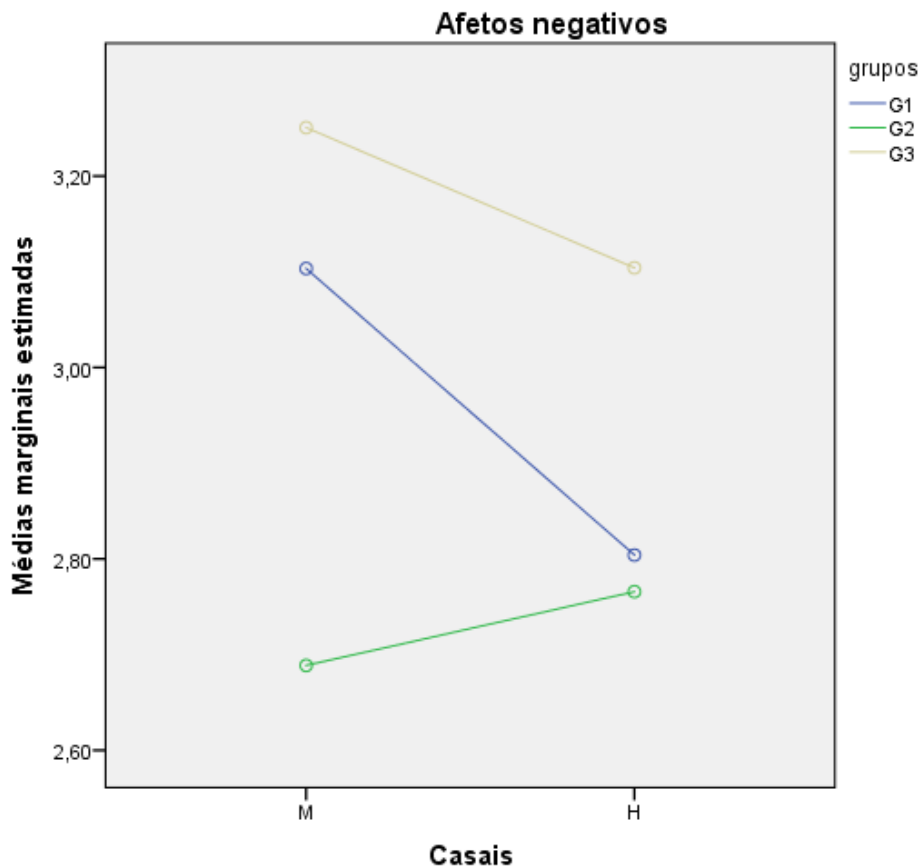


Figura 6. Médias marginais estimadas de AN para cônjuges de cada grupo

Com relação às *estratégias cognitivas de coping*, observou-se um efeito principal do país [$F(1, 332) = 9.925$; $p = .002$; $\eta^2_p = 0.029$], tendo os brasileiros maior média ($M = 4.92$; $DP = 0.62$) que os portugueses ($M = 4.65$; $DP = 0.58$). Foi verificado ainda um efeito intracasal [$F(1, 332) = 4.072$; $p = .044$; $\eta^2_p = 0.012$], tendo as esposas maiores médias ($M = 4.83$; $DP = 0.91$) que seus maridos ($M = 4.72$; $DP = 0.95$). De salientar, contudo, que a potência do teste que avalia este efeito é baixa ($\pi = .521$), pelo que não nos permite segurança em rejeitar a hipótese de igualdade. Não foram observadas diferenças em função da configuração de desemprego nem efeitos de interação entre os fatores. Sobre as *estratégias de busca de suporte*, verificou-se o efeito principal do país [$F(1,$

333) = 14.030; $p < .001$; $\eta^2_p = 0.040$], tendo os brasileiros maior média ($M = 4.29$; $DP = 0.84$) que os portugueses ($M = 3.85$; $DP = 0.79$). Verificou-se ainda um efeito intracasal [$F(1, 333) = 18.123$; $p < .001$; $\eta^2_p = 0.052$], tendo as esposas maior média ($M = 4.25$; $DP = 1.30$) que os seus maridos ($M = 3.85$; $DP = 1.36$).

Em relação às *atitudes igualitárias face aos papéis de género*, observou-se um efeito principal da configuração de desemprego [$F(2, 338) = 5.107$; $p = .007$; $\eta^2_p = 0.029$], sendo a média do grupo desemprego feminino ($M = 4.91$; $DP = 0.57$) menor e diferente das médias do grupo desemprego masculino ($M = 5.17$; $DP = 0.81$) e de duplo desemprego ($M = 5.15$; $DP = 0.71$). Houve ainda diferenças entre os membros do casal [$F(1, 338) = 28.846$; $p < .001$; $\eta^2_p = 0.079$], tendo as esposas maior média ($M = 5.24$; $DP = 0.78$) que seus maridos ($M = 4.83$; $DP = 1.06$).

Tabela 12. Resultados das Mixed ANOVAs para Variáveis Individuais

		SQ	gl	QM	F	Sig	η^2_p	π	
Vulnerabilidade	Género intracasal	5.533	1	5.533	7.969	.005	.023	.804	M>H
	País	0.093	1	0.093	0.085	.771	.000	.060	-
	Grupo	8.328	2	4.164	3.814	.023	.022	.691	G3>G2
	Intracasal x país	0.233	1	0.233	0.336	.562	.001	.089	-
	Intracasal x grupo	1.701	2	0.850	1.225	.295	.007	.267	-
	Grupo x país	0.227	2	0.114	0.104	.901	.001	.066	-
	Intracasal x país x grupo	3.561	2	1.780	2.564	.078	.015	.511	-
	Género intracasal	0.197	1	0.197	0.366	.546	.001	.093	-
Autoeficácia	País	3.736	1	3.736	3.792	.052	.011	.493	BR>PT
	Grupo	0.860	2	0.430	0.437	.647	.003	.121	-
	Intracasal x país	0.197	1	0.197	0.366	.546	.001	.050	-
	Intracasal x grupo	0.955	2	0.477	0.889	.412	.005	.203	-
	Grupo x país	0.340	2	0.170	0.173	.841	.001	.077	-
	Intracasal x país x grupo	1.073	2	0.537	0.999	.369	.006	.224	-

Afetos positivos	Género	0.060	1	0.060	0.122	.728	.000	.064	-
	intracasal								
	País	2.964	1	2.964	3.549	.060	.010	.468	-
	Grupo	2.932	2	1.466	1.756	.174	.010	.367	-
	Intracasal x país	0.476	1	0.476	0.971	.325	.003	.166	-
	Intracasal x grupo	0.057	2	0.029	0.058	.944	.000	.059	-
	Grupo x país	0.050	2	0.025	0.030	.970	.000	.054	-
	Intracasal x país x grupo	1.522	2	0.761	1.551	.213	.009	.329	-
Afetos negativos	Género	2.344	1	2.344	3.949	.048	.012	.509	M > H
	intracasal								
	País	0.042	1	0.042	0.039	.844	.000	.054	-
	Grupo	18.000	2	9.000	8.354	<.001	.047	.963	G1<G3>G2
	Intracasal x país	0.320	1	0.320	0.539	.463	.002	.113	-
	Intracasal x grupo	3.712	2	1.856	3.126	.045	.018	.599	M _{G1} >H _{G1}
	Grupo x país	0.610	2	0.305	0.283	.754	.002	.095	-
	Intracasal x país x grupo	0.489	2	0.244	0.412	.663	.002	.116	-
Estrategias cognitivas	Género	2.571	1	2.571	4.072	.044	.012	.521	M > H
	intracasal								
	País	10.947	1	10.947	9.925	.002	.029	.881	BR > PT
	Grupo	1.719	2	0.860	0.779	.460	.005	.183	-
	Intracasal x país	0.038	1	0.038	0.060	.806	.000	.057	-
	Intracasal x grupo	2.333	2	1.167	1.848	.159	.011	.384	-
	Grupo x país	0.137	2	0.069	0.062	.940	.000	.059	-

	Intracasal x país grupo	1.049	2	0.524	0.831	.437	.005	.192	-
Estratégias de busca de suporte	Género intracasal	26.188	1	26.188	18.123	<.001	.052	.989	M > H
	País	28.710	1	28.710	14.030	<.001	.040	.962	BR > PT
	Grupo	0.219	2	0.109	0.054	.948	.000	.058	-
	Intracasal x país grupo	1.025	1	1.025	0.709	.400	.002	.134	-
	Intracasal x país grupo	0.331	2	0.165	0.114	.892	.001	.067	-
	Grupo x país	2.408	2	1.204	0.588	.556	.004	.158	-
	Intracasal x país grupo	0.334	2	0.167	0.116	.891	.001	.068	-
	Atitudes igualitárias	Género intracasal	19.976	1	19.976	2.846	<.001	.079	.999
País		0.389	1	0.389	0.377	.540	.001	.094	-
Grupo		10.546	2	5.273	5.107	.007	.029	.820	G3>G1<G2
Intracasal x país grupo		0.105	1	0.105	0.152	.697	.000	.068	-
Intracasal x país grupo		3.669	2	1.834	2.649	.072	.015	.525	-
Grupo x país		2.223	2	1.111	1.077	.342	.006	.238	-
Intracasal x país grupo		0.839	2	0.419	0.605	.546	.004	.151	-

Nota. M = mulheres; H = homens; G1 = grupo desemprego feminino; G2 = Grupo desemprego masculino; G3 = grupo duplo desemprego; PT = Portugal; BR = Brasil.

3.4.2. Variáveis familiares

Neste agrupamento de variáveis, que avaliam aspetos da conjugalidade e da parentalidade (empatia conjugal, eficácia parental e coesão familiar), procedeu-se igualmente às *mixed model ANOVAs*, a fim de verificar os efeitos do país, da configuração de desemprego e entre o casal nas diferentes variáveis. A Tabela 13 apresenta a descrição sumária das ANOVAs e, de seguida, são reportados mais detalhadamente os resultados.

Quanto à *empatia conjugal* não foram observados efeitos principais do país nem da configuração de desemprego, no entanto observou-se um efeito de interação entre o país e os membros do casal [$F(1, 336) = 8.943$; $p = .003$; $\eta^2_p = 0.026$], sendo as diferenças entre maridos ($M = 3.55$; $DP = 0.91$) e esposas ($M = 3.85$; $DP = 0.82$) mais evidentes nos portugueses, conforme indicado na Figura 7.

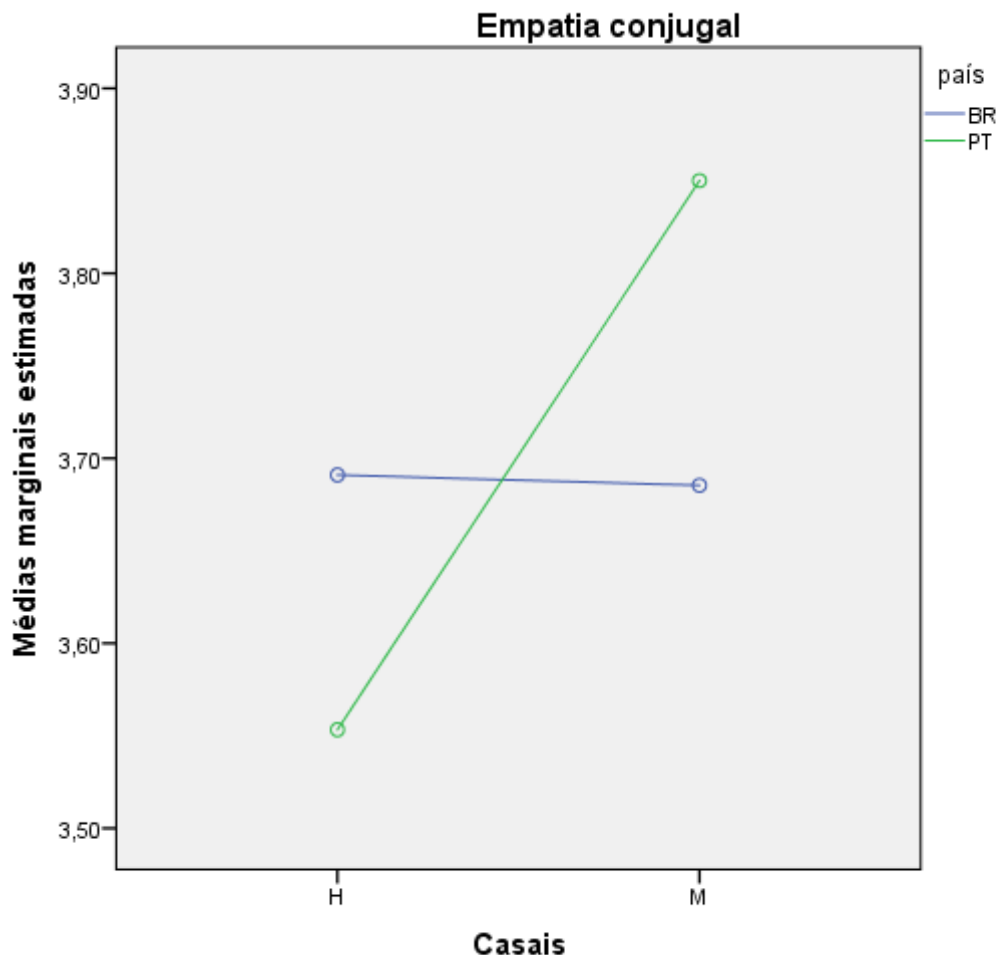


Figura 7. Médias marginais estimadas de empatia para cônjuges de cada grupo.

Foram observadas diferenças estatisticamente significativas dentre os membros do casal [$F(1, 299) = 23.550$; $p < .001$; $\eta^2_p = 0.073$] relativamente à *eficácia parental*, tendo as esposas maiores médias ($M = 4.80$; $DP = 0.82$) que seus maridos ($M = 4.52$; $DP = 0.94$). Houve também um efeito de interação marginalmente significativo [$F(1, 299) = 3.104$; $p = .051$; $\eta^2_p = 0.020$] entre o país e a configuração de desemprego, havendo diferenças entre as médias dos portugueses ($M = 4.77$; $DP = 0.65$) e brasileiros ($M = 4.41$; $DP = 1.00$) pertencentes ao grupo G2, conforme ilustra a Figura 8.

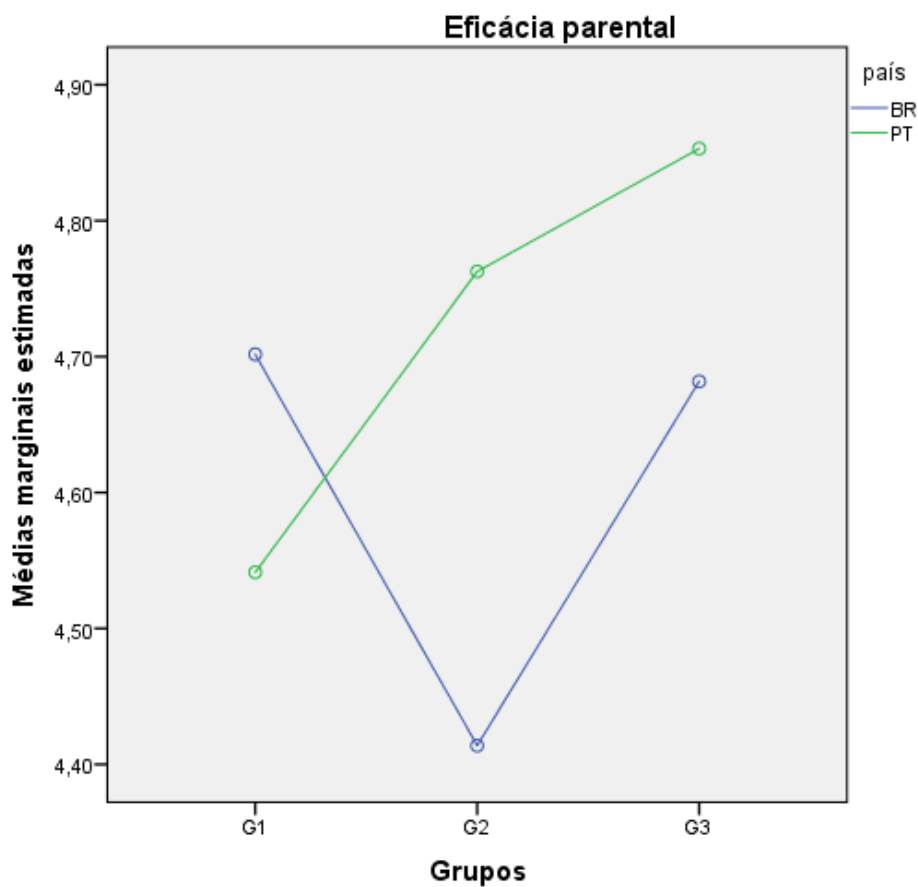


Figura 8. Médias de eficácia parental em cada grupo em função do país.

Relativamente à *coesão familiar*, observou-se um efeito principal significativo do país [$F(1, 335) = 8.236$; $p = .004$; $\eta^2_p = 0.024$], tendo os portugueses maior média ($M = 5.04$; $DP = 0.65$) que os brasileiros ($M = 4.77$; $DP = 0.68$). Embora se tenha verificado um efeito marginalmente significativo da

configuração de desemprego [$F(2, 335) = 2.919; p = .055; \eta^2_p = 0.017$], sendo as diferenças entre os grupos G2 ($M = 5.02; DP = 0.94$) e G3 ($M = 4.74; DP = 0.82$) quase significativas, ressalta-se que a potência do teste foi baixa ($\pi = .568$), pelo que não nos dá segurança em rejeitar a hipótese de igualdade.

Tabela 13. Resultados das Mixed ANOVAs para Variáveis Familiares

		SQ	gl	QM	F	Sig	η^2_p	π	
Empatia conjugal	Género intracasal	3.290	1	3.290	8.292	.004	.024	.819	M > H
	País	0.028	1	0.028	0.027	.869	.000	.053	-
	Grupo	1.769	2	0.884	0.849	.429	.005	.196	-
	Intracasal x país	3.548	1	3.548	8.943	.003	.026	.847	M _{PT} >H _{PT}
	Intracasal x grupo	1.147	2	0.574	1.446	.237	.009	.309	-
	Grupo x país	0.715	2	0.358	0.343	.710	.002	.105	-
	Intracasal x país x grupo	0.202	2	0.101	0.254	.776	.002	.090	-
	Género intracasal	10.645	1	10.645	23.550	<.001	.073	.998	M > H
Eficácia parental	País	1.957	1	1.957	1.753	.187	.006	.262	-
	Grupo	3.257	2	1.629	1.458	.234	.010	.311	-
	Intracasal x país	0.323	1	0.323	0.714	.399	.002	.134	-
	Intracasal x grupo	0.375	2	0.187	0.414	.661	.003	.117	-
	Grupo x país	6.730	2	3.365	3.014	.051	.020	.582	G _{2PT} >G _{2BR}
	Intracasal x país x grupo	0.027	2	0.013	0.030	.971	.000	.054	-
	Género intracasal	0.007	1	0.007	0.016	.899	.000	.052	-
	Coesão familiar	País	11.318	1	11.318	8.236	.004	.024	.816
Grupo		8.022	2	4.011	2.919	.055	.017	.568	G ₂ > G ₃
Intracasal x país		1.297	1	1.297	2.823	.094	.008	.388	-
Intracasal x grupo		2.408	2	1.204	2.619	.074	.015	.520	-
Grupo x país		0.112	2	0.056	0.041	.960	.000	.056	-
Intracasal x país x grupo		0.069	2	0.034	0.075	.928	.000	.061	-

3.5. Estudo dos preditores de satisfação conjugal, parental e com a vida

3.5.1. Satisfação com a vida

A Tabela 14 mostra o modelo final com os preditores para cada configuração familiar de desemprego. Para os participantes do grupo desemprego feminino, as estratégias cognitivas e a eficácia parental, que nas regressões preliminares tinham-se mostrado significativas, deixaram de o ser. Os preditores significativos foram então, do bloco das VIs individuais, os afetos negativos – sendo que quanto mais afetos negativos, menos satisfação com a vida, embora com um reduzido coeficiente de regressão – e a autoeficácia, esta com um coeficiente de regressão positivo (quanto mais autoeficácia, mais satisfação com a vida). Do bloco das variáveis familiares, a única dimensão relevante para este grupo foi a coesão familiar, também no sentido positivo.

No grupo desemprego masculino, a dimensão “ter filhos” apresentou-se como preditor negativo da satisfação com a vida, apesar do coeficiente de regressão ser baixo (.147). Relativamente ao bloco individual, são ainda preditores importantes o uso das estratégias de coping do tipo cognitivo e a procura de suporte. A autoeficácia apresenta-se também como um preditor positivo da satisfação com a vida neste grupo. Do bloco familiar, somente a coesão familiar se apresentou como um preditor significativo da satisfação com a vida.

Por fim, no grupo duplo desemprego, são preditores importantes o país – sendo que os brasileiros nesta configuração apresentam maior perceção de satisfação com a vida – a autoeficácia e as atitudes igualitárias de género – esta no sentido negativo, isto é, quanto mais atitudes de género igualitárias os indivíduos deste grupo têm, menos satisfação com a vida apresentam. Relativamente às dimensões familiares, somente a perceção de eficácia parental parece ser relevante para predizer positivamente os níveis de satisfação com a vida destes casais.

A variância explicada nos três grupos é bastante próxima, variando entre 33% no grupo desemprego feminino, 37% para o grupo de duplo-desemprego e 39% para o grupo de desemprego masculino.

Tabela 14. Preditores da Satisfação com a Vida

	G1			G2			G3		
	B (EP)	β	Sig.	B (EP)	β	Sig.	B (EP)	β	Sig.
País (Brasil)	—	—		—	—		.374 (.150)	.151	*
Ter filhos	—	—		-.429 (.189)	-.147⁺	*	—	—	
Afetos negativos	-.167 (.063)	-.140⁺	**	—	—		—	—	
Estratégias cognitivas	-.117 (.069)	-.010	<i>ns</i>	-.402 (.094)	-.342	**	-.160 (.089)	-.132	<i>ns</i>
Estratégias de busca de suporte	—	—	—	.221 (.052)	.271	***	.080 (.053)	.096	<i>ns</i>
Autoeficácia gen.	.519 (.080)	.401	***	.736 (.106)	.564	***	.702 (.094)	.539	***
Atitudes igualitárias de género	—	—		—	—		-.274 (.079)	-.218	**
Coesão familiar	.303 (.065)	.255	***	.329 (.075)	.295	***	—	—	
Eficácia parental	.032 (.075)	.025	<i>ns</i>	.077 (.101)	.067	<i>ns</i>	.302 (.090)	.228	***
	$F(5, 282) = 29.603$			$F(6, 123) = 17.148$			$F(6, 183) = 19.321$		
	$R^2_a = .331$			$R^2_a = .389$			$R^2_a = .368$		

Nota. — Preditor não inserido no modelo; * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$; *ns* - não significativo; ⁺ $\beta < .15$

3.5.2. Satisfação conjugal

A Tabela 15 indica os preditores da satisfação conjugal para cada configuração familiar de desemprego, que incluiu somente as VIs que haviam sido significativas na primeira etapa de RLM. Assim, no modelo obtido para o grupo desemprego feminino, a VI “afetos negativos” passou a ser não-significativa. São preditores relevantes de satisfação conjugal: as estratégias de procura de suporte, a coesão familiar e a empatia conjugal. No total, este modelo explica cerca de 33% da variância.

No grupo de desemprego masculino, somente a coesão familiar se apresentou como um preditor significativo da satisfação conjugal, sendo que este modelo explica cerca de 50% da variância. No grupo de duplo-desemprego, “ser homem” é um preditor de maior satisfação conjugal; observou-se ainda que estar numa relação conjugal por mais tempo também importa para os níveis desta satisfação. Do ponto de vista das variáveis individuais, são relevantes os afetos positivos e o uso de estratégias de coping do tipo cognitivo. Todas as dimensões familiares se mostraram preditores importantes, isto é, maiores níveis de coesão familiar, empatia conjugal e eficácia parental predizem maiores níveis de satisfação conjugal. Este modelo apresenta uma variância explicada de 43%.

Tabela 15. Preditores da Satisfação Conjugal

	G1			G2			G3		
	B (EP)	β	Sig.	B (EP)	β	Sig.	B (EP)	β	Sig.
Género (masculino)	—	—		—	—		.450 (.145)	.186	**
País (Brasil)	—	—		-.002 (.122)	-.002	<i>ns</i>	-.224 (.146)	-.092	<i>ns</i>
Tempo da relação	—	—		—	—		.016 (.007)	.136+	*
Afetos positivos	—	—		—	—		.260 (.123)	.180	*
Afetos negativos	-.082 (.054)	-.074	<i>ns</i>	—	—				
Estratégias cognitivas	—	—		—	—		.182 (.088)	.156	*
Estratégias de busca de suporte	.092 (.037)	.119 +	*	—	—		—	—	
Coesão familiar	.394 (.054)	.372	***	.850 (.071)	.715	***	.178 (.083)	.153	*
Empatia	.288 (.056)	.256	***	—	—		.297 (.089)	.234	***
Eficácia parental	—	—		—	—		.222 (.095)	.174	*
	<i>F</i> (4,312) = 40.411 ***			<i>F</i> (2, 143) = 75.038 ***			<i>F</i> (8, 158) = 13.941 ***		
	$R^2_a = .333$			$R^2_a = .505$			$R^2_a = .432$		

Nota. — Preditor não inserido no modelo; + $\beta < .15$; * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$; *ns* - não significativo

3.5.3. Satisfação parental

Seguindo o mesmo procedimento metodológico descrito nas secções anteriores, obteve-se o modelo dos preditores de satisfação parental para cada uma das configurações familiares de desemprego (ver Tabela 16). No grupo desemprego feminino, o modelo só permitiu explicar 26% da satisfação parental, 25% no grupo desemprego masculino e 22% no grupo duplo desemprego. A coesão familiar foi a única variável que se manteve como preditor da satisfação parental simultaneamente para os três grupos.

No caso do grupo de desemprego feminino, são preditores de satisfação parental: ser português, possuir baixos índices de afetos negativos, baixos índices de autoeficácia, menor vulnerabilidade e maior coesão familiar. Para o caso do grupo de desemprego masculino, importa o número de filhos, sendo que quanto mais filhos menor satisfação parental. Ser menos vulnerável e ter maior coesão familiar aumenta os níveis de satisfação parental. Finalmente para o grupo de duplo-desemprego, são preditores significativos: o menor índice de afetos negativos, a maior coesão familiar e a menor empatia conjugal.

Tabela 16. *Preditores da Satisfação Parental*

	G1			G2			G3		
	B (EP)	β	Sig.	B (EP)	β	Sig.	B (EP)	β	Sig.
País (Brasil)	-.212 (.096)	-.116⁺	*	—	—		—	—	
Número de filhos	—	—		-.325 (.086)	-.295	***	—	—	
Afetos positivos	.127 (.081)	.113	<i>ns</i>	—	—		—	—	
Afetos negativos	-.241 (.057)	-.246	***	-.114 (.091)	-.105	<i>ns</i>	-.242 (.068)	-.228	***
Autoeficácia	-.214 (.091)	-.202	*	—	—		—	—	
Vulnerabilidade	-.238 (.076)	-.250	**	-.187 (.095)	-.169	*	—	—	
Coesão familiar	.154 (.058)	.158	**	.291 (.085)	.277	***	.377 (.064)	.393	***
Empatia	.101 (.059)	.099	<i>ns</i>	—	—		-.241 (.067)	-.236	***
	$F(7,279) = 15.452$		**	$F(4,125) = 11.867$		***	$F(3,186) = 18.990$		***
	$R^2_a = .261$			$R^2_a = .252$			$R^2_a = .222$		

Nota. — Preditor não inserido no modelo; + $\beta < .15$; * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$; *ns* - não significativo

3.6. Estudo da interdependência entre os elementos do casal

3.6.1. *Empatia e satisfação conjugal*

A partir dos resultados do estudo dos preditores de satisfação, observou-se que a empatia era um preditor de satisfação conjugal tanto nos casais do grupo desemprego feminino quanto nos do grupo duplo desemprego. Assim, surgiu a necessidade de se compreender melhor o papel da empatia para homens e mulheres desses grupos, com o objetivo de verificar a interdependência entre os cônjuges (efeitos de ator e parceiro) da empatia conjugal sobre a satisfação conjugal.

Procedeu-se primeiro à estimação de todos os efeitos livremente e, posteriormente, estimaram-se modelos aninhados em que se constrangem à igualdade os efeitos de ator e os de parceiro, no sentido de verificar qual o modelo de ajustamento mais parcimonioso. Nesse sentido, compararam-se dois modelos: um em que foram forçados à equivalência os efeitos de ator e, no outro, os de parceiro. A Tabela 17 indica os resultados do modelo final com equivalência dos efeitos de ator.

Observou-se que o modelo final com constrangimento do efeito de ator possuiu ajustamento global ($\chi^2/g.l.= 0.401$; $p = .849$; GFI = .996; CFI = 1.000; RMSEA = .000) tão bom quanto o modelo com todos os parâmetros livres ($\Delta\chi^2 = 0.759$; $\Delta g.l.= 1$; $p = .384$). Verificou-se que a empatia é um preditor significativo da satisfação conjugal do próprio (efeito de ator), para homens e mulheres. Observou-se ainda que, em ambos os grupos, a empatia conjugal do homem é também preditor da avaliação que a mulher faz sobre a sua satisfação com a relação, embora no grupo de duplo desemprego este efeito seja marginalmente significativo. Contudo, esse efeito de parceiro não se mostrou significativo nos homens em nenhum dos grupos, ou seja, a empatia conjugal da mulher não afeta a satisfação conjugal do homem.

Tabela 17. Coeficientes de Regressão do Modelo APIM entre Empatia e SC nos Grupos G1 e G3

	Efeito	Estimativa estandardizada	p
Casais do grupo duplo desemprego	$E_H \rightarrow SC_H$.487	<.001
	$E_M \rightarrow SC_M$.481	<.001
	$E_H \rightarrow SC_M$.265	.052
	$E_M \rightarrow SC_H$	-.042	.702
Casais do grupo desemprego feminino	$E_H \rightarrow SC_H$.510	<.001
	$E_M \rightarrow SC_M$.410	<.001
	$E_H \rightarrow SC_M$.233	.002
	$E_M \rightarrow SC_H$	-.056	.458

Nota. E = empatia; SC = satisfação conjugal; H = homens; M = mulheres.

3.6.2. Empatia e satisfação parental

No seguimento das análises de regressão, surgiu também a necessidade de aferir qual a interdependência entre os cônjuges relativamente ao efeito da empatia conjugal sobre a satisfação parental dado que, no estudo dos preditores de satisfação, os resultados sinalizaram que no grupo duplo desemprego haveria um efeito negativo da empatia.

O ajustamento do modelo com equiparação dos parâmetros de efeitos de ator ($\chi^2/g.l.=0.285$; $p=.921$; GFI =.996; CFI = 1.000; RMSEA = .000) não diferiu do modelo com parâmetros livres ($\Delta\chi^2 = 1.426$; $\Delta g.l.= 1$; $p = .232$). Observou-se um efeito de ator e negativo sobre a satisfação parental, tanto nos homens como nas mulheres. As estimativas encontradas no modelo final com equivalência dos efeitos de ator são apresentadas na Tabela 18.

Tabela 18. Coeficientes de Regressão do Modelo APIM entre Empatia e SP no Grupo Duplo Desemprego

Efeito	Estimativa estandardizada	p
$E_H \rightarrow SP_H$	-.131	.008
$E_M \rightarrow SP_M$	-.131	.008
$E_H \rightarrow SP_M$	-.030	.631
$E_M \rightarrow SP_H$	-.006	.924

Nota. E = empatia; SP = satisfação parental; H = homens; M = mulheres.

3.6.3. Coesão familiar e satisfação com a vida

Conforme os resultados do estudo dos preditores de satisfação com a vida, observou-se que a coesão familiar era um preditor para os casais integrantes dos grupos em que somente um dos cônjuges estava em desemprego. Assim, testou-se os efeitos de ator e parceiro em cada um desses grupos, separadamente, a fim de verificar a interdependência entre os cônjuges relativamente ao efeito da coesão familiar sobre a satisfação com a vida.

O modelo com os efeitos de ator e de parceiro constrangidos mostrou, no grupo desemprego masculino, um bom ajustamento ($\chi^2/g.l. = 1.044$; $p = .352$; GFI = 0.987; CFI = 0.998; RMSEA = .024). Este modelo não difere daquele com todos os efeitos livres ($\Delta\chi^2 = 2.089$; $\Delta g.l. = 2$; $p = .352$). Para esse grupo, foram observados somente efeitos de ator, para ambos os cônjuges.

Tabela 19. Coeficientes de Regressão do Modelo APIM entre Coesão Familiar e SV no Grupo Desemprego Masculino

Efeito	Estimativa estandardizada	p
$CF_H \rightarrow SV_H$.455	<.001
$CF_M \rightarrow SV_M$.455	<.001
$CF_H \rightarrow SV_M$.020	.803
$CF_M \rightarrow SV_H$.020	.803

Nota. CF = coesão familiar; SV = satisfação com a vida; H = homens; M = mulheres.

No grupo 1 (desemprego feminino), o modelo com os parâmetros de ator e de parceiro constrangidos apresentou também bom ajustamento ($\chi^2/g.l. = 1.068$; $p = .344$;

GFI = 0.993.; CFI = 0.999; RMSEA =.021) e também não difere do modelo livre ($\Delta\chi^2 = 2.135$; Δ g.l.= 2; $p = .344$). Os resultados indicaram efeitos significativos de ator e parceiro, para homens e mulheres, isto é, o nível de coesão familiar dos homens prediz a sua própria satisfação com a vida e também a satisfação de sua companheira; de igual modo, o nível de coesão familiar das mulheres prediz a sua própria satisfação com a vida e a de seu companheiro.

Tabela 20. *Coefficientes de regressão do modelo APIM entre coesão e SV no grupo desemprego feminino*

Efeito	Estimativa estandardizada	p
$CF_H \rightarrow SV_H$.384	<.001
$CF_M \rightarrow SV_M$.384	<.001
$CF_H \rightarrow SV_M$.262	<.001
$CF_M \rightarrow SV_H$.262	<.001

Nota. CF = coesão familiar; SV = satisfação com a vida; H = homens; M = mulheres

IV. Discussão

Neste capítulo, apresenta-se, inicialmente em separado, a discussão dos resultados de cada um dos estudos em função das hipóteses e questões de investigação; posteriormente, a discussão será feita de modo a integrar os principais resultados e como estes se articulam com o objetivo geral da investigação. Por fim, serão apresentadas as limitações e implicações deste estudo, bem como sugestões para trabalhos futuros.

4.1. Efeitos do desemprego na família

O nosso primeiro objetivo era o de averiguar os principais resultados de pesquisas internacionais centradas no impacto do desemprego, não exclusivamente em termos individuais, mas em termos familiares (sobre a conjugalidade e a parentalidade). Assumimos que as consequências do desemprego não seriam exclusivamente negativas mas poderiam ser igualmente positivas. Para testar esta assunção, foram desenvolvidos dois estudos: um estudo de revisão sistemática da literatura internacional, centrado sobre impactos do desemprego na conjugalidade, e um estudo qualitativo junto de pessoas em situação de desemprego, portuguesas e brasileiras, acerca dos impactos percebidos (positivos e negativos) desta situação. O primeiro reuniu pesquisas, essencialmente quantitativas, publicadas em revistas internacionais. Embora a abordagem quantitativa tenha vantagens inequívocas, limita a possibilidade de abranger dimensões para além das definidas previamente pelo investigador. Deste modo, num segundo estudo, agora qualitativo e com uma amostra de participantes portugueses e brasileiros, averiguou-se a perceção dos próprios sobre a experiência de desemprego e suas consequências em termos comparativos. Adicionalmente, foi avaliado se partilhavam uma visão simultaneamente positiva e negativa das consequências do desemprego.

4.1.1. Estudo de revisão sistemática

Os estudos recuperados pela revisão permitiram-nos confirmar nossa hipótese de que a situação de desemprego gera não somente efeitos negativos – embora estes sejam de longe os mais frequentes – mas também efeitos positivos no microsistema familiar. Confirma-se o impacto individual, manifestado por uma diminuição de bem-estar tanto para homens quanto para mulheres em desemprego (diminuição da satisfação com a vida e aumento de sintomas psicopatológicos). A

relação conjugal também é negativamente afetada (diminuição da satisfação conjugal e aumento da probabilidade de divórcio) ainda que somente um dos cônjuges esteja em desemprego. No entanto, observou-se que as questões de gênero perpassam a vivência do desemprego familiar e seu impacto sobre o casal, sendo a configuração de desemprego masculino a mais vulnerável a tais efeitos negativos.

De fato, os estudos apontaram que, quando é o homem o elemento em desemprego, é mais difícil para este lidar com a tensão gerada pela situação de perda de emprego, que pode ser vista como uma ameaça ao seu papel de provedor. Parece assim que, apesar das mudanças na sociedade, tais como a participação cada vez maior da mulher no mercado de trabalho e o aumento de casais de duplo emprego, ainda é muito forte em algumas culturas a assunção de que é o membro do gênero masculino quem deve desempenhar o papel de provedor da família.

Além disso, o desempenho de outras tarefas pode ser ameaçador para o homem. Embora o conceito de uma divisão igualitária das tarefas domésticas já esteja interiorizado cognitivamente (Fontaine et al, 2007), esta igualdade não se observa nem mesmo diante da situação de desemprego masculino, em que o homem teria mais tempo para o desempenho destas tarefas do que as suas esposas. Parece, pelo contrário, que de modo a preservar a identidade de gênero masculina, os homens nesta situação evitariam o trabalho familiar e tudo o que remetesse ao papel “feminino” de cuidador. Em contrapartida, ao investir mais nos cuidados com a família e com o lar, a mulher estaria preservando o seu papel de gênero (West & Zimmerman, 1987). Conforme observado em alguns estudos desta revisão, no caso de desemprego das mulheres, apesar de elas também experienciarem a tensão e as consequências psicossociais desta situação de crise, investir mais no papel de cuidadora parece desempenhar um efeito protetor. Reforçando essa interpretação, está o fato deste fenômeno estar mais presente em casais que apresentam uma maior adesão às atitudes de gênero mais tradicionais.

A partir dos artigos revistos, observou-se também que o desemprego pode ser experienciado de modos diferentes em função de alguns fatores, como a percepção da tensão financeira. Por exemplo, os efeitos sobre a probabilidade de divórcio são acentuados no caso de uma percepção mais negativa da família sobre a sua situação financeira, e minimizados no caso da presença de filhos pequenos (Nilsson, 2008). Apesar destas evidências, a investigação focalizada na análise de

potenciais moderadores dos impactos do desemprego é escassa. Parece assim relevante que futuros estudos analisem de forma mais consistente alguns moderadores, dos quais se destacam a percepção da situação financeira da família e a existência de filhos dependentes. Adicionalmente, outros moderadores – por exemplo, o apoio obtido ou disponibilizado a outros – poderá ser relevante. Assim, se em uma situação de desemprego há a necessidade de apoiar instrumentalmente outros membros da família, o impacto negativo sobre o indivíduo em desemprego e sobre o casal poderá ser acentuado; por outro lado, se estes membros da família constituírem-se como fontes de suporte e apoio à pessoa em desemprego, esses efeitos poderão ser atenuados.

Como limitações da revisão apresentada, refere-se o facto de não terem sido incluídos outros textos para além do artigo científico, tais como livros e teses. É verdade que esse material traria um maior enriquecimento à revisão, porém fez-se essa opção metodológica a fim de assegurar que os estudos incluídos tivessem sido previamente analisados por pares, de modo a garantir o rigor científico e a qualidade dos trabalhos. Uma outra limitação a apontar é o método da extração dos dados, que pode ter de certa forma enviesado os estudos selecionados, uma vez que os descritores usados na busca de textos estavam em inglês e as próprias bases em que se efetuou a pesquisa contêm, em boa parte de suas indexações, revistas internacionais que somente publicam no referido idioma. Assim, esse procedimento poderá ter limitado o acesso a outros estudos com amostras fora do eixo Europa e América anglo-saxônica, como a América latina, por exemplo, que não estavam indexadas nestas bases de dados. Mais uma vez, no entanto, esta opção prendeu-se ao facto das bases de dados pesquisadas serem as mais referidas no âmbito das Ciências Sociais e Humanas.

Faz-se importante mencionar que nesta revisão, pretendeu-se sistematizar estudos que contemplassem as perspetivas de ambos os elementos do casal, ainda que somente um deles estivesse em situação de desemprego. No entanto, observou-se que ainda são poucos os estudos deste tipo, tendo a maioria um enfoque exclusivo sobre a pessoa desempregada. Tendo o desemprego uma repercussão que ultrapassa o plano individual, um ponto de vista diádico e familiar contribui para melhor se conhecer esta realidade, bem como os efeitos intrafamiliares do desemprego. Esta revisão permitiu solidificar o Objetivo 1 da presente investigação,

no sentido de avaliar as dinâmicas de desemprego numa lógica familiar, considerando o ponto de vista dos dois membros do casal.

Como referido, esta revisão permitiu também perceber que os efeitos do desemprego parecem estar marcados pelas questões de género e papéis de género. Deste modo, para além de se analisarem as diferenças entre grupos de homens e mulheres desempregados, estratégia mais comumente utilizada, focalizar nas relações de género dentro da família parece ser indispensável para compreender as variações observadas no impacto do desemprego. Finalmente, alguns moderadores ou mediadores poderão agir como fatores de proteção ou de vulnerabilidade para os casais em situação de desemprego. Alguns deles foram ainda incluídos no estudo quantitativo que conduzimos no âmbito desta pesquisa e cujas principais conclusões serão apresentadas ao longo das próximas secções.

Já que esta revisão se limitou a artigos científicos de metodologia quantitativa ou mista, submetidos a revisão por pares em revistas internacionais, a partir das bases de dados pesquisadas mais referidas no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, não foram identificados resultados de pesquisas que incidissem sobre amostras brasileiras e somente um dos estudos utilizava uma amostra portuguesa. Desse modo, o estudo qualitativo da avaliação da experiência de desemprego veio suplantar estas fragilidades do estudo de revisão, viabilizando uma melhor apreensão da vivência da situação de desemprego nestes dois países, conforme será discutido de seguida.

4.1.2. Avaliação da experiência do desemprego

Este estudo possibilitou-nos ampliar a compreensão da experiência de desemprego dos casais portugueses e brasileiros que participaram do estudo. Foi adotada uma abordagem mista, que nos permitiu dar voz aos participantes, possibilitando assim uma análise multifacetada da experiência de desemprego do ponto de vista da pessoa/ ator desta situação. Solicitou-se, por perguntas fechadas, que os participantes: a) fizessem uma avaliação da última experiência de emprego formal, b) comparassem entre a situação de desemprego e de emprego, e c) reportassem sua percepção de tensão económica no ambiente familiar. Numa

segunda parte, os participantes listaram livremente aspetos que consideravam positivos ou negativos acerca da vivência do desemprego.

Considerando as respostas às perguntas fechadas, observou-se que no grupo de duplo desemprego, os brasileiros fazem uma avaliação mais positiva da experiência de emprego anterior que os portugueses. Além disso, os brasileiros fazem uma avaliação menos negativa quer da tensão económica vivida pela família, quer da comparação entre as situações emprego anterior vs. desemprego atual. Verifica-se assim que, ainda que os brasileiros tenham uma apreciação mais positiva sobre o emprego anterior, a percepção da situação de desemprego atual não é tão negativa quanto a dos portugueses, evidenciando-se um certo otimismo na forma de significação da experiência atual – ainda que de adversidade. Isto poderá ser explicado pelas diferenças evidenciadas nos estudos de Hofstede et al. (2010) relativamente à dimensão *indulgência vs restrição*, em que os brasileiros tendem a ser mais otimistas que os portugueses, em consequência de uma menor restrição no modelo de educação, podendo esta característica condicionar o modo como os dois países percecionam experiências adversas. Contudo, uma outra explicação possível para esta diferença é o tempo médio de desemprego, sendo este menor para os participantes brasileiros do que os portugueses, pelo que as experiências de desemprego poderão ainda não assumir interpretações tão negativas.

Embora haja uma ampla literatura acerca dos impactos negativos da perda de emprego, ainda há uma escassa produção que privilegie possíveis ganhos secundários da situação de desemprego. Assim, identificar estes possíveis ganhos foi também um dos objetivos deste estudo. Os resultados ressaltaram uma tendência superior em mencionar pontos negativos (60%), tanto em Portugal como no Brasil. Destes, os mais frequentes, independentemente do país, foram conteúdos relacionados a *finanças*. Este resultado é compreensível, uma vez que a perda de emprego acarreta um prejuízo imediato na disponibilidade financeira da família. Em Portugal, o segundo aspeto negativo com maior frequência foi *impacto psicológico negativo*. Ressalta-se que ambas as categorias estão parcialmente associadas, já que é plausível que o desequilíbrio económico resultante do desemprego ocasione mais situações de tensão, o que pode aumentar a incidência de estresse e sintomas psicopatológicos. Estes achados são semelhantes aos de Jolley et al. (2011) em um estudo realizado com trabalhadores australianos que haviam sido demitidos, para os quais a tensão financeira, aumento do stress e preocupações foram os principais

pontos negativos referenciados. Os problemas relativos ao impacto psicológico podem ainda constituir possíveis mediadores da associação entre a situação financeira e a probabilidade de separação do casal, conforme evidenciado no estudo de revisão sistemática.

No Brasil, o segundo aspeto negativo com maior frequência foi *alterações no estilo de vida*. De ressaltar que a amostra brasileira possui maior rendimento económico e maior nível de habilitações literárias, o que poderá explicar o porquê desta categoria ter sido mais referida pela amostra brasileira. Isto é, se o decréscimo da situação económica demanda um rearranjo de alterações na vida dos membros da família, a fim de conseguir adequar as necessidades ao atual orçamento familiar, para pessoas com um maior rendimento e que estão acostumadas a um determinado padrão de vida, esta mudança incidirá em primeiro lugar sobre bens que não são de primeira necessidade, mas ligados ao estilo de vida. Por outro lado, em famílias com menor rendimento, onde já existe alguma tensão económica mesmo com ambos os elementos do casal a trabalhar, a situação de desemprego de um ou de ambos poderá desencadear uma tensão ainda maior nos membros da família, impactando negativamente no ambiente familiar, mas não alterando radicalmente o estilo de vida.

Em ambos os países, o ponto positivo *ter mais tempo* foi o mais referido, constituindo mais da metade dos pontos positivos referidos (53% no Brasil e 61% em Portugal). De destacar que, para muitos, estar empregado implica falta de tempo, sobrecarga e tensão resultantes do conflito em articular o trabalho, a família e a vida social. Assim, a vivência de tempos livres – incluindo o tempo para a família e para si mesmo – é limitada. Estar afastado do emprego poderá permitir a redescoberta de redes de apoio social e emocional, sendo a família a rede mais referida, de acordo com nossos resultados. O *apoio familiar* foi o segundo aspeto positivo mais referido. Este maior investimento na rede familiar poderá ser relevante para o fortalecer das relações conjugais e parentais, como procuramos perceber nos estudos que integram a parte quantitativa desta pesquisa. Conforme será discutido mais à frente, a coesão familiar foi um preditor importante e consistente da satisfação individual, conjugal e parental para todas as configurações de desemprego. O tempo pode também gerar oportunidade para o *investimento em qualificação*, conforme referido por 9% de ambas as amostras. Para os brasileiros, a categoria *reinterpretação positiva* (i.e, extrair da experiência de desemprego um significado de oportunidade de desenvolvimento, aprendizagem e autodescoberta) também foi bastante referida

(11%), evidenciando mais uma vez um maior otimismo dos brasileiros do que dos portugueses face a situações de vida adversas.

Embora *ter mais tempo* tenha sido positivamente referido por muitos, para alguns este aspeto poderá adquirir também um significado negativo, conforme foi verificado. A categoria *(des)organização do tempo* agrupou as perceções negativas acerca deste tempo excedente, consequência da ausência da rotina que a situação de emprego impõe. A análise dos conteúdos indicou que, para algumas pessoas, a quebra da rotina que antes lhes estava assegurada parece perturbadora e traz “pensamentos que esgotam” e “aborrecimento com demasiado tempo ocioso”. Estes resultados coincidem com a *estruturação do tempo* à qual Jahoda (1982) faz referência como sendo um dos benefícios dos quais a pessoa em situação de desemprego está privada. Observa-se que a desestruturação do tempo parece ser mais negativa para os portugueses do que para os brasileiros, uma vez que os portugueses fazem o dobro de menções a este aspeto negativo. De fato, a maior necessidade de controlo e menor tolerância à incerteza dos portugueses (Hofstede et al, 2010) poderá explicar a maior dificuldade em lidar com a ausência de uma rotina estruturada pela dimensão do emprego.

Embora tenham sido apresentadas de modo global, importa ressaltar que as experiências são únicas e, portanto, devem ser tidas em conta as especificidades de cada uma na interpretação destes resultados. Em outras palavras, não se pode assumir que a experiência de desemprego irá necessariamente refletir uma diminuição de bem-estar, do mesmo modo que a experiência de emprego não é, necessariamente, promotora de bem-estar. Isso pôde ser observado por um lado através da categoria *impacto psicológico negativo*, que reuniu conteúdos acerca do efeito negativo da situação de desemprego sobre o bem-estar, e, por outro lado, da categoria *indicadores de saúde*, que abrangeu relatos sobre como o afastamento do emprego anterior havia trazido melhorias para a saúde física e mental. Uma exploração feita aos dados quantitativos indicou que, para grande parte dos participantes que trouxeram conteúdos associados a tais melhorias no bem-estar, a avaliação da experiência anterior de emprego era negativa, o que poderia explicar por que o desligamento do emprego permitiu resgatar o bem-estar e saúde em geral. Os resultados refletem assim a dualidade do trabalho, que pode ser, simultaneamente, libertador e opressor (Antunes, 2013).

Com a exceção de alguns (16.6% em Portugal e 8.2% no Brasil), que integraram a categoria *não há*, os participantes conseguiram listar simultaneamente quer aspetos positivos quer negativos acerca de suas experiências de desemprego. Com relação à frequência observada das categorias, verifica-se que há, em termos percentuais, tendências similares entre os países. As diferenças são encontradas nas referências à *(des)organização do tempo*, *perturbações no ambiente familiar* e *limitações na vida social*, todas estas com maior percentual de frequência por parte dos portugueses do que brasileiros. Por sua vez, os brasileiros referem mais a *reinterpretação positiva* e *alterações no estilo de vida* do que os portugueses. Foram erigidas as mesmas categorias temáticas para ambas as amostras. No entanto, alguns conteúdos foram observados somente nos relatos trazidos pelos participantes brasileiros, dos quais se erigiram as categorias *incerteza* e *paliativos*. Ressalta-se que, no período da recolha dos dados, o Brasil estava a viver um momento de grande instabilidade política, refletindo-se num aumento da inflação e das taxas de desemprego. Diante desse contexto, é possível que o sentimento de incerteza estivesse mais presente devido ao contraste entre o momento histórico que o país atravessava e o período anterior de expansão económica, justificando assim o aparecimento da categoria *incerteza*. Relativamente à categoria a qual denominamos *paliativos*, esta poderá mais uma vez traduzir a diferença de uma dimensão cultural entre os países, sendo os brasileiros tendencialmente mais otimistas do que os portugueses (Hofstede et al, 2010). Assim, mesmo num cenário de maior incerteza, observaram-se no conteúdo de alguns participantes brasileiros, aspetos que foram referidos não propriamente por ser positivos mas por atenuar ou amortecer as consequências negativas da situação de desemprego.

Apesar da mais-valia deste olhar qualitativo e compreensivo sobre os pontos positivos e negativos da situação de desemprego, teria sido importante completar estes dados recorrendo a entrevistas *ex post facto*, o que possibilitaria uma maior compreensão dos conteúdos que emergiram dos aspetos referidos pelos participantes. Para concluir, este estudo pode ser percecionado como um contributo para futuras investigações na área, dado que grande parte dos participantes foi capaz de referir de forma concomitante aspetos positivos e aspetos negativos sobre sua situação de desemprego. Estes resultados não só reforçaram as conclusões obtidas com a revisão sistemática, mas ofereceram também evidências de que estes aspetos perpassam a vivência dos participantes do nosso estudo. Assim, com estes

dois primeiros estudos que integram a presente pesquisa, ficou mais evidente a complexidade da experiência do desemprego, bem como o seu dinamismo. A relação entre desemprego e bem-estar é multifacetada e incide não só sobre o indivíduo mas também sobre a unidade familiar. Sobretudo em tempos de subempregos, precariedade e insegurança, importa assim equacionar algumas das variáveis individuais, familiares ou de contexto que poderiam explicar as variações da relação entre a situação de desemprego e os níveis de satisfação, conforme será discutido de seguida.

4.2. O papel do desemprego na satisfação individual, conjugal e parental: estudos de diferenças e predição

4.2.1. Estudos das diferenças de satisfação

Partimos neste trabalho do pressuposto de que o desemprego tem impactos não só para o indivíduo, mas também no funcionamento da família. Deste modo, procuramos estudar variações nos indicadores de satisfação dos diferentes subsistemas familiares, nomeadamente o individual, conjugal e parental. Procuramos avaliar as diferenças na satisfação em função da configuração de desemprego e dos países, tomando em consideração o carácter não-independente das variáveis dentro do casal. Tanto na amostra portuguesa quanto na brasileira, o grupo em que ambos os cônjuges estavam em desemprego mostrou-se o mais vulnerável, apresentando menores médias de satisfação com a vida e parental, o que nos permitiu confirmar parcialmente a nossa hipótese H2b, já que a satisfação conjugal não parece ter sido afetada por este fator. De acordo com o modelo funcionalista (Jahoda, 1982), os indivíduos que se encontram em situação de desemprego estão em privação quer dos benefícios manifestos, ou seja, poder aquisitivo que proporciona o acesso a bens tangíveis, quer dos benefícios latentes, tais como *identidade, atividade e estruturação do tempo*. Assim, torna-se compreensível que o grupo duplo desemprego, no qual esta privação se estende aos dois membros do casal, represente um maior risco às famílias do que os grupos de desemprego único. Estes resultados vão ao encontro de outros estudos referidos pela literatura, segundo os quais a privação dos benefícios oriundos do emprego gera um impacto negativo sobre as avaliações que a pessoa faz de si mesma

(Arévalo-Pachón, 2012), repercutindo negativamente sobre o bem-estar e a satisfação com a vida (Luhmann et al, 2014). Assim, o duplo desemprego parece ser uma situação bastante prejudicial para os indicadores de satisfação com a vida de ambos os cônjuges. A preocupação em prover os filhos face à perda de rendimentos de ambos os cônjuges será ainda mais desgastante, afetando também a *satisfação parental*. De acordo com os nossos resultados, as médias de satisfação parental do grupo de duplo desemprego eram menores e significativamente diferentes dos outros grupos.

Em consequência disso, os indivíduos poderiam ter uma maior dificuldade na interação conjugal, embora isso não tenha se refletido nas diferenças de médias entre grupos. É de realçar, contudo, que no grupo duplo desemprego, a satisfação das mulheres pareceu ser mais afetada que a dos homens, no que se refere à satisfação com a vida e satisfação conjugal. Assim, verificou-se que as médias de satisfação das esposas eram menores que as de seus maridos. Por ser o cônjuge feminino uma das mais importantes fontes de apoio social (Vinokur & van Ryn, 1993), é possível que quando ambos os elementos estão em situação de desemprego, este apoio não seja recíproco. Assim, a mulher poderá se sentir menos apoiada pelo marido do que o inverso, levando a uma sobrecarga nela pela prestação de apoio ao seu companheiro e, conseqüentemente, sentindo menores índices de satisfação com a vida e conjugal. Esta pode ser uma hipótese explicativa para as diferenças dentro do casal manifestadas no grupo de duplo desemprego. No entanto, são necessários novos estudos para se testar essa hipótese. Além disso, as esferas familiar e profissional costumam ser, na avaliação dos homens, mais segmentadas, enquanto para as mulheres o limite entre as duas esferas é mais tênue (Song et al., 2011). Isso permite ao homem proteger a sua vida conjugal e familiar das tensões que ele experimenta no âmbito profissional, enquanto a mulher estabelece uma ligação mais próxima entre essas duas esferas, o que poderia justificar o maior efeito negativo sobre a apreciação delas relativamente à satisfação conjugal e com a vida. Contudo, na satisfação face ao papel parental, domínio por excelência de realização da mulher, mantém-se a superioridade feminina.

Não foram observadas diferenças de satisfação entre as situações de desemprego único, isto é, desemprego feminino e desemprego masculino. Tanto no Brasil quanto em Portugal, as mulheres têm uma expressiva participação no mercado de trabalho e há um predomínio de casais de duplo-emprego, respondendo não

somente a uma necessidade de incrementar o rendimento familiar mas indicando também uma opção dos casais (Matias & Fontaine, 2014). Assim, observa-se que a permanência da mulher no mercado de trabalho, aliada a vários outros fatores da atualidade, como o movimento feminista na defesa da igualdade entre géneros, estão a contribuir para transformações sociais. Os nossos resultados sugerem que casais brasileiros e portugueses estão a distanciar-se dos papéis sociais tradicionalmente femininos e masculinos e, em consequência, buscando fazer alguns ajustes, por meio da redistribuição equitativa do suporte económico da família e do cuidado com os filhos. Neste sentido, o desemprego é igualmente ameaçador, independentemente do género do cônjuge nesta situação. A par da extensa participação feminina no mercado de trabalho, observa-se nas últimas décadas um aumento da participação dos homens portugueses e brasileiros nas tarefas domésticas e de cuidados com os filhos (Guedes & Araújo, 2011; Wall et al, 2016), apesar de ser um número ainda muito pequeno em comparação ao envolvimento das mulheres no trabalho pago. Evidencia-se assim que, em ambos os países, a perspetiva mais igualitária face os papéis de género seriam partilhadas quer pelos homens, quer pelas mulheres. De acordo com nossos resultados, em configurações de desemprego único (quando as condições de sustento da família estão minimamente asseguradas pelo outro elemento do casal, independente do sexo), homens e mulheres lidam de maneira semelhante com a situação. No entanto, quando não existe este suporte financeiro do cônjuge (i.e., a configuração de duplo desemprego), as mulheres estão mais sensíveis ao efeito negativo quer sobre a satisfação com a vida, quer sobre a satisfação conjugal.

A nossa hipótese de que não haveria diferenças em função do país foi parcialmente confirmada, uma vez que isto só se observou sobre a *satisfação conjugal*. Contudo, o tamanho deste efeito é considerado inexpressivo ($\eta^2_p = 0.019$) de acordo com a classificação de Cohen (1988). Com relação à *satisfação com a vida*, apesar dos portugueses figurarem como um dos povos da união europeia com menor satisfação (Eurostat, 2015) enquanto os brasileiros são conhecidos por sua alegria e festividade, tais diferenças parecem desaparecer quando os casais enfrentam a situação de desemprego. Num estudo sobre felicidade que avaliou 157 países (Helliwell, Layard, & Sachs, 2017), os brasileiros estão na 22ª posição no ranking, enquanto os portugueses aparecem somente no 90º lugar. É possível que estas diferenças culturais mais amplas não alterem a forma como um e outro povo

reagem face a situações de crise, tais como a de desemprego, justificando assim a ausência de diferenças encontradas para a satisfação com a vida. Já a percepção de satisfação conjugal parece ir no sentido oposto, na medida em que se mostrou maior nos casais portugueses do que nos brasileiros. Este resultado foi inesperado e necessita ser interpretado à luz dos estudos seguintes, de modo a identificar fatores que tornariam os casais portugueses mais resistentes, neste caso, aos efeitos negativos do desemprego.

Diante dos resultados acima referidos, bem como de algumas questões que ficaram em aberto, pareceu-nos importante aferir qual o papel que as variáveis individuais e familiares poderão ter na predição da satisfação nas diferentes configurações de desemprego, analisando as influências recíprocas destas no casal. De seguida, serão discutidos os resultados do estudo das diferenças de tais variáveis em função do país, da configuração de desemprego e intracasal, que contribuíram para complementar o estudo de diferenças de satisfação.

4.2.2. Estudo das diferenças de variáveis individuais e familiares

O resultado das análises de variância permitiu-nos confirmar a nossa hipótese de que não haveria diferenças entre os países (H3a) na maioria dos casos, uma vez que só se observou o efeito principal do país sobre a *coesão familiar* (na qual os portugueses avaliaram, mais do que os brasileiros, os membros da família nuclear como bastante unidos) e sobre as *estratégias de coping de busca de suporte*, que foi maior nos brasileiros. Verificou-se que, diante de situações de stress, os brasileiros e portugueses utilizam formas de apoio social diferentes, sendo mais comum aos brasileiros pedir ajuda e conselhos a outras pessoas além do ambiente familiar. Embora não tenhamos elementos que permitam justificar tais diferenças, observa-se que o percentual de variância explicada pelo país é, nos dois casos, reduzido.

Além destes efeitos principais, foram encontrados ainda dois efeitos de interação com o fator país. O primeiro deles deu-se a partir da interação com o fator intracasal: observou-se que as diferenças entre maridos e esposas relativamente à *empatia conjugal* são significativos nos casais portugueses, sendo as portuguesas mais empáticas do que os seus maridos e do que as brasileiras: ademais, os maridos portugueses são menos empáticos que os brasileiros. Num estudo complementar,

em que se fez a adaptação inicial de um inventário de habilidades sociais conjugais em casais portugueses (ver Anexo 2), a comparação entre a estrutura fatorial junto às amostras mostrou que, diante de uma situação de conflito, enquanto casais brasileiros apresentam mais frequentemente o uso de habilidades de autocontrole (i.e., tentar controlar emoções negativas), os casais portugueses buscariam a expressão de sentimento positivo, incluindo considerar o ponto de vista do companheiro por meio das habilidades empáticas. Estes resultados permitem melhor compreender o estudo relativo às diferenças de satisfação, em que os casais portugueses apresentaram maior satisfação conjugal que os brasileiros. É plausível que, para os homens portugueses, a satisfação conjugal possa advir dos níveis de empatia conjugal manifestados por suas companheiras, enquanto para as mulheres portuguesas, diante de uma menor manifestação de comportamentos empáticos por parte dos maridos, isto não se aplicaria. A manifestação feminina de comportamentos empáticos pode ainda ser reforçada pela percepção de eficácia parental dos seus companheiros quando estes estão em desemprego, por ser menos expectável a partir dos papéis sociais tradicionais. Existem evidências na literatura de que os subsistemas conjugais e parentais encontram-se por vezes interligados (Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006). Assim, a admiração das esposas pela dimensão do exercício da parentalidade pelos seus companheiros parece reforçar, nelas, a empatia conjugal e indiretamente a satisfação conjugal dos companheiros (Grizólio & Scorsolini-Comin, 2015).

O segundo efeito de interação do fator país foi, no caso da *eficácia parental*, com a configuração de desemprego, sendo verificado no grupo de desemprego masculino que os casais portugueses tinham maior média de eficácia parental do que os brasileiros. De ressaltar, no entanto, que tanto a magnitude do efeito observado ($\eta^2_p = 0.020$) quanto a potência do teste ($\pi = .582$) foram baixas, pelo que este resultado deverá ser explorado futuramente para que se possa auferir segurança na sua interpretação.

Ainda sobre a eficácia parental, observou-se nos casais uma diferença entre homens e mulheres, independente do país, tendo as mães maior sentimento de eficácia, o que não é surpreendente em função da divisão tradicional dos papéis familiares ainda presentes em ambas as sociedades. Contudo, existem evidências de que a participação dos homens portugueses e brasileiros nas tarefas de cuidado das crianças tem aumentado ao longo os últimos anos (Sousa & Guedes, 2016; Wall

et al., 2016). No entanto, de acordo com relatórios recentes, mais de 83% das crianças brasileiras com menos de quatro anos de idade têm como primeira referência de cuidadora uma pessoa do sexo feminino (IBGE, 2015), o que permite inferir que em termos de cuidados das crianças, esta ainda é uma tarefa que compete essencialmente à mulher, sendo mais difícil aos homens brasileiros se envolverem na educação das crianças e desenvolverem um sentimento de eficácia neste âmbito. Já em Portugal, seja pelas mudanças na legislação (que regulamentam o gozo e a partilha de licenças parentais por parte dos homens), seja por uma mudança que vem sendo observada na população masculina, o envolvimento nas tarefas de educação e cuidados infantis tem vindo a crescer. De acordo com um estudo realizado pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP, 2009), mais da metade dos homens entrevistados relataram sentir-se frustrados por não se envolverem tanto quanto gostariam na parentalidade, visto que trabalhavam a tempo inteiro. Assim, é possível que diante da situação de desemprego, os pais busquem investir mais no papel parental, aumentando assim o sentimento de eficácia, o que explicaria a diferença observada entre os portugueses e brasileiros pertencentes ao grupo desemprego masculino.

Ainda em relação às diferenças intracasal, verificou-se que as esposas manifestaram mais *vulnerabilidade e afetos negativos* do que seus maridos, pelo que a hipótese H3c não foi confirmada. Além disso, observou-se que face ao enfrentamento de dificuldades relacionadas ao papel profissional, as mulheres recorrem mais a *estratégias de busca de suporte* do que os seus cônjuges. De acordo a literatura (Miller & Kirsch, 1987) as mulheres tendem mais para o *coping* focado na emoção enquanto os homens tendem ao *coping* focado no problema, podendo este padrão ser observado na dinâmica conjugal e também face à situação de desemprego (Hanisch, 1999). É verdade que isto dependerá dos padrões de socialização e das normas culturais, sendo geralmente processos diferenciados em função do género. Tanto no Brasil como em Portugal, as crenças associadas às mulheres é que sejam mais expressivas nas suas emoções, nomeadamente nas relações de amizade que geralmente são caracterizadas por maior grau de abertura e intimidade (Matud, 2004), o que torna mais frequente utilizar estratégias de busca de suporte social. Por sua vez, dos homens espera-se que resolvam seus problemas de modo mais agêntico, no sentido de maior controlo e independência (Eagly, 1987), para não demonstrarem “fragilidades” e emoções. Desse modo, é compreensível

que, face a adversidades, as mulheres recorram mais frequentemente a estratégias de busca de suporte, enquanto os homens recorreriam a estratégias cognitivas, ou seja, focado no problema cuja resolução depende de uma ação direta deles. No entanto, verificou-se nos nossos resultados que as mulheres também apresentavam mais *estratégias cognitivas*, embora o poder do teste tenha sido muito reduzido ($\pi = .521$), o que não nos confirma esta última asserção quando em situação de desemprego. Isto pode significar que as mulheres, quando estão a experienciar maior pressão para lidar com situações, como é o caso do desemprego, tentam fazer uso simultaneamente de ambas as estratégias de enfrentamento, no sentido de melhorar o modo como se encontram.

Verificou-se ainda que as mulheres possuem mais *atitudes igualitárias*, embora o grupo desemprego feminino apresente menores médias do que os demais grupos. De fato, de acordo com as expectativas sociais dos papéis de género, a configuração de desemprego em que a figura masculina é o principal provedor da família representa o modelo mais “tradicional”. Assim, verifica-se que nos casais em que esse modelo não é observado (i.e., a figura feminina é o principal provedor da família ou ambos do casal encontram-se sem emprego), os casais manifestam maiores médias de atitudes igualitárias. O fato dos grupos de desemprego masculino e duplo-desemprego apresentarem maiores médias de atitudes igualitárias de género do que o grupo desemprego feminino indica que, apesar da situação de desemprego dos maridos ser uma potencial ameaça ao papel de provedor do homem, pode também criar oportunidade para que ele possa investir mais no papel de cuidador e, com isso, aumentar a percepção de igualdade de género, gerando maiores níveis de satisfação conjugal e empatia das esposas. Neste caso, o investimento parental pode representar um investimento partilhado pelo casal e, portanto, um projeto comum que os aproxima, traduzindo-se num maior sentimento de eficácia parental em ambos, podendo reforçar os níveis de satisfação enquanto casal. No entanto, quando ambos os cônjuges estão em desemprego, o efeito protetor do investimento no papel parental seria suficiente para neutralizar o efeito de risco do desemprego na satisfação conjugal, mas não na satisfação parental. Assim, embora tanto em Portugal como no Brasil este grupo tenha manifestado elevadas médias de eficácia parental, observou-se no estudo de diferenças de satisfação que o grupo duplo desemprego possuía médias inferiores e estatisticamente diferentes de satisfação parental. Além disso, quer os homens quer

as mulheres desta configuração de desemprego manifestaram maior *vulnerabilidade* e maior *afeto negativo*, confirmando a hipótese H3b. Assim, evidencia-se que, nesta configuração, ambos os elementos do casal estariam mais sensíveis individualmente ao efeito negativo do desemprego, repercutindo-se mais na satisfação com a vida e parental.

Aprofundar as especificidades desta configuração familiar de desemprego, identificando quais fatores de proteção serão eficazes para a situação de duplo desemprego parece assim relevante. Desse modo, o estudo acerca dos preditores de satisfação em função de cada uma das configurações de desemprego, que será discutido de seguida, contribui para uma maior elucidação desta problemática, permitindo gerar reflexões acerca das variáveis protetoras e de risco em cada grupo.

4.2.3. Estudo dos preditores

A hipótese de que não haveria diferenças em função do país (H4a) foi praticamente confirmada, apenas com duas exceções. A variável *dummy* “país” revelou-se preditor significativo na variação da *satisfação com a vida* no grupo duplo desemprego, isto é, para este grupo, ser brasileiro seria mais favorável à satisfação. O otimismo, embora não fazendo parte dos preditores avaliados, pode ser uma explicação plausível para este resultado, sendo manifestado mais frequentemente pelos brasileiros que pelos portugueses. Por outro lado, no grupo desemprego feminino, o país foi um preditor negativo da *satisfação parental*, sendo portanto mais favorável aos portugueses. No entanto, ressalta-se que o coeficiente de regressão em ambos os casos foi muito baixo ($\beta = .151$ e $-.116$, respetivamente), pelo que este resultado deve ser examinado com cautela. Curiosamente, apesar das diferenças anteriormente observadas entre os países relativamente à satisfação conjugal (estudo das diferenças de satisfação), o país não foi um preditor direto da *satisfação conjugal*. Isso parece reforçar o papel da empatia como variável mediadora da relação entre país e satisfação com a relação conjugal.

A nossa hipótese (H4b) de que os *afetos negativos* e a *vulnerabilidade* teriam um efeito negativo sobre os níveis de satisfação foi confirmada, embora não em todos os grupos, uma vez que estas variáveis só se mostraram preditores significativos da *satisfação parental* em dois grupos e da *satisfação com a vida* em um dos grupos. Assim, evidenciou-se que tais variáveis representam um risco maior

ao bem-estar no grupo desemprego feminino, influenciando negativamente a satisfação com a vida (no caso dos afetos negativos) e a satisfação parental. Tendo em conta o estudo de diferenças, em que se observaram diferenças em função do género, estes resultados do estudo dos preditores podem ser interpretados conjuntamente, no sentido de que a situação de desemprego das mulheres poderá ter um impacto maior sobre os seus níveis de satisfação, devido a serem tendencialmente mais vulneráveis e com mais afetos negativos.

A *autoeficácia generalizada* mostrou-se um preditor significativo de satisfação com a vida em todos os grupos, confirmando os resultados reportados pela literatura. De fato, a autoeficácia é referida em vários estudos por estar associada à satisfação com a vida (Bandura, 1997; Judge & Bono; 2011; Schwarzer, 1994). As crenças de autoeficácia são consideradas um importante elemento do sentimento de confiança, podendo conduzir a comportamentos pró-ativos face a situações stressoras (Caprara & Steca, 2005). Tais crenças são particularmente relevantes em situações de desemprego, podendo inclusive ser um mediador na promoção do reingresso ao mercado de trabalho (Ferreira et al, 2010). Contudo, no grupo desemprego feminino, a autoeficácia mostrou-se um preditor negativo da satisfação parental. Dado o caráter transversal do nosso estudo, podemos pressupor que os níveis de investimento e satisfação parental estejam associados a uma menor autoeficácia. Deste modo, quando em desemprego, as mulheres poderão estar a efetuar investimentos na esfera parental para compensar o sentimento de falta de agência para lidar com situações adversas. Este resultado, pelo seu caráter inesperado, deverá ser confirmado e aprofundado em estudos futuros.

Verificou-se que as estratégias de coping foram preditores significativos da satisfação com a vida mas apenas no grupo desemprego masculino, tendo-se aferido o efeito positivo das *estratégias de busca de suporte* e o efeito negativo das *estratégias cognitivas*. Parece assim que a busca de suporte social e de apoio instrumental pode trazer um maior sentimento de coesão e pertença a um grupo, sobretudo em relação à família extensa e à rede de amigos (Álvaro & Garrido, 2003; Padilla, Gonzáles, Morales, & Prieto, 2007), promovendo a satisfação com a vida e, com isso, poderá amortecer o efeito negativo da situação de desemprego masculino. De ressaltar que esse efeito positivo se observa também na satisfação conjugal para o grupo de desemprego feminino. Por outro lado, pensar excessivamente na situação e tentar delinear estratégias para superar a adversidade que está fora do controlo

pessoal poderá trazer um maior sentimento de impotência e de insegurança face o futuro, afetando negativamente a satisfação com a vida. De fato, este resultado é semelhante ao encontrado por Hahn et al. (2015) num estudo acerca do coping face o desemprego numa amostra longitudinal alemã, em que os autores concluíram que os indivíduos com maior conscienciosidade (*conscientiousness*) apresentavam maior prejuízo da satisfação com a vida. No entanto, as *estratégias cognitivas de coping* mostraram-se, para o grupo de duplo desemprego, um efeito protetor sobre a satisfação conjugal. Nesse sentido, é possível que, quando ambos os elementos do casal estão em desemprego, haja uma diferente aceção da utilização de estratégias cognitivas. Se, individualmente, o pensar acerca de estratégias para ultrapassar a situação de desemprego pode gerar angústia e menor satisfação com a vida, por outro lado, já que ambos estão na mesma situação profissional, os casais de duplo desemprego estariam mais propensos a “pensar a dois” sobre as formas de lidar com a ameaça externa, o que poderá reforçar a relação conjugal.

Os resultados permitiram-nos confirmar parcialmente a nossa hipótese de que as variáveis familiares seriam preditores da satisfação (H4ac). A *coesão familiar* mostrou-se um importante preditor quer da satisfação parental, conjugal e com a vida. Ora, vivendo em sociedades familistas, é compreensível que para portugueses e brasileiros a avaliação de um ambiente familiar coeso seja um importante preditor de satisfação. Contudo, verificou-se que a coesão familiar parece ser ainda mais importante na configuração de desemprego masculino, em que a variável foi o único preditor e conseguiu explicar 50% da satisfação conjugal. Igualmente, aferiu-se o efeito protetor da *empatia conjugal* sobre a satisfação conjugal e sobre a satisfação parental quando a mulher está em desemprego. No entanto, observou-se que no grupo duplo desemprego a empatia era um preditor negativo da satisfação parental. Analisando em conjunto os resultados do papel das variáveis familiares, pode-se inferir que, quando a mulher está em desemprego (grupos G1 e G3) e portanto possui mais tempo para investir no papel familiar e na relação, a empatia possui um efeito protetor sobre a satisfação conjugal. No entanto, quando somente o marido está em desemprego, a empatia não desempenharia tal efeito protetor, sendo a coesão familiar mais importante. Este resultado vai, portanto, na mesma direção ao que verificado no estudo das diferenças de variáveis familiares, em que as esposas apresentavam maiores índices de empatia que seus maridos.

A variável familiar *eficácia parental* mostrou-se um preditor significativo da satisfação com a vida e satisfação conjugal, mas apenas para o grupo de duplo desemprego. De ressaltar que, para este grupo, o investimento no desempenho do papel parental pode representar um projeto comum e suscetível de união do casal face à adversidade, tendo portanto um efeito protetor sobre a relação conjugal e, a nível individual, sobre a satisfação com a vida de cada um.

De salientar ainda que o modelo formado somente pelas variáveis sociodemográficas não se mostrou adequado para a explicação da variação dos níveis de satisfação, tendo sido na maioria das vezes não significativo ou com variância explicada (R^2 ajustado) desprezível – i.e., aproximadamente 0.05 da satisfação conjugal para os grupos desemprego masculino e duplo desemprego, e 0.08 da satisfação parental para o grupo desemprego masculino. Apesar deste efeito inexpressivo, no grupo dos casais em que somente o homem está em desemprego, *ter filhos* foi um preditor negativo de satisfação com a vida e o *número de filhos* um preditor negativo da satisfação parental. Resultado semelhante foi encontrado por Luhmann et al (2014), que compararam amostras de homens e mulheres em desemprego e observaram que “ter filhos” gerava um maior impacto negativo na satisfação com a vida dos pais em desemprego do que nas mães nesta situação. De fato, é expectável que, face à situação de desemprego, o sentimento de não conseguir cumprir o papel social de provedor seja mais dramático quando se tem filhos, tendo portanto estas variáveis um efeito negativo sobre a satisfação nesta configuração de desemprego.

Embora o género não tenha sido um preditor significativo, fez-se importante investigar se haveria diferenças entre os cônjuges relativamente a alguns efeitos, nomeadamente o efeito negativo da empatia sobre a satisfação parental, pelo seu carácter inesperado; o efeito da empatia sobre a satisfação conjugal para os grupos desemprego feminino e duplo desemprego; e ainda o efeito da coesão familiar sobre a satisfação com a vida. Deste modo, procedemos a uma análise diádica utilizando o modelo de estimação simultânea de efeitos de ator e parceiro (APIM), no sentido de compreender tais efeitos, que serão discutidos de seguida.

4.3. Efeitos de interdependência entre os elementos do casal

Para aprofundar os resultados encontrados no estudo dos preditores, foram conduzidos estudos que objetivavam evidenciar as influências mútuas entre os

membros do casal, considerando-se a sua interdependência. Embora o estudo das análises de variância tenha permitido evidenciar o efeito intracasal, as análises APIM focalizaram diferentes aspectos, no sentido em que se buscou aferir os efeitos recíprocos de um preditor significativo de satisfação na díade.

A *empatia conjugal*, que se mostrou no estudo anterior (estudo dos preditores de satisfação) importante preditor de satisfação, não atua da mesma forma nos três grupos e, em alguns casos, também pode funcionar de modo diferentes em homens e mulheres do mesmo casal. A análise de interdependência relativamente ao uso da empatia conjugal sobre a satisfação com a relação conjugal evidenciou que, nos grupos em que a mulher está em desemprego (grupo desemprego feminino e grupo duplo desemprego), quanto mais os cônjuges usam a empatia, mais cada um deles sente satisfação conjugal. Contudo, no grupo duplo desemprego, o uso desta empatia tem um efeito negativo sobre a satisfação parental. Com base nestes resultados, interpretou-se que os cônjuges pertencentes ao grupo de duplo desemprego estão mais sensíveis aos efeitos negativos do desemprego. Assim, se usarem os seus (poucos) recursos para a conjugalidade, nomeadamente sendo empáticos com os cônjuges, conseguem manter níveis de satisfação conjugal idênticos a de outros grupos menos vulneráveis (desemprego único). Este investimento conjugal pode limitar a possibilidade de investimento parental e, conseqüentemente, a satisfação com este papel. Ou, numa outra interpretação, diante da insatisfação no âmbito profissional e conjugal, o desempenho do papel parental poderá ser um recurso utilizado pelos cônjuges no sentido de amortecer esses efeitos negativos e promover bem-estar, à medida que aumenta a sua satisfação parental.

Faz-se também interessante notar que os efeitos da empatia sobre a satisfação conjugal ocorrem de forma semelhante entre os grupos desemprego feminino e duplo desemprego, quer os de ator quer os de parceiro. Isto é, quanto mais ambos homens e mulheres usam empatia, mais sentem satisfação conjugal. Além disso, este uso por parte dos maridos impacta também positivamente na satisfação conjugal das suas esposas, embora no grupo duplo desemprego este efeito tenha sido apenas marginalmente significativo. Estes dados em conjunto permitem mais uma vez perceber os efeitos de género nestas associações. Já que a empatia afeta igualmente, em homens e mulheres, a percepção do próprio sobre a satisfação com a relação e, como os homens demonstram com menos frequência

comportamentos empáticos (ver estudo de diferenças de variáveis familiares), é possível que as mulheres valorizem mais o fato de seus companheiros emitirem comportamentos de expressão de compreensão e validação de sentimentos, influenciando positivamente a percepção delas sobre a satisfação com a relação.

Ainda em relação às diferentes variações que os preditores de satisfação podem ter sobre os homens e mulheres em função da configuração familiar de desemprego, dentre os grupos de desemprego único, aferiu-se o efeito positivo da percepção de *coesão familiar* sobre a satisfação com a vida do próprio, tanto no grupo desemprego feminino como no de desemprego masculino. No entanto, a percepção dos homens de um ambiente familiar coeso afeta também a satisfação com a vida das mulheres em desemprego, o que não se verifica quando as mulheres estão a trabalhar e os maridos em desemprego. Agregando os resultados acima referidos acerca dos efeitos de parceiro da empatia sobre a satisfação conjugal, podemos inferir que o suporte recebido do companheiro e dos demais membros do agregado poderá desempenhar, ainda mais fortemente em desemprego único feminino, um efeito protetor dos efeitos negativos do desemprego na satisfação.

4.4. Considerações finais

A presente pesquisa buscou preencher uma lacuna evidenciada a partir da revisão da literatura, em que se constatou que boa parte das investigações sobre as consequências psicológicas do desemprego centram-se somente no indivíduo, sendo negligenciados os aspectos de como tais consequências se estendem no âmbito relacional, sobretudo nas relações em que a partilha de vivências e sentimentos é mais intensa, como é o caso dos sistemas conjugal e parental. Considerando a complexidade do sistema familiar, onde o indivíduo participa ativamente, em simultâneo, de pelo menos três subsistemas (individual, conjugal e parental), buscamos analisar a dinâmica de casais em situação de desemprego através da avaliação de cada um relativamente ao seu bem-estar, apreendido a partir do nível de satisfação em cada um desses subsistemas (satisfação com a vida, satisfação conjugal e satisfação parental). Para isso, foram tidos em conta: a) diferentes configurações de desemprego na família, ou seja, as três possíveis – desemprego único do marido, desemprego único da esposa e desemprego de ambos os cônjuges; b) o gênero dentro do casal, uma vez que, na mesma configuração familiar, os efeitos poderão ser diferentes para homens e mulheres. No intuito de

testar a invariância das associações entre o desemprego e a satisfação dos membros do casal, a investigação foi desenvolvida considerando dois contextos culturais, Portugal e Brasil.

Com base no objetivo geral de analisar a variação do bem-estar – a partir dos níveis de satisfação – na experiência dos casais em situação de desemprego, foram definidos três objetivos específicos, que foram operacionalizados em seis estudos. Nestes, em vez de unicamente analisar as diferenças entre homens e mulheres em desemprego – estratégia mais comumente utilizada – buscou-se focalizar também nas relações de género dentro da família, em função do que chamamos “configuração de desemprego”.

Em decorrência disso, algumas principais ideias podem ser apreendidas. Primeiramente, a de que *a experiência psicológica do desemprego, embora idiossincrática, possui uma componente universal*. A revisão da literatura permitiu-nos aceder a diferentes estudos, com amostras de distintos países, e que no entanto parecem revelar experiências similares face ao desemprego. Por exemplo, o relato mencionado pelos participantes nos estudos de Jahoda et al. (1933) em Marienthal, no período pós-Grande Depressão, ainda soa atual e possui semelhanças com o relato dos participantes da nossa presente pesquisa, tanto os brasileiros como portugueses. Obviamente, algumas variáveis podem moderar a experiência de desemprego e definir suas variações, tais como as que foram exploradas na presente investigação e as que foram reportadas em outros estudos (e.g., contexto macroeconómico, políticas de auxílio-desemprego etc). Não obstante, a experiência do desemprego possui aspetos que estão para além da cultura, assim como outros fenómenos estudados pela psicologia. Assim, os nossos resultados confirmam globalmente a invariância da experiência de desemprego em Portugal e no Brasil, sendo a influência do país limitada a algumas situações específicas e com fraco poder preditivo (de 1 a 4%).

Em segundo lugar, *a situação de desemprego é percebida, por ambos os sexos, como uma vivência igualmente negativa*. Os nossos resultados realçaram a associação do desemprego não somente com o decréscimo de bem-estar individual (satisfação com a vida), mas também em termos familiares, na satisfação face aos papéis conjugais e parentais, estando imbricadas as questões de género. Se a revisão de literatura sugeria que o homem seria mais afetado pela situação de desemprego do que a mulher, visto que poderia estar em causa o papel tradicional

masculino de provedor, nossos resultados não confirmaram este pressuposto. Efetivamente, não se observaram diferenças de satisfação entre as configurações de desemprego masculino e feminino; além disso, quando a situação profissional do casal é mais crítica (no caso do duplo desemprego), as mulheres mostraram sentir-se menos satisfeitas com a vida e com a relação conjugal do que seus maridos. Verificou-se também que elas manifestam mais afetos negativos quanto estão desempregadas (grupo desemprego feminino) e estes impactam negativamente na satisfação com a vida. Ademais, elas são mais vulneráveis que os maridos, aspeto que constituiu um preditor negativo da satisfação parental, domínio de realização feminina por excelência. Estes resultados podem ser reflexo de uma mudança cultural quanto ao papel de provedor exclusivamente masculino. O aumento dos casais de duplo emprego e o investimento das mulheres na vida profissional sugerem portanto que a perda de emprego não seria menos dramática para as mulheres do que para os homens.

Contudo, a nossa pesquisa também objetivou debruçar-se sobre *aspetos positivos do desemprego e fatores protetores neste contexto*, temática realçada no estudo qualitativo. Obviamente que os aspetos negativos foram mais frequentemente referidos, uma vez que o papel profissional constitui uma componente marcante na identidade adulta, sendo também gerador de bem-estar. Em sociedades como a portuguesa e a brasileira, em que as famílias de duplo-emprego são representativas da população e constituem, para além da necessidade económica, uma opção de cada um dos cônjuges, a perda de emprego tem, para os homens e para as mulheres, uma apreciação negativa. Apesar dos pontos negativos terem sido mais referidos, os casais têm também consciência de aspetos positivos, como o uso do tempo (associado a possibilidades de novos investimentos quer em termos profissionais quer em termos familiares), bem como a perceção da importância do apoio e coesão familiar, aferida também nos estudos quantitativos. Assim, a nossa pesquisa realçou o papel quer das variáveis ameaçadoras, quer daquelas protetoras dos níveis de satisfação na família. Dentro da dinâmica do casal, encontramos diferenças nas manifestações de tais variáveis. Por exemplo, se as esposas demonstraram maior vulnerabilidade, é verdade que também manifestaram maior perceção de eficácia parental do que seus maridos; ademais, elas utilizam mais a busca de suporte como coping e partilham representações mais igualitárias dos papéis de género.

Nesta pesquisa, recusamos adotar uma análise simplista acerca do fenómeno do desemprego, pelo que foi possível observar diferentes manifestações do papel preditor das variáveis sobre a satisfação em função da configuração de desemprego e do tipo de satisfação avaliada. Por exemplo, o coping cognitivo teve um efeito protetor sobre a satisfação conjugal quando ambos os cônjuges estão em desemprego; no entanto, a mesma variável teve um efeito negativo sobre a satisfação com a vida quando somente os maridos estão sem emprego. Disso, pode-se depreender um outro ponto, o de que *a experiência de desemprego dá-se de modo diferente quer por homens e mulheres do mesmo casal, quer pela configuração do desemprego*. Em decorrência disso, observamos que o grupo de duplo desemprego difere-se dos grupos de desemprego único. Os grupos de desemprego único, por sua vez, embora não se diferenciem entre si em relação às manifestações de satisfação, evidenciam diferentes efeitos de *crossover* entre homens e mulheres. Por exemplo, a *coesão familiar*, que é um importante preditor da *satisfação com a vida* dos próprios membros nos casais de desemprego único, mostrou-se, no grupo desemprego feminino, também preditor da satisfação com a vida do outro membro do casal (efeito de parceiro).

Os resultados não nos permitem, no entanto, apreender o impacto da situação de desemprego em termos longitudinais sobre a dinâmica familiar, uma vez que não temos dados para observar tal impacto ao longo do tempo. Deste modo, o desenho transversal deste estudo é uma limitação, pois nos permite apenas estabelecer relações de associação, que só poderão sustentar hipóteses de influência, a serem confirmadas em estudos futuros. Para além do desenho, o procedimento de recolha dos dados também apresenta algumas limitações, já que os participantes responderam aos questionários sem a presença da pesquisadora, não sendo possível assegurar que o preenchimento foi feito de modo individual e confidencial pelo casal, embora essa tenha sido a instrução. Contudo, a interdependência dos dados do casal foi tomada em consideração, quer pelo uso de ANOVAs mistas quer nos modelos APIM.

Aponta-se ainda como limitações do estudo o facto dos casais recrutados não incluírem famílias para além das normativas, não se tendo, portanto, casais do mesmo sexo. Além disso, o método não probabilístico utilizado para composição das amostras deve ser tido em conta, uma vez que limita a extrapolação dos resultados para a população. É de realçar que a disponibilidade dos casais para a participação

na pesquisa situou-se aquém do esperado, pelo que não conseguimos uma dimensão da amostra conforme planeado no projeto. Este é um fator que deverá ser considerado em estudos futuros no recrutamento dos participantes. Apesar destas dificuldades, seria importante em investigações futuras utilizar amostras representativas da população e um desenho que permita observar de modo longitudinal o efeito dinâmico do desemprego sobre os níveis satisfação, comparando os vários momentos ao longo do tempo – antes do desemprego, durante e depois.

Uma outra limitação prende-se ao fato de não termos considerado algumas variáveis sociodemográficas que poderão ter influências nas manifestações de satisfação. Nomeadamente, a idade dos filhos tem uma relação importante com o papel parental, no sentido em que filhos mais novos exigem tarefas específicas dos pais, sendo estas diferentes das que se esperam para filhos adultos ou adolescentes. Em outras palavras, as dificuldades económicas decorrentes da situação de desemprego poderão ser percecionadas como mais ameaçadoras do papel parental e, conseqüentemente, da satisfação com o desempenho deste papel, em função de necessidades – tais como alimentação, educação e sustento – que variam de acordo com o estágio de desenvolvimento e idade dos filhos. O fato de não termos conseguido avaliar a manifestação do otimismo, dado que o instrumento não apresentou qualidade psicométrica satisfatória, é também uma limitação, já que não nos permitiu avaliar diferenças culturais a este nível e sustentar algumas das hipóteses explicativas que foram apresentadas.

Ressalta-se que a presente investigação incluiu participantes com diferentes características sociodemográficas (e.g., habilitações, tempo de desemprego e nível socioeconómico), conferindo heterogeneidade aos grupos e uma maior riqueza aos resultados. Além disso, o fato de termos incluído também os cônjuges da pessoa em desemprego, em diferentes configurações de desemprego, é um ponto inovador do nosso estudo, sendo o primeiro estudo a fazer comparações deste tipo entre amostras portuguesas e brasileiras, realçando a invariância da experiência de desemprego e suas conseqüências nos dois países.

Espera-se que esta pesquisa suscite discussões e novas linhas de investigação, dada a relevância da temática do desemprego e da precariedade do trabalho vividas no momento histórico atual desses dois países. De ressaltar que esta pesquisa surge em um momento crítico para ambos os países, nos quais os

índices de desemprego são bastante elevados, tornando-se fundamentais medidas de ordem pública mas também, mais do que isso, estudos com relevância social. Ademais, diante de uma maior vulnerabilidade que a situação de duplo desemprego poderá representar, torna-se relevante que profissionais que atuam em órgãos públicos no atendimento ao público em desemprego possam estar atentos e capacitados para identificar os casos em que as pessoas estão mais fragilizadas e realizar, quando necessário, o encaminhamento para programas sociais ou psicoterapia. Em termos de implicações clínicas, depreende-se a partir dos resultados a relevância de fortalecer não somente aspectos individuais da pessoa em desemprego, mas também aspectos da dinâmica conjugal e parental, no sentido de promover o bem-estar. Assim, realizar sessões terapêuticas incluindo os membros da família poderá fortalecer a coesão familiar e, conseqüentemente, fortalecer a pessoa no enfrentamento da situação de desemprego.

V. Referências

- Álvarez, J., & Garrido A. (2003). *Desempleo, salud y exclusión social*. Madrid: Siglo XXI.
- Amato, P.R. and Beattie, B. (2011). Does the unemployment rate affect the divorce rate? An analysis of state data 1960–2005, *Social Science Research*, 40(3), 705–715. doi:10.1016/j.ssresearch.2010.12.012
- Antunes, R. (2013). Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2ª ed. Coimbra: Almedina.
- Anusic, I., Yap, S. C. Y., & Lucas, R. E. (2014a). Does personality moderate reaction and adaptation to major life events? Analysis of life satisfaction and affect in an Australian national sample. *Journal of Research in Personality*, 51(1), 69–77. doi:10.1016/j.jrp.2014.04.009
- Arbuckle, J. L. (2016). *IBM® SPSS® Amos™ 24 user's guide*. [On-line]. Retrieved from http://public.dhe.ibm.com/software/analytics/spss/documentation/amos/24.0/en/Manuals/IBM_SPSS_Amos_Users_Guide.pdf
- Arévalo-Pachón, G. (2012). Tendencias en la investigación psicológica sobre desempleo y salud. *Revista Iberoamericana de Psicología: Ciencia y Tecnología*, 5(2), 17–30. Retrieved from <http://revistas.iberoamericana.edu.co/index.php/-ripsicologia/article/view/242/210>.
- Bandeira, M., Bekou, V., Lott, K. S., Teixeira, M. A., & Rocha, S. S. (2002). Validação transcultural do Teste de Orientação da Vida (TOV-R). *Estudos de Psicologia* 7(2), 251-258. doi: 10.1590/S1413-294X2002000200006
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: W.H. Freeman.
- Bastianello, M. R., Pacico, J. C., & Hutz, C. S. (2014). Optimism, self-esteem and personality: Adaptation and validation of the Brazilian version of the Revised Life Orientation Test (LOT-R). *Psico-USF*, 19(3), 523–531. doi: 10.1590/1413-82712014019003014.
- Bedin, L. M., & Sarriera, J. C. (2014). Propriedades psicométricas das escalas de bem-estar: PWI, SWLS, BMSLSS e CAS. *Avaliação Psicológica*, 13(2), 213–225. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000200009

- Blais, M. R., Vallerand, R. J., Pelletier, L. G., & Briere, N. M. (1989). L'Échelle de satisfaction de vie: Validation canadienne-française du Satisfaction With Life Scale. *Canadian Journal of Behavioral Science*, 21(2), 210-223. doi: 10.1037/h0079854
- Blustein, D. L. (2008). The role of work in psychological health and well-being: A conceptual, historical, and public policy perspective. *American Psychologist*, 63, 228–240. doi: 10.1037/0003066X.63.4.228
- Bradburn, N. M. (1969). *The structure of psychological well-being*. Chicago: Aldine.
- Brines, J. (1994). Economic dependency, gender and the division of labor at home. *American Journal of Sociology*, 100 (3), 652-688. doi: 10.1086/230577
- Bronfenbrenner, U. (1996). A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In S. L. Friedman, & T. D. Wachs (Eds.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (pp. 3-28). Washington, DC: American Psychological Association
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon (Ed.), *Handbook of child psychology* (5th ed., Vol. 1, pp. 993-1028). New York: Wiley
- Caprara, G. V., & Steca, P. (2005). Self-efficacy beliefs as determinants of prosocial behavior conducive to life satisfaction across Ages. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 24(2), 191-217. doi: 10.1521/jscp.24.2.191.62271
- Carver, C. (1997). You want to measure coping but your protocol's too long: Consider the brief COPE. *International Journal of Behavioral Medicine*, 4, 92-100. doi:10.1207/s15327558ijbm0401_6
- Carver, C. S., & Connor-Smith, J. (2010). Personality and Coping. *Annual Review of Psychology*, 61, 679-704. doi:10.1146/annurev.psych.093008.100352
- Carver, C. S. & Scheier, M. F. (2002). *The hopeful optimist*. Mahwah, NJ: Erlbaum.

- Carver, C. S., Scheier, M. F., & Weintraub, J. K. (1989). Assessing coping strategies: A theoretically based approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 267-28. doi: 10.1037//0022-3514.56.2.267
- Cascio, W. F., & Aguinis, H. (2008). Research in industrial and organizational Psychology from 1963 to 2007: Changes, choices, and trends. *Journal of Applied Psychology*, 93(5), 1062-1081. doi: 10.1037/0021-9010.93.5.1062.
- Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2011). Características psicométricas da Relationship Assessment Scale. *Pisco-USF*, 16(3), 255-264. doi: 10.1590/S141382712011000300002.
- Castel, R. (1998). As metamorfoses da questão social: Uma crônica do salário. 9ª ed. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Coelho-Lima, F., Costa, A. L. F., & Bendassolli, P. F. (2013). A produção científica da Psicologia brasileira acerca do desemprego. *Universitas Psychologica*, 12(4), 1283-1299. doi: 10.11144/Javeriana.UPSY12-4.pcpb.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. (2nd edition). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Coimbra S., & Fontaine A. M. (1999). Adaptação da escala de auto-eficácia generalizada percebida. In A. P. Soares, S. Araújo, & S. Caires (Eds.), *Avaliação psicológica, formas e contextos VI* (pp. 1061–1069). Braga, Portugal: APPORT.
- Cole, K., Daly, A., & Mak, A. (2009). Good for the soul: The relationship between work, wellbeing and psychological capital. *Journal of Socio-Economics*, 38, 464-474. doi: 10.1016/j.socec.2008.10.004.
- Coleman, P. & Karraker, K. (1997). Self-efficacy and parenting quality: findings and future applications. *Developmental Review*, 18, 47–85. doi: 10.1006/drev.1997.0448
- Conger, R. D., & Conger, K. J. (2002). Resilience in Midwestern families: Selected findings from the first decade of a prospective, longitudinal study. *Journal of Marriage and Family*, 64, 361–373. doi: 10.1111/j.1741-3737.2002.00361.x
- Conger, R. D., & Donnellan, M. B. (2007). An interactionist perspective on the socioeconomic context of human development. *Annual Review of Psychology*, 58, 175-199.

- Conger, R. D., Elder, G., Lorenz, F., Conger, K. J., Simns, R., Whitbeck, S., Huck, S., & Melby, J. (1990). Linking economic hardship to marital quality and instability. *Journal of Marriage and the Family*, *52*, 643- 656.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992). *The revised NEO-PI/NEO-FFI Professional Manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Cramer, D. (2006). How a supportive partner may increase the relationship satisfaction. *British Journal of Guidance & Counseling*, *34*(1), 117-131. doi: 10.1080/03069880500483141.
- Deaux, K., & Major, B. (1987). Putting gender into context: An interactive model of gender-related behavior. *Psychological Review*, *94*, 369-389. doi: 10.1037/0033-295X.94.3.369.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2014). *Psicologia das relações interpessoais e habilidades sociais: Vivências para o trabalho em grupo*. (11^a ed.). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- DeNeve, K. M., Cooper, H. (1998). The happy personality: A meta-analysis of 137 personality traits and subjective well-being. *Psychological Bulletin*, *124*(2), 197–229. doi:10.1037/0033-2909.124.2.197.
- Diamond, L. M., & Hicks, A. M. (2012). “It’s the economy, honey!” Couples’ blame attributions during the 2007–2009 economic crisis. *Personal Relationships*, *19*, 586–600. doi:10.1111/j.1475- 6811.2011.01380.x.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life. *Journal of Personality Assessment*, *49*(1), 71 -75. doi: 10.1207/s15327752jpa4901_13.
- Diener, E., Suh, E.M., Lucas, R.E., & Smith, H.L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, *125*, 276-302. doi: 10.1037/0033-2909.125.2.276.
- Dinkel, A., & Balck, F. (2006). Psychometric analysis of the German Dyadic Adjustment Scale. *Zeitschrift fur Psychologie*, *214*, 1-9.
- Eagly, A. H. (1987). *Sex differences in social behavior: A social-role interpretation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Eagly, A. H., & Steffen, V. J. (1986). Gender and aggressive behavior. A meta-analytic review of the social psychological literature. *Psychological Bulletin*, *100*, 309-330. doi: 10.1037/0033-2909.100.3.309

- Eisenberg, P., & Lazarsfeld, P. (1938). The psychological effects of unemployment. *Psychological Bulletin*, 35, 358-390. doi: 10.1037/h0063426.
- Erdwins, C., Buffardi, L., Casper, W. & O'Brien, A. (2001). The relationship of women's role strain to social support, role satisfaction, and self-efficacy. *Family Relations*, 50, 230-238. doi:10.1111/j.1741-3729.2001.00230.x
- Estramiana, J. L. A., Gondim, S. M. G., Luque, A. G., Luna, A. F., & Dessen, M. C. (2012). Desemprego y bienestar psicológico en Brasil y España: Un estudio comparativo. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 12(1), 5–16.
- Evertsson, M., & Neramo, M. (2004). Dependence within families and division of labor: Comparing Sweden and the United States. *Journal of Marriage and the Family*, 66, 1272-1286. doi: 10.1111/j.0022-2445.2004.00092.x.
- Ferreira, A. (2002). *Desigualdades de género no actual sistema educativo Português*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Ferreira, B., Veríssimo, M., Santos, A. J., Fernandes, C., & Cardoso, J. (2011). Escala de sentimento de competência parental. Análise confirmatória do modelo de medida numa amostra de pais portugueses. *Laboratório de Psicologia*, 9(2), 147-155.
- Ferreira, J. A., Freitas, R. A., Costa, R. M., Santos, E. R. (2010). Contributos para a compreensão da população desempregada: o papel dos padrões de crenças motivacionais. *Psychologica*, 52(2), 643-672.
- Flores-Mendonza, C. E. (2007). *Inventário de personalidade NEO-Revisado*. Manual técnico. São Paulo: Vetor Editora.
- Fonseca, G., Cunha, D., Crespo, C., & Relvas, A. P. (2016). Families in the context of macroeconomic crises: A systematic review. *Journal of Family Psychology*, 30(6), 687-697. doi: 10.1037/fam0000230.
- Fontaine A., Andrade C., Matias M., Gato J., & Mendonça M. (2007). Family and work division in dual earner families in Portugal. In I. Crespi (Ed.), *Gender mainstreaming and family policy in Europe: Perspectives, research and debates*. Milan, Italy: Vita e Pensiero.
- Freyre, G. (1998). *Casa-grande e senzala*. 34^a ed. Rio de Janeiro: Editora Record (original publicado em 1933).
- Fryer, D. (1986). Employment deprivation and personal agency during unemployment: A critical discussion of Jahoda's explanation of the psychological effects of unemployment. *Social Behaviour*, 1, 3-23.

- Fryer, D. (1997). Agency restriction. In N. Nicholson (Ed.), *The Blackwell encyclopedic dictionary of organizational psychology*. Oxford, England: Blackwell
- Gautié, J. (1998). Da invenção do desemprego à sua desconstrução. *Mana*, 4(2), 67-83. doi: 10.1590/S0104-93131998000200003.
- Giacomoni, C. H. & Hutz, C. S. (1997). A mensuração do bem-estar subjetivo: Escala de afeto positivo e negativo e escala de satisfação de vida. In Sociedade Interamericana de Psicologia (Org.). *Anais XXVI Congresso Interamericano de Psicologia* (pp. 313). São Paulo, Brasil: SIP.
- Gibaud-Wallston, J., & Wandersmann, L. P. (1978). *Development and utility of the Parental Sense of Competence*. Toronto, Canadá.
- Gonzalez, R. & Griffin, D. (2001). A statistical framework for modeling homogeneity and interdependence in groups. In G. Fletcher & M. Clark (Eds). *Blackwell handbook of social psychology: Interpersonal process* (pp. 505-534). Malden, MA: Blackwell.
- Gough, M., & Killewald, A. (2011). Unemployment and families: The case of housework. *Journal of Marriage and Family*, 73, 1085–1100. doi: 10.1111/j.1741-3737.2011.00867.x.
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Fonseca, P. N., & Coelho, J. A. P. M. (2009). Life satisfaction in Brazil: Testing of psychometric properties of the satisfaction with life scale (SWLS) in five Brazilian samples. *Social Indicators Research*, 90, 267-278.
- Grizólio, T. C., & Scorsolini-Comin, F. A. (2015). A percepção da parentalidade de cônjuges engajados em casamentos de longa duração. *Psicologia em Estudo*, 20(4), 663–674. doi: 10.4025/psicoestud.v20i4.29536.
- Guedes, M. C., & Araújo, C. (2011). Desigualdades de gênero, família e trabalho: Mudanças e permanências no cenário brasileiro. *Revista Gênero*, 12, 61-79.
- Hahn, E., Specht, J., Gottschling, J., & Spinath, F. M. (2015). Coping with unemployment: The impact of unemployment duration and personality on trajectories of life satisfaction. *European Journal of Personality*, 29(6), 635-646. doi: 10.1002/per.2034.

- Haid, M-L., & Seiffge-Krenke, I. (2013). Effects of (un)employment on young couples' health and life satisfaction. *Psychology and Health*, 28(3), 284–301. doi: 10.1080/08870446.2012.720983.
- Hanisch, K.A. (1999). Job loss and unemployment research from 1994 to 1998: a review and recommendations for research and intervention. *Journal of Vocational Behaviour*, 55 (2), 188-220.
- Hansen, H-T. (2005). Unemployment and marital dissolution: A panel data study of Norway. *European Sociological Review* 21(2), 135–148. doi: 10.193/esr/jci009
- Helliwell, J., Layard, R., & Sachs, J. (2017). *World happiness report*. [On-line]. Consultado em <<http://worldhappiness.report/wpcontent/uploads/sites/2/2017/03/HR17.pdf>>
- Hendrick, S. S., Dicke, A., & Hendrick, C. (1998). The relationship assessment scale. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15(1), 137-142. doi:10.1177/0265407598151009.
- Heretick, D. (2013). Clinicians' reports of the impact of the 2008 financial crisis on mental health clients. *Journal of Social, Behavioral, and Health Sciences*, 7(1), 1-21.
- Hofstede, G. (1980). *Culture's consequences*. Beverly Hills, CA: Sage Publications.
- Hofstede, G., Hofstede, G. J., Minkov, M. (2010). *Cultures and organizations: Software of the mind*. (3rd ed.). New York: McGraw-Hill.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015). *Suplemento Aspectos dos cuidados das crianças de menos de 4 anos de idade*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Instituto Nacional de Estatística (2017). Estimativas mensais de emprego e desemprego. Retrieved from https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE-&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=281091716&DESTAQUES_modo=2.
- Jahoda, M. (1982). *Employment and unemployment. A socio-psychological analysis*. Cambridge: Press of University of Cambridge.
- Jahoda, M., Lazarsfeld, P., & Zeisel, H. (1933). *Marienthal: The sociography of an unemployed community*. Chicago: Aldine- Atherton.
- Johnston, C. & Mash, E. J. (1989). A measure of parenting satisfaction and efficacy. *Journal of Clinical Child Psychology*, 18(2), 167-175.

- Jolley, G., Newman, L., Ziersch, A., & Baum, F. (2011). Positive and negative impacts of job loss on family life: The perceptions of Australian car workers. *Australian Journal of Social Issues, 46*(4), 411-433.
- Judge, T.A., & Bono, J.E. (2001). Relationship of core self-evaluations traits – self-esteem, generalized self-efficacy, locus of control, and emotional stability—with job satisfaction and job performance: A meta-analysis. *Journal of Applied Psychology, 86*(1), 80-92. doi: 10.1037/0021-9010.86.1.80.
- Kanfer, R., Wanberg, C. R. & Kantrowitz, T. M. (2001). Job search and employment: A personally-motivacional analysis and meta-analytic review. *Journal of Applied Psychology, 86*(5), 837-855.
- Kassenboehmer, S., & Haisken-DeNew, J. P. (2009). You're fired! The causal negative effect of entry unemployment on life satisfaction. *The Economic Journal, 119*(536), 448-462. doi: 10.1111/j.1468-0297.2008.02246.x.
- Kaufman, H. G., & Uhlenberg, P. (2000). The influence of parenthood on the work effort of married men and women. *Social Forces, 78*(3), 931-947. doi: 10.1093/sf/78.3.931.
- Kenny, D. A., Kashy, D. A., & Cook, W. L. (2006). *Dyadic data analysis*. New York, NY: Guilford Press.
- Kinnunen, U., & Feldt, T. (2004). Economic stress and marital adjustment among couples: Analyses at the dyadic level. *European Journal of Social Psychology, 34*, 519-532.
- Kippen, R., Chapman, B., Yu, P., & Lounkaew, K. (2013). What's love got to do with it? Homogamy and dyadic approaches to understanding marital instability. *Journal of Population Research, 30*, 213–247. doi: 10.1007/s12546-013-9108-y.
- Kline, R. B. (2011). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling*. (3th ed.). New York: Guilford Press.
- Kloep, M., & Tarifa, F. (1993). "Linking economic hardship to families' lives and children's psychological well-being." *Childhood, 1*(3), 125–33.
- Knabe, A., Schöb, R., & Weimann, J. (2015). Partnership, gender, and the well-being cost of unemployment. *Social Indicators Research, 124*(2), 1–21. doi: 10.1007/s11205-015-1167-3.
- Kroska, A. (2003), Investigating gender differences in the meaning of household chores and childcare. *Journal of Marriage and Family, 65*, 456-473.

- Lang, J.C., & Lee, C.H. (2005). Identity accumulation, others' acceptance, job search self-efficacy, and stress. *Journal of Organizational Behavior*, 26, 293-312. doi: 10.1002/job.309.
- Leme, V. B. R., Coimbra, S., Gato, J., Fontaine, A. M., & Del Prette, Z. A. P. (2013). Confirmatory factor analysis of the Generalized Self-Efficacy Scale in Brazil and Portugal. *Spanish Journal of Psychology*, 16(93), 1-11. doi:10.1017/sjp.2013.93
- Lima, M. P., & Simões, A. (1997). O inventário da personalidade NEO-PI-R: Resultados da aferição portuguesa. *Psychologica*, 18, 25-46.
- Luhmann, M., Lucas, R. E., Eid, M., & Diener, E. (2012). The prospective effect of life satisfaction on life events. *Social Psychological and Personality Science*, 4(1), 39-45. doi: 10.1177/1948550612440105.
- Luhmann, M., Weiss, P., Hosoya, G., & Eid, M. (2014). Honey, I Got Fired! A longitudinal dyadic analysis of the effect of unemployment on life satisfaction in couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 107(1), 163–80. doi: 10.1037/a0036394.
- Marôco, J. (2014). *Análise estatística com utilização do SPSS*. (6ª ed.). Lisboa: Report Number.
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software e aplicações* (2ª ed.). Lisboa: Report Number.
- Marôco, J., Campos, J. B., Bonafé, F. S., Vinagre, M. G., & Pais-Ribeiro, J. (2014). Adaptação transcultural Brasil-Portugal da escala Brief Cope para estudantes do ensino superior. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 15(2), 300-313. doi: 10.15309/- 14psd150201.
- Matias, M., & Fontaine, A. M. (2012). A conciliação de papéis profissionais e familiares: O mecanismo psicológico de spillover. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 235–244. doi: 10.1590/S0102-37722012000200012.
- Matias, M., & Fontaine, A. M. (2014). Managing multiple roles: Development of the work-family conciliation strategies scale. *Spanish Journal of Psychology*, 17(56), 1 -11. doi:10.1017/sjp.2014.51.
- Matos, P. M., & Fontaine, M. (1996). *Family environment scale – FES: Adaptação portuguesa*. Manuscrito não-publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

- Matud, M. P. (2004). Gender differences in stress and coping styles. *Personality and Individual Differences, 37*(7), 1401-1415.
- McKee-Ryan, F., Song, Z., Wanberg, C., & Kinicki, A. (2005). Psychological and physical well-being during unemployment: A meta-analytic study. *Journal of Applied Psychology, 90*, 53-76. doi: 10.1037/0021-9010.90.1.53
- Mendolia, S. (2014). The impact of husband's job loss on partners' mental health. *Review of Economics of the Household, 12*(2), 277–294. doi: 10.1007/s11150-012-9149-6.
- Miller, S. M., Kirsch, N., (1987). Sex differences in cognitive coping with stress. In: Barnett, R. S., Biener, L., Baruch, G.K. (Eds.), *Gender and Stress*. Free Press, New York, pp. 278–307
- Mintz, S. (1998). From patriarchy to androgyny and other myths: placing the men's family roles in historical perspective. In A. Booth & A. Crouter (Eds). *Men in families: when do they get involved? What difference does it make?*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Moher, D., Shamseer, L., Clarke, M., Ghersi, D., Liberati, A., Petticrew, M., ..., Stewart, L. A. (2015). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses protocols: The PRISMA statement. *Systematic Reviews, 4*(1), 1-9.
- Moos, R. H., & Moos, B. S. (1986). *Family Environment Scale* (2nd ed.). Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: Mapeando conceitos. *Paideia, 16*(35), 315- 325.
- Neto F, Barros J, Barros A (1990). Satisfação com a vida. In: Almeida S, Santiago R, Silva P, Oliveira L, Caetano O, Marques J (eds), *A acção educativa - análise psicossocial* (pp.91 – 100). Leiria, Portugal: ESEL/APPORT.
- Ngai, F-W., Chan, S. W-C., & Holroyd, E. (2007). Translation and validation of a chinese version of the parenting sense of competence scale in chinese mothers. *Nursing Research, 56*(5), 348-354.
- Nilsson, W. (2008). Unemployment, splitting up, and spousal income replacement. *Labour, 22*(1), 73 –106. doi: 10.1111/j.1467-9914.2007.00401.x.

- Oesch, D., & Lipps, O. (2013). Does unemployment hurt less if there is more of it around? A panel analysis of life satisfaction in Germany and Switzerland. *European Sociological Review*, 29(5), 955–967. doi: 10.1093/esr/jcs071.
- Ohan, J. L., Leung, D. W., & Johnston, C. (2000). The Parenting Sense of Competence scale: Evidence of a stable factor structure and validity. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 32(4), 251-261.
- Padilla, E. M., Gonzales, C. F., Morales, A. G., & Prieto, D. P. (2007). Estrategias de afrontamiento de crisis causadas por desempleo en familias con hijos adolescentes en Bogotá. *Acta Colombiana de Psicología*, 10(2), 127–141.
- Papp, L., Cummings, E. M., & Goeke-Morey, M. (2009). For richer, for poorer: Money as a topic of marital conflict in the home. *Family Relations*, 58, 91-103. doi: 10.1111/j.1741-3729.2008.00537.x.
- Parsons, T. (1964). Family structure and the socialization of the child. In T. Parsons & R. F. Balles (Eds.), *Family, socialization and interaction process* (pp. 35- 133). London: Routledge & Kegan Paul.
- Pavot, W., & Diener, E. (1993). Review of the satisfaction with life scale. *Psychological Assessment*, 5(2), 164-172.
- Pedroso-Lima, M., Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A. , Costa, J. J., Costa, J. M., Costa, P. (2014). A versão portuguesa do NEO-FFI: Caracterização em função da idade, género e escolaridade. *Revista Psicologia*, 28(2), 1-10.
- Perrucci, C. C. (1994). Economic strain, family structure and problems with children among displaced workers.” *Journal of Sociology and Social Welfare*, 21(3), 79–91.
- Poeschl, G, Múrias, C., Ribeiro, R. (2003). As diferenças entre os sexos: Mito ou realidade? *Análise Psicológica*, 2 (21), 213-228.
- Poeschl, G., Valentim, J. P., & Pereira da Silva, B. (2015). The thousand shades of the financial and economic crisis: a study of the social representations of the crisis in Portugal. *The Spanish Journal of Psychology*, 18(77), 1-10. doi: 10.1017/sjp.2015.73.
- Price, R. H., Friedland, D. S., & Vinokur, A. D. (1998). Job loss: Hard times and eroded identity. In J.H. Harvey (Ed.) *Perspectives on loss: A sourcebook* (pp. 303-316). Philadelphia, PA: Taylor & Francis.

- Procter, N., Papadopoulos, I., & McEvoy, M. (2010). Global economic crises and mental health. *Advances in Mental Health, 9*, 210-214.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, M. A. (2010). Estratégias micropolíticas para lidar com o desemprego: Contribuições da psicologia social do trabalho. *Psicologia Política, 9*(18), 331–346.
- Ribeiro, J. L. P., Pedro, L., & Marques, S. (2012). Dispositional optimism is unidimensional or bidimensional? The Portuguese Revised Life Orientation Test. *The Spanish Journal of Psychology, 15*(3), 1259-1271. .doi: 10.5209/rev_SJOP2012.v15.n3.39412
- Ribeiro, J. L. P. & Rodrigues, A. P. (2004). Questões acerca do coping: A propósito do estudo de adaptação do Brief cope. *Psicologia, Saúde & Doença, 5* (1), 3-15
- Scheier, M. F., Carver, C. S., & Bridges, M. W. (1994). Distinguishing optimism from neuroticism (and trait anxiety, self-mastery, and self-esteem) – a reevaluation of the Life Orientation Test. *Journal of Personality and Social Psychology, 67*, 1063–1078. doi: 10.1037//0022-3514.67.6.1063
- Schmitt, C. (2008). A cross-national perspective on unemployment and first births. *European Journal Population, 28*, 303-335.doi: 10.1007/s10680-012-9262-5
- Schwarzer, R. (1994). Optimism, vulnerability, and self-beliefs as health-related cognitions: A systematic overview. *Psychology and Health, 9*, 161-180.
- Schwarzer, R., & Jerusalem, M. (1995). Generalized Self-Efficacy scale. In J. Weinman, S. Wright, & M. Johnston, *Measures in health psychology: A user's portfolio. Causal and control beliefs* (pp. 35-37). Windsor, UK: NFER-NELSON.
- Seabra-Santos, M. J., Major, S., Pimentel, M., Gaspar, M. F., Antunes, N., & Roque, V. (2015). Escala de Sentido de Competência Parental (PSOC): estudos psicométricos. *Avaliação Psicológica, 14*(1), 97-106. doi 10.15689/ap.2015.1401- 11.
- Silva, N. C. B., & Aiello, A. L. R. (2009). Análise descritiva do pai da criança com deficiência mental. *Estudos de Psicologia, 26*(4), 493 - 503.

- Simões, A. (1992). Ulterior validação de uma escala de satisfação com a vida (SWLS). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 26(3), 503 - 515.
- Sousa, L. P., & Guedes, D. R. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, 30(87), 123-139. doi:10.1590/S0103-40142016.30870008.
- Ström, S. (2003). Unemployment and families: A review of research. *Social Service Review*, 77(3), 399-430. doi: 10.1086/375791
- Suwansujarid, T., Vatanasomboon, P., Gaylord, N., & Lapvongwatana, P. (2013). Validation of the parenting sense of competence scale in fathers: Thai version. *Southeast Asian Journal of Tropical Medicine and Public Health*, 44(5), 916-926.
- Terrisse, B., & Trudelle, D. (1988). *Questionnaire d'auto-évaluation de la compétence éducative parentale (Q.A.E.C.E.P.). Traduction, adaptation et validation de la Parenting Sense of Competence Scale*. Montréal, Université du Québec.
- Teti, D. & Gelfand, D. (1991). Behavioral competence among mothers of infants in the first year: The meditational role of maternal self-efficacy. *Child development*, 62(5), 918-929. doi:10.2307/1131143.
- Viana, V. P. T., Silva, E. A., & Souza-Formigoni, M. L. O. (2007). Versão em português da Family Environment Scale: Aplicação e validação. *Revista Saúde Pública*, 41(3), 419-426.
- Vieira, C. M. C. (2006). *É menino ou menina? Género e educação em contexto familiar*. Coimbra: Almedina.
- Villa, M. B., & Del Prette, Z. A. P. (2012). *Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC-Villa&Del-Prette): Manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo.
- Villa, M. B., & Del Prette, Z. A. P. (2013). Marital satisfaction: The role of social skills of husbands and wives. *Paidéia*, 23(56), 379-388. doi: 10.1590/1982-43272356201312.
- Voydanoff, P. (1983). Unemployment and family stress. In H. Z. Lopata and J. H. Pleck (Eds.) *Interweave of Social Roles*, 3 (pp. 239-250). Greenwich, CT: JAI Press.

- Voydanoff, P. (1990). Economic distress and family relations: A review of the eighties. *Journal of Marriage and the Family*, 52, 1099–1115. doi: 10.2307/353321.
- Wall, K., Cunha, V., Atalaia, S., Rodrigues, L., Correia, R. V., & Rosa, R. (2016). *Livro Branco. Homens e igualdade de género em Portugal*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Watson, D., Clark, E. & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 1063-1070. doi: 10.1037//0022-3514.54.6.1063.
- West, C., & Zimmerman, D. H. (1987). Doing gender. *Gender and Society* 2(1), 125-151. doi: 10.1177/0891243287001002002.
- Zanon, C., Bardagi, M. P., Layous, K., & Hutz, C. S. (2013). Validation of the Satisfaction with Life Scale to Brazilians: Evidences of measurement noninvariance across Brazil and US. *Social Indicators Research*, 119(1), 443-453. doi:10.1007/s11205-013-0478-5.

